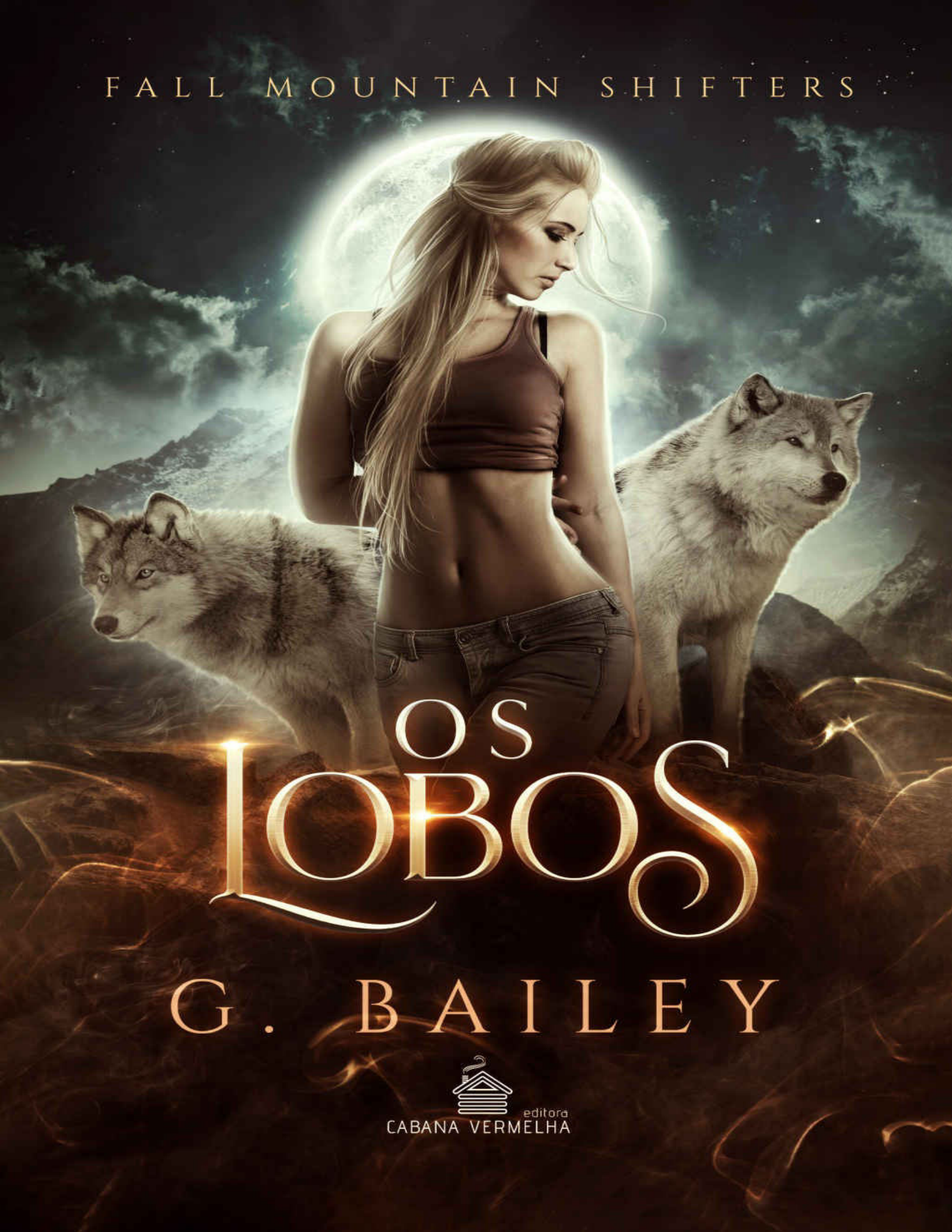
FALL MOUNTAIN SHIFTERS



OS LOBOS

G. BAILEY

editora
CABANA VERMELHA

FALL MOUNTAIN SHIFTERS

OS LOBOS

G. BAILEY



Tradução:

Erika Robles

Copyright © 2021 by G. BAILEY

[2022]
Todos os direitos dessa edição reservado à
EDITORA CABANA VERMELHA
Parque Universitário - Campinas/SP

TÍTULO ORIGINAL:
Her Wolves
DIRETORA EDITORIAL:
Elaine Cardoso
TRADUÇÃO
Erika Robles
PREPARAÇÃO:
Mari Vieira
REVISÃO:
Renata Brook
DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA:
Elaine Cardoso
CAPA ORIGINAL
Rebecca Frank

Vol.1
1ªEdição
ISBN: 978-65-87221-47-2

Todos os direitos reservados ©. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um sistema de recuperação, ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecâni-co, de fotocópia, de gravação, ou outros), sem permissão prévia por escrito do autor e da editora.

SUMÁRIO

SINOPSE
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
NOTA DA AUTORA
SOBRE A AUTORA

DEDICATÓRIA

Algumas pessoas nascem com um milhão de histórias em mente.

Esta é uma das minhas.

SINOPSE

Eu não sabia nada sobre parceiros até o alfa me rejeitar...

Por crescer em uma das maiores matilhas do mundo, tenho minha vida planejada para mim a partir do momento que fizer dezoito anos e encontrar meu par perfeito na cerimônia da lua.

Descobrir seu par perfeito te dá o poder de compartilhar a energia de lobisomem que ele tem, dada para os machos da matilha pela própria deusa da lua. O poder de se transformar em um lobo.

Mas pela primeira vez na história da nossa matilha, o novo alfa é pareado com uma ninguém. Uma órfã vivendo no orfanato da matilha sem ancestrais ou poder para reivindicar. Eu.

Depois de ser brutalmente rejeitada pelo meu parceiro alfa, humilhada de maneira pública e jogada no mar, os lobos sombrios da matilha Fall Mountain me encontram.

Eles me salvam. Os quatro alfas. Os que o mundo teme por causa da escuridão em que vivem. No mundo deles? Ser rejeitado é a única maneira de se juntar a matilha. O único jeito que seu deus perdido e proibido lhes dá o poder de se transformar sem um parceiro.

Passei minha vida venerando a deusa da lua, quando na verdade minha vida sempre pertenceu a outro...

Esse é um livro de harém reverso cheio de machos alfas sensuais, cenas quentes, uma heroína forte e muito sarcasmo. Indicado para maiores de 18 anos. Essa é uma trilogia.

CAPÍTULO 1

— Não se esconda de nós, filhotinha. Você não quer brincar com os lobos?

A voz do beta Valeriu soa ao meu redor enquanto me escondo embaixo das escadas da casa vazia, evitando algumas teias de aranha que ficam presas nos meus longos cabelos loiros. Sem fôlego, afundo no chão e envolvo as pernas com os braços, tentando não inalar o denso odor de umidade e poeira. Fechando os olhos, rezo para a deusa da lua para que eles fiquem entediados de me perseguir, mas bem sei. Nenhuma deusa vai salvar minha bunda essa noite. Não quando estou sendo caçada por lobos de verdade.

Eu cometi um erro. Um grande erro. Fui para uma festa da matilha, como todos os meus outros colegas de classe, na casa do beta, para celebrar o fim da escola e, pessoalmente, meus dezoito anos. Por alguma pequena razão, pensei que poderia ser normal por uma noite. Ser como eles.

Não apenas mais uma das crianças órfãs que a matilha mantém vivas por causa das leis criadas por uma deusa que ninguém viu em centenas de anos. Deveria saber que os betas em treinamento ficariam bêbados e decidiriam que me perseguir, para mais um dos seus espancamentos "divertidos", seria um bom jeito de se provarem.

Limpo o sangue do lábio inferior, onde um deles me acertou com o punho na floresta, e olho para meus dedos molhados de sangue em um feixe de luz da lua que brilha pela parede de madeira quebrada atrás de mim.

Eu não sei o porquê acho que alguém vai me salvar. Não sou nada para eles, para a matilha, ou para a deusa lunar a quem rezo toda noite, como

todos nessa matilha fazem.

A deusa da lua não havia me salvado de *merda* nenhuma. Passos pesados ecoam mais próximos, mudando de folhas amassadas para baques no chão de concreto, e sei que estão na casa agora. Um rato corre ao lado da minha perna e quase grito enquanto pulo para trás, colidindo com um painel de metal que vibra e bate contra outro, revelando minha localização para os lobos que me caçam.

Merda.

Minhas mãos tremem enquanto levanto e saio lentamente para o meio do recinto, Beta Valério entra com dois lacaios que cambaleiam para seu lado. Olho pela sala, vejo que as escadas estão quebradas e há um enorme buraco no segundo andar. Parece ter surgido em um incêndio, mas não tem outra saída. Estou bem encrencada agora. Eles param em uma linha de intimidação, os três são musculosos e grandes o bastante para levantarem um carro. O cabelo preto deles é da mesma cor, tenho certeza que deve ser porque são todos primos, e eles têm a pele super bronzeada, o que não combina com a palidez da minha. Considerando que sou uma criança órfã, podia pelo menos ter a mesma aparência que eles, mas não, a deusa da lua me deu cabelos loiros que sempre crescem rápido e pele clara, cheia de sardas que chamam atenção. Pareço como a lua se comparando com a beleza do sol com todo mundo na minha matilha.

Beta Valeriu dá um longo gole na sua bebida, os olhos com um brilho verde, seu lobo deixando claro que gosta da caçada. Valeriu é o mais novo beta, assumindo o lugar do pai, que se aposentou esses dias com duzentos anos de idade e deu o papel para o filho por espontânea vontade. Mas Valeriu é um babaca. Simples assim. Ele pode ser bonito, como a maioria dos cinco betas são, mas falta uma certa quantidade de cérebro em cada um deles. Mas a verdade é que lobos não necessitam de esperteza para serem betas, apenas

precisam ser da linhagem certa e matarem quando o alfa estalar os dedos.

Todos os lobos gostam de caçar e matar. Maldição, sou sempre a presa nessa matilha.

— Você sabe que não pode fugir da gente, pequena Mairin. Pequena Mary, o cordeiro que corre do lobo — ele cantarola a última parte, dando um passo lento para frente, o sapato esfregando a sujeira sob seus pés. Sempre as piadas sobre altura com esse panaca. Ele pode ter mais do que um metro e oitenta, e tudo bem, minha altura de um metro e sessenta não é intimidante, mas ninguém ouviu o ditado: *pequena, mas mortal?*

Mesmo que eu não fosse nada mortal.

— Quem te convidou para minha festa?

— A sala inteira foi convidada — respondi.

Ele dá risada, o som frio ecoando ao meu redor como uma onda de geada.

— Nós dois sabemos que você pode pertencer a essa matilha, mas é apenas por causa da lei sobre matar crianças fêmeas. Se não fosse por isso, nosso alfa teria te rasgado ao meio há muito tempo.

Sim, conheço a lei. A lei que diz que crianças fêmeas não podem ser mortas devido a ausência de lobos fêmeas nascidas na matilha. Tem mais ou menos uma fêmea para cada cinco lobos, e tem sido assim há muito tempo e ninguém sabe o motivo. Então, quando me encontraram na floresta com doze anos, sem memórias e quase morta, eles tiveram que me acolher e salvar minha vida.

Uma vida, eles me lembravam todos os dias, que me havia sido dada apenas por causa daquela lei. A lei não impedia o alfa de me tratar como a bosta na sola do seu sapato ou me espancar até quase a morte por diversão. Mas, apenas eu. A outra criança órfã que mora comigo é macho, então ele não recebe atenção "especial" que recebo. Ainda bem.

— Nós dois sabemos que você não pode me matar, ou bater o suficiente para chamar atenção sem o alfa aqui. Então por que não vai embora e encontra alguma garota boba para te manter ocupado na festa? — solto, cansada disso tudo. Cansada de nunca dizer o que quero para esses idiotas, temendo o alfa o tempo inteiro. Uma risada amarga sai da boca do Valeriu e dessa vez seus olhos inteiros brilham. Os dos seus amigos também, percebo bem na hora que passei do limite com minha língua afiada.

Meu cuidador do orfanato sempre disse que minha boca me colocaria em problemas.

Parece que ele está certo mais uma vez.

Um rosnado ameaçador explode do peito do Beta Valeriu, fazendo os pelos nos meus braços se eriçarem enquanto dou um passo para trás bem no momento que ele se transforma. Vi isso milhares de vezes, mas é sempre incrível e aterrorizante ao mesmo tempo. Energia do lobo, magia pura da floresta verde e obscura, explode ao redor do seu corpo enquanto ele muda de forma. O único som no recinto são seus ossos estalando e minha respiração rápida e em pânico enquanto procuro outra vez por uma forma de sair daqui, apesar de saber que é inútil.

Acabei de cutucar um lobo. Um lobo beta, um dos mais poderosos da nossa matilha.

Bom trabalho, Irin. Ótimo jeito de se manter viva.

A magia de transformação desaparece, deixando um grande lobo branco no espaço onde Valeriu estava. O lobo se assoma sobre mim, como a maioria deles faz, a sua cabeça é enorme o bastante para me comer com apenas uma mordida. Bem na hora que ele dá um passo à frente para atacar; e me preparo para algo doloroso, a sombra de um homem pula dos sarrafos acima de mim, pousando com um baque. Vestido com uma capa branca cobrindo jeans e uma camisa, meu cuidador adotivo bloqueia por completo

minha forma da visão do Valeriu, e suspiro aliviada.

— Sugiro que vá embora antes que te ensine o que um experiente, apesar de aposentado, lobo beta pode fazer com um jovem filhote como você. Confie em mim, vai doer, e nosso alfa vai fazer vista grossa.

A ameaça paira no ar, dita com uma autoridade que Valeriu nunca sonharia em ter na sua voz com dezoito anos. O recinto fica em silêncio, preenchido por uma densa tensão por um longo tempo antes de escutar o lobo correndo para longe, seguido por dois pares de passos se movendo rápido. Meu cuidador adotivo durão se vira devagar, abaixando o capuz e afastando o longo cabelo cinza do rosto. Coberto por rugas, Mike é um ancião, e até esse dia, não tenho ideia do porquê ele se ofereceu para trabalhar com os órfãos da matilha. Seus olhos azuis me lembram do mar pálido que vi uma vez quando tinha doze anos. Ele sempre se veste como um *Jedi* dos filmes humanos, com capas longas e espadas presas no quadril que parecem sabres de luz quando brilham com magia, e ele me diz que esse é seu estilo.

Seu nome é mais humano do que a maioria dos nomes da matilha que são usados em excesso. Meu nome, que é a única coisa que sei sobre meu passado graças a um bilhete na minha mão, é o mais incomum possível. De acordo com um antigo livro de nomes, quer dizer: *"a rebelião deles"*, o que não faz sentido. Mike parece ser um nome normal para humanos, e pelo pouco de interação que tive com eles pela sua tecnologia, seu nome não poderia ser mais comum.

— Você tem muita sorte que minhas costas estavam doendo e decidi fazer uma caminhada, Irin — ele comenta com um tom severo, e suspiro.

— Sinto muito — respondo, sabendo que não tem muito mais que possa dizer nesse ponto. — A cerimônia de acasalamento é amanhã, e queria uma noite sendo normal. Não deveria ter me esgueirado para fora do orfanato.

— Não, você não deveria quando sua liberdade está tão próxima — ele contrapõe, pegando meu queixo com gentileza em seus dedos e virando minha cabeça para o lado. — Seu lábio está cortado, e tem um hematoma considerável na sua bochecha. Você gosta de apanhar desses filhotinhos?

— Não, claro que não — digo, puxando o rosto para longe, ainda sentindo o gosto ferruginoso do sangue na boca. — Eu queria ser normal! É pedir demais?

— Normal é para humanos, não para lobisomens. Foi por isso que eles nos deram o Reino Unido e a Irlanda e então construíram muros ao redor das ilhas para nos impedirem de sair. Eles querem o normal, e nós não queremos nada além do que está aqui: nossa matilha — ele começa, narrando o que já sei. Eles concordaram há trezentos anos que ficaríamos com essa parte da terra para nós, e os humanos ficariam com o restante. Ninguém queria miscigenação, e essa foi a melhor forma de manter a paz. Então as terras do Reino Unido foram separadas em quatro matilhas. Uma na Inglaterra, uma no País de Gales, uma na Escócia e outra na Irlanda. Agora existem apenas duas matilhas, graças as guerras dos lobisomens: a Ravensword que é meu lar, que venera a deusa da lua, e a Fall Mountain, que domina a Irlanda, uma matilha com a qual sempre estamos em guerra. Quem quer que venerem, não é a nossa deusa, e tudo o que sei sobre eles, sugere que são brutais. Sem sentimentos. Cruéis.

E é por isso mesmo que nunca tentei abandonar minha matilha e ir para lá. Pode ser uma *merda* aqui, mas pelo menos é meio seguro e tenho um futuro. De certa forma.

— Você acha que vai ser melhor para mim quando descobrir meu parceiro amanhã? — pergunto, não que eu queira um parceiro que vai me controlar com sua energia de lobo. Mas quer dizer que vou me transformar em uma loba, como todas as outras fêmeas podem fazer depois de

acasalarem, e eu sempre quis isso.

E mais, uma pequena parte do meu íntimo quer saber quem a deusa da lua escolheu para mim. A outra metade da minha alma. Meu verdadeiro parceiro. Alguém que não vai me ver como a órfã sem família, e vai apenas me querer.

Mike olha para mim, e alguma coisa ilegível passa pelos seus olhos. Ele vira e começa a sair da casa abandonada e corro para alcançá-lo. Flocos de neve caem no meu cabelo enquanto passamos pela floresta, de volta ao orfanato, o lugar que finalmente vou deixar amanhã, de uma forma ou de outra. Puxo minha jaqueta de couro pelo peito, sobre minha camiseta marrom, para me aquecer. Meus *jeans* rasgados e gastos estão ensopados de neve depois de alguns minutos andando, a neve se tornando mais densa a cada minuto. Mike está quieto enquanto caminhamos pelas pedras que marcam a pequena trilha até chegarmos ao topo da colina com vista para a cidade principal da matilha de Ravensword.

Prédios altos cercam o rio Tamisa que flui pelo meio da cidade. As luzes brilhantes fazem parecer como um reflexo das estrelas no céu, a visão é linda. Pode ser um lugar perturbado, mas não posso evitar admirar. Lembro da primeira vez que vi a cidade daqui, alguns dias depois de ter sido encontrada e curada. Lembro de pensar que havia acordado do inferno para ver o paraíso, mas logo aprendi que paraíso era uma palavra muito boa para esse lugar. A noite era silenciosa aqui, sem o barulho normal das pessoas na cidade, olho para baixo em silêncio me perguntando o porquê havíamos parado.

— O que você vê quando olha para a cidade, Irin?

Solto um suspiro profundo.

— Um lugar do qual preciso escapar.

Não vejo sua decepção, mas posso senti-la com facilidade.

— Vejo minha casa, um lugar com escuridão nos cantos, mas tanta luz. Vejo um lugar onde mesmo um lobo órfão sem nenhuma família ou ancestrais pode encontrar felicidade no futuro — ele responde. — Pare de olhar para as estrelas por uma fuga, Irin, porque amanhã vai encontrar sua casa na cidade que você está tentando com muita força ver apenas escuridão.

Ele continua a andar, e o sigo, tentando fazer o que pediu, mas dentro de segundos meus olhos voltam para as estrelas novamente.

Porque Mike está certo, estou sempre procurando por uma forma de escapar, e sempre irei. Eu não nasci nessa matilha, e vim de fora das paredes que existem há centenas de anos. Essa é a única explicação da forma que me encontraram na floresta com nada mais do que uma pequena garrafa de vidro na mão e um bilhete com meu nome. Ninguém sabe como é possível, muito menos eu, mas de alguma forma vou descobrir. Eu preciso.

CAPÍTULO 2

— Acorde! Você tem um livro na cara. — Pisco até abrir os olhos, não vejo nada além de linhas embaçadas até erguer o livro que estava lendo do rosto e esfregar o nariz. Maldição, devo ter pegado no sono lendo outra vez. Fecho o livro de romance, escrito por humanos, sobre demônios em uma escola e viro o olhar para onde meu irmão adotivo está segurando a porta aberta. Jesper Perdita tem os cabelos castanho-escuros e compridos que caem ao redor do seu rosto e ombros, suas roupas são todas um pouco grandes demais e rasgadas em alguns lugares, são todas de segunda mão. Mas ele sorri todo maldito dia, e só por isso, eu o amo. Com oito anos, age como se tivesse a mesma idade que eu, graças a perder sua família há um ano e não ter outros parentes para abrigá-lo. Não ligo que não somos parentes de sangue, de alguma maneira, sempre estarei aqui por ele, pois ele não teve uma infância assim como eu não tive. Somos crianças órfãs em uma matilha que odeia nossa existência e eles garantem que saibamos isso.

O fato que eles o mantêm vivo é só porque um dia ele pode ter um lobo poderoso quando fizer dezesseis anos. Se não tiver, não vai ter família nenhuma para salvá-lo do que acontece em seguida. Tenho um pouco mais de sorte, no sentido que vou encontrar um parceiro, toda fêmea sempre encontra na cerimônia de acasalamento no ano que fizer dezoito anos, e meu parceiro não vai ter outra escolha a não ser me manter viva. Mesmo que odeie quem eu sou, nosso destino está ligado do momento que o laço é mostrado.

— Que horas são, Scrubs? — pergunto, precisando tirar o pensamento da cerimônia da cabeça e pensar em qualquer coisa antes de pirar. Ele franze

o nariz com o apelido, que surgiu das inúmeras vezes que precisou esfregar o rosto da sujeira e lama todos os dias. É a criança mais bagunceira que já vi, e é incrível. Quero um futuro diferente para ele, um em que poderia ter o mesmo sobrenome que todos na matilha além das crianças órfãs. Nós recebemos o sobrenome Perdita, que significa perdido em latim, porque estávamos perdidos em todos os sentidos da palavra.

Todo mundo na matilha compartilha o mesmo sobrenome que o alfa: Ravensword.

— Seis da manhã. Temos que sair para a cerimônia em uma hora, e Mike disse que você precisa tomar banho e se vestir no banheiro — responde. Ele olha para baixo, dando chutinhos nervosos com o pé. — Mike disse alguma coisa sobre pentear o cabelo para que não pareça com um ninho de ratos.

Dou uma bufada e passo a mão pelo cabelo. Tudo bem, posso não pentear muito, mas as ondas rebeldes não querem ser domadas.

— Não vou conseguir um parceiro, e nunca voltar. Você sabe disso, certo? — indago, saindo da cama quente para um local muito mais frio. Flocos de neve cobrem a janela do meu quarto que está um pouco aberta, vou em sua direção e a fecho antes de olhar de volta para Jesper. Ele encontra meu olhar com seus olhos azuis brilhantes, mas não diz nada.

— Quem quer que descubra que você é parceira deles vai querer que tenha um novo começo. Sem esse lugar e eu te seguindo por aí. Posso ter oito anos, mas não sou bobo — retruca.

O piso de madeira range sob meus pés enquanto ando em sua direção e o abraço, descansando a cabeça no topo da sua. A verdade é, não posso prometer muito a ele. Os machos em uma parceria têm controle sobre as fêmeas, e resistir a esse controle é doloroso, ou é o que dizem. É por isso que a deusa da lua é a única que pode escolher um parceiro para nós, porque se

desse errado, seria um desastre para todos os envolvidos.

— Se meu parceiro fizer isso, vou descobrir uma maneira de fazê-lo me deixar ver você. A deusa da lua não vai me dar um parceiro que vou odiar. Todos os parceiros se amam — conto para ele o que ouvi.

— Não gosto de despedidas — ele responde, se afastando de mim. — Então não vou com você hoje. Não vou.

— Entendo, pequeno — digo enquanto ele anda na direção das escadas. Ele não olha para trás, e estou orgulhosa dele, mesmo que doa observá-lo tomar mais uma decisão que apenas adultos deveriam tomar.

Volto para meu pequeno quarto, que tem uma cama de solteiro com lençóis brancos, um colchão barulhento, e um armário com gavetas. Pego minhas toalhas e desço as escadas para o único banheiro da casa velha e peculiar. O banheiro é a primeira porta no corredor, e a fecho atrás de mim, sem me preocupar em acender a lâmpada já que está claro o bastante com a luz entrando pelas estreitas janelas no alto da parede. Os papeis de parede de golfinho que cobrem todas as paredes estão soltando, e a banheira de porcelana com pés de garras fica bem no meio do recinto. Um vaso creme e uma fileira de armários brancos gastos estão do outro lado, com uma pia no meio deles. Pendurado atrás da porta está o vestido que sempre temi ver e ainda assim queria porque é a melhor roupa que vou usar.

O vestido de acasalamento é feito sob medida para todas as fêmeas da matilha, pago pelo alfa para comemorar esse dia cheio de alegria, e cada um é feito para venerar a deusa da lua. O meu não é diferente. O vestido é de seda pura e mais macio do que poderia ter imaginado ao passar os dedos nele. A barra é forrada com cristais brancos brilhantes, e a parte de cima é justa no busto e barriga. A parte inferior cai como um vestido de baile, mais pesada que a superior e cheia de dúzias de camadas de seda que brilham enquanto as movo.

Ao olhar para a roupa, sou preenchida pela vontade de fugir. Pela vontade de correr para o mar e nadar até o muro para ver se tem alguma forma de sair. Qualquer maneira de escapar as escolhas que fui dada na vida.

Mike estava certo, não posso ver a luz na matilha, porque a escuridão sufoca muito. Toma muito.

Eu me afasto até a parte de trás das minhas pernas baterem contra a banheira fria, e escorrego para o chão, envolvendo as pernas com os braços e apoiando a cabeça nos joelhos.

De uma forma ou de outra, a cerimônia de acasalamento vai mudar tudo para mim.

— Depressa, Irin. Temos uma viagem de quatro horas, e esse não é o dia que você pode se atrasar como qualquer outro da sua vida! — Mike grita pela porta, batendo duas vezes.

— Estou indo — grito de volta, me arrastando para os pés e afastando todos os pensamentos de tentar escapar para o fundo da minha mente. Era uma ideia estúpida, de qualquer maneira. As terras da matilha são fortemente vigiadas e eles sentiriam meu cheiro de longe. Depois de um banho rápido para tirar a sujeira e lavar o cabelo, escovo os fios ondulados até caírem na cintura em cachos, mesmo sabendo que o vento vai bagunçar tudo assim que sair. O vestido é fácil de colocar e depois de calçar as botas, limpo o vapor do espelho para me olhar.

Esta manhã, meus olhos verdes, da cor de musgo misturado com pontos prateados, parecem mais brilhantes contra minha pele pálida, emoldurada por cabelos loiros quase dourados. Pareço tão assustada quanto me sinto com este dia, mas isso é o que a deusa da lua quer, e ela é nossa ancestral. A primeira a uivar para lua e receber o poder de se transformar.

Ela não vai me decepcionar hoje.

Aceno para mim mesma, como uma boba, e saio do banheiro para

encontrar Mike e meu outro irmão adotivo esperando por mim. Mike bufa e anda para longe, murmurando algo como um cordeiro ao abate baixinho, olho para Daniel. Seus olhos castanhos estão arregalados enquanto olha para mim da cabeça aos pés, decerto percebendo pela primeira vez que sua melhor amiga é, na verdade, uma mulher. Ele está acostumado comigo usando jeans ou roupas largas, seguindo-o pela floresta enlameada e não dando a mínima se cada uma das minhas unhas se quebrarem.

E nunca uso vestidos. Não assim. Daniel passa a mão pelo cabelo castanho cor de lama, que precisa ser cortado, antes de sorrir.

— Merda, você está diferente, Irin — comenta com uma voz densa. Daniel é um ano mais velho do que eu, e quando foi testado pelo seu poder ano passado, descobriu ser um lobo muito poderoso. É o próximo na fila para ser beta se alguém morrer, o que seria algo muito importante para uma criança órfã. De qualquer maneira, ele está livre desse lugar, e quem sabe, pode até ser meu parceiro. Uma pequena parte minha espera que sim, pois Daniel é meu melhor amigo e seria muito fácil passar a vida com ele. Não tenho certeza se seria romântico, já que nunca o vi dessa maneira. Ele é bonito de uma forma rústica, então acho que poderíamos descobrir.

— Nervoso com hoje? — pergunto para ele, já que é sua segunda cerimônia de acasalamento, e é possível que encontre uma parceira. É comum para um macho encontrar sua parceira na segunda ou terceira cerimônia, mas para as fêmeas é sempre na primeira.

Ele limpa a garganta e encontra meu olhar.

— Sim, mas quem não estaria?

— Eu. Estou muito tranquila com isso — respondo, sarcástica. Ele ri e se aproxima, me abraçando como sempre faz. Dessa vez, escuto seu lobo ressoar no peito, as vibrações passando pelos meus braços.

— Se você acasalar com um babaca, te ajudo a matar ele e esconder o

corpo. Entendeu? — diz e dou risada da sua piada, até ele se afastar e colocar as mãos nos meus ombros. Ele move uma das mãos e inclina meu queixo para que eu o encare. — Não estou brincando, Irin. Não ligo para quem seja, eles não vão brincar com você.

— Parceiros são sempre uma combinação perfeita — respondo, franzindo o nariz. — Por que você pensaria...

Ele abaixa a voz ao me cortar.

— Você não vive na cidade como eu, e posso te falar agora, parceiros não são uma combinação perfeita. Nem de longe. A deusa da lua... bom, não sei o que ela está fazendo, mas você precisa tomar cuidado. Muito cuidado por causa da sua história.

— Por que você não me contou isso antes? — exijo.

Ele dá de ombros.

— Acho que não queria que você pensasse demais e tentasse fugir. Não posso te salvar do que eles fariam se fugisse, mas posso te proteger de um parceiro ruim. Ou seja, ameaçar quebrar todos os ossos no corpo dele se te machucar.

— Daniel... — sou interrompida quando Mike volta para o corredor e limpa a garganta.

— Entrem no carro, agora. Fica ruim para mim quando estamos atrasados! — bufa, segurando a porta da frente aberta. Daniel usa seu sorriso encantador para fazer os lábios de Mike se moverem em risada enquanto me apresso para a porta da frente e saio na neve congelante. Ela afunda no meu vestido e sapatos, mas gosto da serenidade fria do ar, que me força a deixar as preocupações de lado por um segundo.

— Sempre sonhando acordada, essa aqui — Mike murmura enquanto passa por mim, conversando com Daniel ao seu lado. — Os olhos dela vão ficar presos olhando para as nuvens um dia.

— Pelo menos teria uma vista bonita pelo resto da minha vida — falo às costas do Mike enquanto me apresso atrás deles pelo caminho até o carro velho esperando na estrada. Nós não usamos carros com frequência, apenas hoje e viajar para funerais é permitido, pela maior parte, porque carros são velharias que fazem muito barulho e gastam muito combustível. Daniel abre a porta amarela enferrujada do veículo e escorrego para o outro lado do banco antes de colocar o cinto enquanto Daniel e Mike entram. Mike dirige e Daniel se senta ao meu lado ao invés do banco da frente.

Depois de dez minutos na estrada, entendo o porquê Daniel sentou ao meu lado; quando minhas mãos tremem e ele as cobre com as suas.

Por favor, deusa da lua, escolha Daniel ou alguém decente. Não quero me tornar uma assassina de parceiros no meu primeiro ano como loba.

CAPÍTULO 3

Luzes multicoloridas piscantes passam pelos meus olhos quando acordo com a cabeça apoiada no ombro largo do Daniel, seu braço em volta da minha cintura, é tão inesperado que levanto com um pulo, quase batendo a cabeça no seu queixo. Ele se move super-rápido, com os reflexos que seu lobo fornece, e por pouco não é acertado pela minha cabeça. Escorrego para longe do braço do Daniel que limpa a garganta, se endireitando no assento e passando uma mão pelo cabelo denso. Ao invés de conversar sobre o momento desconfortável, viro e olho pela janela, que tem gelo preso nas bordas, para ver que estamos dirigindo pela encosta que dá vista para o mar brilhante entre o País de Gales e a Irlanda. Vim para esse lugar apenas uma vez quando tinha quinze anos em uma viagem escolar para ver onde a cerimônia de acasalamento acontece e o que deveríamos esperar do futuro.

Se algum lugar desse mundo me fazia acreditar em mágica, era esse. Um lugar que tem estado nos meus sonhos por muitos anos. Para maioria dos lobos, esse é o lugar onde conhecerão seus lobos e começarão sua nova vida. Para mim é uma forma de escapar do passado e por fim descobrir o que a deusa da lua quer para mim. Não pode ser essa vida que tenho, a tortura nas mãos dos líderes da matilha, a dor de ser uma pária sem família.

Encontro os olhos de Mike pelo retrovisor e vejo um toque de tristeza neles, como sempre, porque ele ouviu e viu todos os horrores que a matilha forçou em mim durante os anos. Proteger-me era uma coisa que ele tinha dificuldade de fazer, pois, no final do dia, ele não poderia estar em todos os lugares.

— Estamos quase lá, não? — Daniel interrompe meus pensamentos e

fico agradecida por isso. É uma memória pesada para recordar. — Eles deveriam deixar você usar um casaco sobre o vestido, está congelando.

— Nunca liguei para o frio — lembro-o, olhando de volta pala a janela enquanto entramos na área de cascalho ao lado do precipício. Muitos grupos de pessoas estão parados em volta do penhasco ou descendo pelo caminho de pedra para a praia que está cercada com lampiões em postes de madeira a cada poucos metros, fazendo a caminhada parecer sinistra e assustadora.

— Você pode fazer isso, Irin. Você foi corajosa desde que foi encontrada na floresta, quase morrendo de fome, suja e sozinha. Olhe para você agora — Mike fala para mim ao desligar o carro, encontrando meu olhar pelo espelho. — Você é uma mulher que essa matilha ficará honrada em ter. Mantenha a cabeça alta, afaste o passado e mostre para eles. Mostre para eles quem você é, Irin.

Sinto minhas bochechas quentes e vermelhas ao limpar algumas lágrimas e forço as mãos a pararem de tremer enquanto seguro a maçaneta da porta. Não posso contar para ele, não sem me engasgar, que vou sentir falta do Mike e de suas palavras de sabedoria. Sua bondade e atitude com a vida, os jeitos que ele me mostrou como ser forte mesmo nos meus piores momentos. Abro a porta e saio para o chão salpicado de neve, o ar frio e cortante do mar colide comigo, causando tremores da cabeça aos pés. Posso sentir o gosto do sal no ar e o cheiro da maresia e ouvi-lo quebrar na areia sob nós. O vento açoita meu cabelo em volta do rosto enquanto Daniel passa por mim, olhando para trás uma vez antes de andar pelo caminho para se juntar aos outros homens na praia onde têm que ficar parados. Mike vem para meu lado, e apenas esperamos todos os homens passarem pelo caminho até a praia, enquanto nós, mulheres, esperamos no topo pelo momento de descer.

Alguns pais se demoram um pouco antes de caminharem até à beirada

do penhasco distante, onde uma multidão de espectadores espera para assistir a magia da cerimônia de acasalamento. Mike acaba indo embora para se juntar a eles, sem olhar para trás, para mim. As garotas se reúnem, fingindo que não existo como sempre fizeram desde que apareci na escola. Machuca uma pequena parte minha que nenhuma das quarenta e duas garotas na minha sala que me conhecem há seis anos sequer olha na minha direção.

Sou invisível para elas, para minha matilha, para todos.

Esfregando o peito, engulo quando o sino toca. Um único e lindo toque de sino preenche o ar para marcar o início da cerimônia, e a tensão passa pelo ar quando todos ficam em silêncio. Como patos enfileirados, as mulheres se preparam, e é claro que vou para o final da fila, atrás da Lacey Ravensword, alguém que nunca nem olhou para mim, mesmo sendo considerada uma parceira com baixo potencial devido ao seu pai ter tentado fugir da matilha, ele foi morto quando ela era uma criancinha. Mesmo ela, com sua família sendo traidora do próprio alfa, tem uma posição melhor que a minha. Ela joga o cabelo castanho-escuro pelo ombro, olhando para mim com escárnio no seu lindo rosto antes de se virar.

O frio entra nos meus ossos até a hora que a fila se move o bastante para que eu ande, minhas pernas parecem duras com cada passo, o nervoso fazendo me sentir perto de desmaiar bem aqui e agora. Cada passo para longe do penhasco e pelo caminho parece uma tortura até ver a praia.

E aí tudo desaparece para nada além de pura magia. No meio da areia amarela da praia tem um arco enorme, com dois lobos esculpidos nele, seus narizes se tocando onde encontram no meio. Os lobos são tão altos que as pontas das suas orelhas tocam nas nuvens pesadas acima de nós, e estalactites de gelo marcam os entalhes do pelo nas suas costas cobertas de neve. No centro, uma das primeiras fêmeas entra no lago sob o arco, afundando até cobrir a cabeça antes de se erguer e nadar devagar pelo arco. A água de

repente ganha um brilho esverdeado, acesa pela magia da deusa da lua.

A jovem garota com cabelo preto comprido sai da piscina do outro lado, seu corpo todo brilhando verde com magia que lentamente sai da sua pele, se transformando em uma bola rodopiante de energia e se atirando dela. A magia voa até a multidão de homens que se transformam em lobos esperando do outro lado, todos eles difíceis de ver daqui, e gritos de celebração ecoam quando o parceiro ou parceiros são encontrados. Não posso ver para quem a fêmea vai, já que o penhasco se curva, mas espero que esteja feliz com seus novos parceiros. Os avisos de Daniel sobre parcerias nem sempre serem felizes enche minha cabeça, fazendo-me ficar mais nervosa do que antes, por que, e se ele estiver certo? E se eu acabar com um parceiro que odeio e ele me odiar?

Tropeço em uma pequena pedra, caindo na trilha e sibilando quando corto a mão. Olho para cima enquanto Lacey olha para trás, e então ela ri, me deixando de joelhos no caminho ao continuar depois da fila. Lágrimas enchem meus olhos, mas me recuso a deixar que caiam, eu me levanto, vendo que o vestido agora está sujo com areia e lama, ergo a mão para ver o sangue pingando de um grande corte, saindo da palma na direção do pulso. Suspirando, fecho a mão e deixo o sangue pingar na areia molhada, já que sei que preciso continuar nesse caminho.

Parece que passou uma eternidade quando chego na praia e olho para frente, para ver Lacey esperando atrás de outras três colegas de sala, bem na hora que uma delas entra na água. Quatro antes do meu destino ser decidido. Fico tentada a tirar os sapatos e aproveitar a sensação da areia fria sob meus pés descalços, mas fico com minhas botas. Não quero perdê-las. Ando pela praia, sentindo tantos olhos me observando e julgando. Recuso-me a olhar para os homens do outro lado, sabendo que o novo alfa estará lá, e vê-lo traz muitas memórias ruins. Ele era só o filho do alfa naquela época, quando

tínhamos quinze anos e ele me enganou fingindo ser meu amigo.

Agora ele era o alfa, com apenas dezoito anos, depois de despedaçar o pai quatro meses atrás. A matilha tem medo dele, mas eu?

Ele me deixa aterrorizada.

Mantendo os olhos baixos, olho para cima apenas para ver Lacey entrar na água, postura e elegância perfeitas que não poderia alcançar nem nos meus sonhos mais loucos. Ela afunda na água que brilha com um verde vivo, e perto assim, posso sentir a magia como se estivesse me puxando em sua direção. A água é encantadora e não posso tirar os olhos dela até o brilho sumir, olho para cima para ver a magia cercando Lacey enquanto ela fica de pé do outro lado da piscina. A magia sai do seu corpo e se junta em uma bola antes de avançar para esquerda e colidir direto no peito de um dos homens perto da frente.

Não um homem qualquer.

Daniel.

Ele fica parado em choque, olhando para a magia verde pulando pela sua pele antes de olhar para Lacey e então virar para mim. Nosso olhar se encontra e, em silêncio, tento falar para ele que não tem problema.

Mesmo quando parece que uma tempestade acabou de começar no meu peito e esta tempestade vai tirar todo pingo de esperança de mim.

Daniel não se move por um longo tempo, e Lacey segue o olhar dele até mim, os olhos dela semicerrando enquanto rapidamente desvio o olhar de volta para água. Do canto do olho, vejo Lacey andar até Daniel que coloca uma mão na sua lombar, a guiando para longe da multidão e na direção da trilha que leva até onde as pessoas estão esperando no topo do penhasco para celebrarem com eles. Celebrar seu acasalamento.

E agora é minha vez.

Tudo está silencioso, mesmo o mar violento e o céu cheio de flocos

de neve parecem parar para esse momento, quando dou um passo para frente e meu pé afunda na água morna. Na mesma hora ela ganha um brilho verde, tão claro que dói os olhos, e me puxa para dentro, meu corpo quase traindo minha cabeça cheia de medo enquanto afundo na água até ela ser encoberta. A luz verde se torna cegante enquanto flutuo na água, vendo nada além de luz, até uma voz preencher minha cabeça.

— Você é minha escolhida, Irin. Minha escolhida. — Alguma coisa aparece na minha mão enquanto sou empurrada para a superfície e arfo por ar ao sair da água do outro lado, quase tropeçando para ficar de pé na areia, vendo a magia verde rodopiar em volta do meu corpo em densas ondas. Ela pula, quase violenta, em círculos e ondas antes de se afastar de mim em uma bola gigante de magia verde, muito maior do que as das outras.

Por que diabos, de todas as coisas, tenho que ser diferente nisso? Com tantas pessoas assistindo? Não posso aguentar olhar ou escutar qualquer pessoa enquanto vejo a esfera de magia rodopiar no ar antes de passar sobre a areia direto para o homem no meio da matilha.

O homem dos meus pesadelos.

O homem que pegou minha inocência, acabou com ela, e me fez temê-lo.

O alfa da minha matilha.

CAPÍTULO 4

O silêncio é uma maldição. Maldito e vazio enquanto encaro os olhos cor-de-mel sem sentimentos do lobisomem que parece destinado a ser meu parceiro. Um alfa não divide sua parceira, então esse é o único homem no mundo inteiro com quem a deusa da lua acredita que eu deva ficar. E ele é um monstro. O alfa não se mexe enquanto a magia verde estala ao redor do seu corpo, erguendo sua capa de pele que pende dos ombros. Cabelo denso e preto cai sobre seus ombros em uma linha reta, sem uma mecha fora do lugar e seu rosto sério está estoico enquanto olha para mim. Água pinga do meu vestido, cabelo molhado grudando nos ombros, e todo o calor da água sumiu. A magia foi trocada por medo do que acontecerá agora.

— Não.

Sua única palavra ecoa pela praia até mim, os poucos metros que nos separam não são nada. Não. Não para o acasalamento? Não, sendo eu a escolhida pela deusa da lua como parceira do alfa?

Concordo com ele... claro que não. Acasalar com esse péssimo exemplar de alfa, um homem sem alma e com uma cicatriz no queixo que causei aos quinze anos, é uma vida que prefiro não viver. Apenas uma única vez pensei em desistir da vida, uma vez em um dia de inverno como esse, causado pelo mesmo homem para quem olho agora. Essa é a segunda vez que quis desistir completamente.

Sussurros e suspiros da aglomeração de lobos atrás dele e da multidão no penhasco finalmente chegam aos meus ouvidos e tento bloquear o que estão dizendo, mesmo quando algumas de suas palavras soam claras.

— Ela? Parceira do alfa? Nojento!

— Talvez a deusa da lua tenha cometido um erro terrível.

— Ele deveria matá-la e acabar logo com isso.

Os sussurros nunca param, e a mesma coisa é dita enquanto os olhos do alfa mudam de cor-de-mel para verde, seu lobo tomando conta de si. Ele dá um passo à frente, na minha direção, e fico inquieta para fugir, virar e sair daqui o mais rápido possível, mas alguma coisa me impede.

Talvez seja o pouco de orgulho teimoso que ainda tenho.

Mike sempre disse que orgulho mata mais do que qualquer homem. Posso ver que tem razão quando minhas pernas se recusam a se mover e fico parada como um cervo preso no olhar de um lobo. O alfa anda até mim, sua proximidade me dando ânsia ao me pegar pela garganta e erguer alguns centímetros do chão. Não o bastante para estrangular ou me impedir de respirar, mas o suficiente para me fazer arfar, dar vontade de relutar. Arranho seu braço para fazê-lo soltar, mas não sou nada além de uma mosca sobrevoando um bolo para ele. Posso ver em seus olhos, olhos possuídos pelo lobo.

— Como enganou a deusa da lua para acreditar que uma rata como você poderia ser parceira de um alfa? — ele exige, e quando não respondo, me balança com força, apertando a mão por um segundo. Um segundo suficiente para me fazer gritar e arfar, tossindo com ar quando solta meu pescoço. Ele balança a cabeça, seus olhos clareando de verde de volta para cor-de-mel. E pensar que um dia confiei nesses olhos cor-de-mel, sonhei com eles, pensei que ele fosse meu verdadeiro amigo.

— Fiz uma pergunta, Irin.

— Meu nome é Mairin para você, não Irin. M-meus amigos me chamam de Irin, Alfa Sylvester Ravensword. Mate-me se vai fazê-lo. Temi você por tanto tempo que se me matar não será nada além da deusa respondendo meus pedidos.

A mentira sai da minha língua com facilidade, mesmo que seu nome não o faça. A deusa da lua nunca me deu meu verdadeiro pedido, o pedido pelo qual implorei uma vez, para matá-lo, o filho do alfa, Sylvester Ravensword. Ao invés disso, em uma versão confusa do destino, ela fez dele alfa e eu a sua parceira que ele esperou tanto. Seus olhos permanecem cor-de-mel, mas nos cantos posso ver o verde lutando para tomar conta. Ele aperta a mão em volta do meu pescoço, e fecho os olhos, não querendo ver esses últimos momentos. Arfo enquanto luto por ar, instinto me levando a arranhar e bater na mão que me segura pelo pescoço. Medo e pânico tomam conta, fazendo meus olhos se abrirem quando sou jogada. Caio na areia de lado, com um baque e um barulho de fratura no braço seguido por uma dor incrível que me faz gritar.

— Irin! — Escuto Daniel gritar na distância, um barulho canino e profundo logo antes de um pé colidir com minha barriga uma vez. E duas vezes, e várias e várias vezes. A dor quase se torna entorpecente quando minha voz some, e os chutes finalmente param quando me viro de costas, olhando para Alfa Sylvester enquanto ele me chuta com raiva mais uma vez antes de se afastar, esfregando as mãos repetidas vezes no rosto.

— Ninguém segue a gente. Se alguém seguir, vou rasgá-lo em pedaços — escuto Alfa Sylvester exigir, e o barulho de lobos lutando por perto se mistura com o som das ondas. Uma mão afunda no meu cabelo e puxa para cima, sinto gosto de sangue na boca. Tudo está embaçado enquanto alguém me arrasta pelo cabelo e braço por pedras afiadas que cortam minhas costas e rasgam meu vestido, mas parte de mim dissocia do meu corpo, flutuando em um mundo sem dor, entro e saio do estado de consciência. Enfim, sou derrubada na grama e pisco algumas vezes, tossindo o sangue na minha boca e virando a cabeça para o lado, todo centímetro do meu corpo dói tanto que a dor ameaça me deixar inconsciente a cada respiração. Uma mão

envolve minha garganta mais uma vez, e sou erguida no ar, meus pés balançando enquanto luto para respirar.

— Abra os olhos — Alfa Sylvester exige, sua respiração quente atingindo meu rosto.

Abrir os olhos é mais difícil do que pensei que seria, e quando consigo, vejo que ele está bem na minha frente.

— Não posso te matar, porque meu lobo não vai permitir. — Ele me balança uma vez. — Morra no mar pelo seu parceiro destinado, Irin. Morra como deveria ter feito tantos anos atrás, porque se o mar não te levar, vou saber. Vou saber, e nunca vou parar de mandar lobos para te matar. Eu te rejeito como parceira, você não é merecedora de mim, e nunca poderá ser. Você não é nada.

— Então por que a deusa da lua pensa diferente? — respondo com um sussurro com toda a força que tenho. Deveria implorar pela minha vida, deveria implorar e chorar, mas apenas olho para ele, seus olhos brilham com raiva pura e ele ruge e me solta. O vento não pode segurar meu corpo que voa pelo abismo, muito ciente que o mar vai levar minha vida em segundos.

E nesses segundos em que caio, ainda rezo para alguém me pegar.

CAPÍTULO 5

— Prepare a curandeira! — uma voz profunda exige, nada mais do que um som atordoante para minhas orelhas doloridas enquanto luto para acordar. Frio como nunca senti controla meu corpo dos pés à cabeça, e não é apenas frio, também estou encharcada. Cada centímetro do meu corpo dói. Até minhas pálpebras doem quando as abro para ver pedras na minha frente. Pedras brancas suaves. Ondas quebram ao longe e não sinto o cheiro de nada além de água. Ergo a cabeça, o que exige mais força do que pensei que precisasse, vejo que ainda estou usando o vestido da cerimônia de acasalamento, mas está rasgado na barriga e um corte grande desce pelas minhas costelas, escondido sob o tecido em frangalhos. Meus pés descalços estão presos na areia molhada e estou curvada no meio de um grupo de pedras como se o mar tivesse me jogado aqui.

Lembranças me atacam rapidamente. O mar. A cerimônia de acasalamento. O alfa que deveria ser meu parceiro, mas ao invés disso tentou me matar... Como eu estava viva?

O barulho de botas pesadas me lembra que não estou sozinha, e pulo para longe do som atrás de mim, virando para ver um homem de pé na pedra. Sua silhueta bloqueia a luz, fazendo tudo ao seu redor brilhar enquanto passo os olhos pelo seu corpo. Calças pretas grossas cobrem coxas grandes, e ele veste uma camisa preta enfiada nelas. A camisa se estica por ombros largos, largos o bastante para fazer dele um campeão de uma partida de *Rugby* se assim quiser. Seguindo os olhos pela sua pele dourada, respiro fundo quando vejo seu rosto.

Ele é lindo de uma maneira que não deveria ser permitida aos

homens. Mandíbula forte, maçãs do rosto altas, lábios perfeitos e cílios pretos e densos que cercam olhos azuis que me lembram um lago – ainda assim, de uma forma estranha que te faz perguntar se existe vida sob as águas. Mechas de cabelo preto que estão um pouco longas demais, caem bem acima de seus olhos quando o vento sopra, ele parece mais suave do que o vestido que estou usando.

Ninguém na minha matilha jamais pareceu com ele. Eu teria notado.

Quanto mais olho, mais percebo que ele está olhando de volta, como se tivesse visto um fantasma.

Como se eu fosse familiar para ele. Considerando de onde vim, ele poderia conhecer. Não que fizesse alguma ideia de onde estávamos. Eu me apoio em um braço, mas não posso ver para fora das pedras ou qualquer coisa em volta do homem pairando sobre mim.

Correção: do lobo. Ele está me olhando como um lobo, disso tenho certeza. Ele é muito direto, muito inumano, e tudo o que preciso ver agora, são seus olhos brilharem.

— Você me conhece? — pergunto, a voz rouca, e limpo a garganta, sentindo apenas o gosto de sal deixado pelo mar.

O homem inclina a cabeça para o lado.

— Por que você está aqui?

— E-eu estava... — pauso porque não tenho ideia de onde estou, e falar para esse lobo que sou a parceira rejeitada do alfa pode não ser a melhor ideia se ainda estiver em terras Ravensword. Ele vai me arrastar de volta para o alfa, que vai tentar me matar outra vez. Não, não posso fazer isso.

— Responda!

O comando do homem é claro, ecoando com poder e frustração. Olho para cima, encontrando seus olhos mais uma vez mesmo que não consiga pensar direito em uma única palavra para dizer. O que disser vai me fazer ser

morta, e não posso evitar pensar que fui dada uma segunda chance na vida. Eu não deveria ter sobrevivido a queda ao mar, não com os ferimentos que tenho, não quando desmaiei, mas aqui estou. Viva.

Está claro que a deusa da lua tem muito mais planejado para mim do que sei.

Quando não digo nada por um bom tempo, ele se mexe. O homem se move muito rápido e em segundos está na frente do meu rosto, inclinando-se sobre mim nas pedras. Seu nariz toca o meu com gentileza, meu corpo uma mistura de medo e curiosidade.

— Diga — ele comanda outra vez. — Diga por que você está no litoral da matilha Fall Mountain, ou você vai morrer nesse segundo.

Matilha Fall Mountain?

Ah, meu Deus... Como estou viva e nessa ilha? Sei que as pessoas que tentam nadar entre as ilhas normalmente acabam mortas, mas para ter chegado aqui inconsciente não é nada além de mágica. Ainda preciso decidir que tipo de magia, considerando tudo o que sei sobre a matilha Fall Mountain é que são cruéis e violentos. Que eles vivem de formas que a maioria dos lobos jamais viveria ou sequer pensaria a respeito. Eles não trocam com a matilha Ravensword, e toda tentativa de paz foi respondida com morte. Contam para nós que são monstros, e agora estou em seu terreno.

Mas para ser sincera, estou morta de qualquer maneira. Se me mandarem de volta, o alfa vai me matar, e se ficar aqui, eles vão me matar.

Não tenho nada a perder ao contar a verdade para esse homem.

— Meu nome é Mairin Perdita, e sou uma parceira rejeitada da matilha Ravensword — declaro, inclinando-me contra as pedras e curvando as pernas sob mim, precisando de espaço desse homem. Os olhos dele se arregalam, mas não fala nada. — A cerimônia de acasalamento me nomeou como parceira do alfa, e porque sou uma órfã sem família ou valor, ele me

rejeitou. Depois de me machucar com raiva, tentou me matar jogando de um penhasco. Como estou aqui, viva, é um mistério para mim, mas acho que estou pedindo sua ajuda. Estou pedindo por um maldito milagre, porque minha vida sempre foi tudo menos isso.

— Aposto que sobreviver sua rejeição foi um milagre. O mar é uma amante cruel na melhor das vezes, e noite passada foi uma das piores tempestades vistas em anos — responde, por fim, inclinando-se para trás, sua voz menos hostil do que estava. — Posso dizer quando alguém está mentindo para mim, e você não está, Mairin Perdita. Meu nome é Alfa Henderson Fall, e vou te ajudar.

— Você é o alfa? — sussurro, chocada e com um pouco de medo. Não deveria me surpreender que ele tem uma classificação tão alta, só pela maneira como parece poderoso e no comando, mas surpreende.

— Um dos quatro — responde e chega mais perto. — Você está fraca, meu lobo sente e devo te carregar. Você permite? É uma caminhada de vinte minutos para o farol onde tem uma curandeira.

A parte de mim que odeia ser tocada, por homens em especial, me faz querer dizer não e teimar em sair dessas pedras sozinha. Mas sei que não posso. Todo centímetro meu dói, a barriga está sangrando e o tornozelo parece inchado. De alguma forma sobrevivi ao mar, mas sem ajuda não sobreviverei por muito mais tempo. Aceno uma vez, sem conseguir concordar, e tenho certeza que minha hesitação transparece em meus olhos quando ele se aproxima e passa os braços sob mim antes de me erguer sem esforço. Para me equilibrar, minhas mãos envolvem seu pescoço, roçando contra um colar que está sob sua camisa. Henderson pula das pedras e olho à minha volta para ver uma montanha alta bem na nossa frente e uma pequena floresta entre a praia e a montanha. O topo da montanha está coberto de neve, e várias cavernas parecem estar iluminadas dessa distância. A praia é longa,

com areia rochosa e ondas violentas que quebram contra tudo que atingem, e ao longe, vejo um farol de um azul desbotado com sua luz brilhante se movendo em círculos. Henderson fica em silêncio ao pular das pedras para a areia e cobrir a distância entre nós e o farol em passadas largas. Depois de alguns minutos, relaxo os ombros um pouco.

— É apenas sorte que você me encontrou, ou você mora por perto? — pergunto.

Henderson olha para mim, seus olhos azuis inescrutáveis.

— O que você sabe da minha matilha, Mairin?

— Que vocês são monstros — falo, lembrando bem como ele disse que poderia sentir se mentisse.

Seus lábios se curvam em um sorriso deslumbrante.

— Mentiras são tão fáceis de serem contadas para aqueles que vivem com medo, e seu alfa mentiu, Mairin. Nós nunca fomos os monstros, mas nossa vida é muito diferente de onde você veio. Aqui nós não temos parceiros destinados, nós apenas acasalamos com quem nos apaixonamos. Lobos são livres para namorar, explorar, fazer o que quiserem, e aceitamos novos lobos na matilha apenas se forem rejeitados ou perdidos. Respeitamos lealdade, e acolhemos aqueles que não são nada para os outros.

— Existem outros parceiros rejeitados? — indago.

Seu sorriso desaparece.

— Encontro mais de um lobo por semana nessa praia. Todos rejeitados e jogados ao mar porque seu parceiro não conseguiu convencer o lobo a matá-los.

— Eu não tinha ideia — sussurro.

— Para responder sua pergunta — Henderson afirma, me movendo um pouco em seus braços —, eu não moro aqui, mas sou chamado para o farol para conferir todos que chegam. Se você tivesse mentido para mim, ou

se fosse alguém que escapou da matilha, então meu dever seria acabar com sua vida. Nós não acolhemos aqueles que desertam sua matilha e família. Nós queremos apenas aqueles que serão leais.

Meu coração bate rápido no meu peito, ouvindo a sinceridade em sua voz. Ele teria me matado.

— Então você mata por lealdade?

— Não, eu mato pela minha matilha — responde, o tom dando um fim na nossa conversa, e eu me afasto, observando o mar e o contorno da terra à distância, escondida pelas nuvens. Tudo o que posso pensar é em Daniel, Jesper e, até em Mike.

Espero que eles cuidem um do outro, porque nunca poderei voltar.

O alfa de Ravensword é meu parceiro, e vai fazer pior do que me rejeitar da próxima vez, ele vai mandar alguém me matar.

Então tenho que fazer da matilha Fall Mountain minha nova casa, custe o que custar.

CAPÍTULO 6

Até chegarmos no farol, estou quase dormindo no ombro do Henderson enquanto luto para me manter aquecida o bastante para realmente dormir. Ele cheira aos drinques fortes de uísque que Mike toma todo sábado à noite, misturado com um odor de fumaça de madeira queimada. Seu cheiro é muito bom e confortante. Não deveria ser, já que nunca vi esse homem antes, mas parte de mim sente como se pudesse confiar nele.

Ou bati minha cabeça com força no mar e estou enlouquecendo. É uma das duas coisas.

A luz brilha pela porta do farol enquanto Henderson sobe as dezenas de degraus na sua direção, alguém a abre quando está próximo ao topo. Um garotinho esguio com cabelo loiro e olhos azuis, de uns onze anos se meu palpite estiver certo, segura a porta aberta para nós e o calor do ambiente me faz tremer um pouco de choque. Quatro sofás de tecido creme fazem um quadrado no meio do recinto e uma mesa redonda de carvalho está entre eles com algumas conchas em um vaso de vidro sobre ela. Em um lado da parede está uma grande lareira aberta com uma cornija larga de carvalho, fazendo o local adorável e quente. Sobre a cornija estão vários jarros pequenos enfileirados, cheios de rótulos brancos. Tem um relógio na parede acima deles, mostrando que é o início da manhã e não tem muito mais coisas no lugar.

— Qual o seu nome, querida? — uma mulher que soa mais velha pergunta ao descer as escadas que se curvam do topo da sala e terminam ao lado da porta. A mulher está vestida toda de preto, calça jeans de cintura alta, e uma blusa de manga comprida enfiada na calça, mas está descalça, o que é

estranho. O cabelo cinza está preso em um grande coque baixo na sua cabeça, e os óculos estão enfiados no cabelo, mas ela os puxa e coloca na frente dos olhos castanhos. — Coloque-a no sofá para mim, Henderson.

Ele acena, olhando para mim uma vez antes de me carregar para um sofá e me deitar gentilmente. Fico parada, nervosa e mais do que um pouco assustada enquanto ela ajoelha ao lado do sofá e olha para minha barriga antes de pegar meu pulso e pressionar os dedos no meio dele.

— Meu nome é Curandeira Saffron Fall, e prometo que estou aqui para te ajudar, nem mais nem menos. Então, seu pulso está fraco, parece que suas costelas estão quebradas e você perdeu sangue com esse ferimento na sua barriga. Preciso costurá-lo já que está claro que você nunca se transformou e não vai se curar — ela declara, fazendo um barulho de desaprovação. — Mais alguma coisa dói e você precisa que eu dê uma olhada, querida?

— Meu nome é Mairin, mas meus amigos me chamam de Irin. Obrigada por me ajudar... e meu tornozelo direito dói.

— Oi, Irin! — o garotinho exclama, aparecendo ao lado do Henderson. Ele ri para mim, e não posso evitar retornar com um pequeno sorriso enquanto Saffron olha meu tornozelo. — Meu nome é Trey Fall!

— Olá, Trey — respondo com um sussurro, e começo a tossir. Saffron me ajuda a sentar já que não consigo parar de tossir e me dá um lenço no qual tusso por um longo tempo. Sangue marca o lenço quando fico sem fôlego, sabendo que as coisas estão piores do que pensava quando Saffron olha para mim preocupada antes de virar para Henderson. Eles andam para as escadas e começam a conversar em vozes abafadas, mas Trey fica comigo, parecendo desconfortável e doce ao mesmo tempo. Ele me lembra tanto o Jesper.

— Vai ficar tudo bem. Henderson é o alfa legal, e ele cuida de todo

mundo que precisa de ajuda — Trey me diz, dando tapinhas no meu braço. — Você não precisa ter medo.

— Você é gentil, Trey — respondo em uma voz forçada. — É bom te conhecer.

— Vamos ser amigos quando você melhorar — ele fala e abaixa a voz. — O deus proibido me contou.

Franzo a testa, questionando de quem diabos ele está falando, mas não tenho tempo de perguntar quando Henderson e Saffron voltam para mim. Henderson acena para Saffron e ela passa um braço em volta de Trey, forçando-o na direção das escadas e para cima delas.

— Estou doente, não estou? Vou morrer? — pergunto ao Henderson. Se ele é tão legal quanto Trey afirma, então pode me contar a verdade.

Henderson balança a cabeça e enrola as mangas nos braços, revelando tatuagens. Luas, começando com uma lua cheia, uma minguante e seguida por uma crescente, estão alinhadas na parte interna dos seus braços, iguais dos dois lados. Ele fecha os olhos, seu rosto fica tenso por um segundo, e aí as tatuagens nos seus braços brilham com magia, magia pura e vermelha. Nada como a magia verde da piscina de acasalamento, a magia da deusa da lua. Isso é diferente, mas tão incrível e viciante quanto a outra para olhar. Quando Henderson abre os olhos, não estão brilhando verdes, estão brilhando vermelhos e é quase assustador olhar para eles. Sua voz profunda sai como um murmúrio, quase um rosnado.

— Você quer viver, Mairin?

— A que preço? — sussurro de volta, pontos pretos entrando e saindo da minha visão.

— O único custo para isso é se tornar seu eu verdadeiro e se vincular a minha matilha, ao meu deus proibido e a ninguém mais. Você vai se tornar nossa, e se curar — ele responde, sua voz como o diabo, me seduzindo para

um mundo no qual não deveria entrar, mas eu quero.

O deus proibido?

Eu não lembro de dizer sim quando a dor explode no meu peito e grito, mas Henderson me ergue, colocando a mão no meu pescoço e não sinto nada além de magia entrar em mim. Isso não é nada como a piscina da cerimônia de acasalamento, nada tão bom e relaxante. Essa magia é poderosa e sedutora.

Sinto cada uma das minhas marcas aparecerem, uma por uma, até terem quatro delas do meu pescoço até o meio das minhas costas.

Apenas sei, sem olhar, que são as marcas da lua que Henderson tem.

— O que diabos você está fazendo? — uma nova voz ruge, seguida pelo som da porta batendo contra a parede e rachando.

A magia some em um instante, e Henderson me deixa cair de volta no sofá enquanto arfo, lutando por ar. Percebo, rápido, que não estou mais machucada... na verdade, nada mais dói. Olho para baixo para ver que o corte na barriga sumiu, o único sangue que resta é o que mancha o meu vestido. Rastejo até o canto do sofá, deixando Henderson ficar parado na minha frente enquanto observo os três novos lobos no recinto. Cada um deles olha para mim com uma mistura de choque e caução, o que muda para raiva pura vindo do homem no meio.

Os quatro alfas da matilha Fall Mountain exalam poder e dominância.

É intimidante e avassalador.

E familiar de uma maneira que não entendo. O alfa no meio é um homem grande, o mais alto dos quatro e daria um palpite de ter mais de um e noventa e cinco. Seus ombros parecem largos o bastante para duas pessoas se sentarem em cima e seus braços musculosos esticam a camiseta de manga curta branca que está usando. Ele tem as marcas da lua em volta do pescoço, começando com a lua cheia na frente, e posso ver as outras envolvendo seu

pescoço. Seu jeans é apertado e rasgado, e suas botas estão pingando lama e areia no chão. O alfa encontra meu olhar com seus olhos cinzas de inverno que me lembram do primeiro dia que a neve cai e a cor dela. A mais pura e brilhante neve. Seu cabelo loiro e curto tem uma cor parecida com o meu, apenas mais claro, e me choca porque nunca vi alguém com cabelo como o meu antes.

— Preciso repetir, irmão? — pergunta, a voz profunda rouca e bem assustadora.

Henderson cruza os braços e não fala uma palavra, apenas olha para seu irmão. O que é uma coisa perigosa de se fazer. Um jeito rápido de ser morto é encarar um lobo e insinuar um desafio, o que parece ser o que está fazendo.

Um dos outros alfas, que parece com Henderson, mas com cabelo preto bem mais curto dá um passo entre eles.

— Você sabe o que ele fez, Silas. Vamos para fora porque o farol não precisa ser destruído pelos seus lobos.

Silas vira e vai direto para fora, e Henderson o segue. O alfa que interrompeu olha para mim e passa uma mão pelo cabelo. Seus olhos têm tons infinitos de azul misturados e é mesmo muito bonito. Claro, o alfa bonito tem um irmão gêmeo tão bonito quanto.

Impossível eles não serem gêmeos, são idênticos de todas as maneiras.

— Meu nome é Alfa Ragnar Fall, prazer em te conhecer. Você está segura, isso não é sua culpa — ele me diz, segurando as mãos no ar. — Mas preciso resolver as coisas com eles. Fique aqui, tudo bem?

Passo os olhos para o único alfa que não disse nada enquanto se apoia na parede, as sombras escondendo a maior parte dele de mim.

Ragnar suspira e corre pela porta. O som de lobos rosnando,

grunhindo e esfolando enche o local silencioso enquanto fico olhando para a sombra do alfa na parede. Enfim ele suspira e dá um passo na luz, erguendo uma garrafa de uísque e dando um longo gole, gotas caindo na sua barba marrom. Não posso ver muito dele pela barba, seu cabelo castanho comprido e bagunçado não é penteado há muito tempo. Suas roupas estão todas rasgadas, pedaços da sua pele dourada aparecendo do seu peito definido. Ele é um alfa musculoso, e deve ser imponente ou não seria um alfa.

Ele anda até mim, e afasto o máximo possível, envolvendo as pernas com os braços enquanto ele se senta no sofá ao meu lado.

— Quem quer que você seja, encrenca, não sou ameaça. Aqueles idiotas lutando lá fora também não — ele informa. — O nome é Valentine.

— Tipo Valentine's Day?

— Sim. Foi o dia que nasci — responde, dando outro longo gole. — Qual é seu nome?

— Mairin — sussurro.

— Gostei — replica. — Fale para aqueles babacas que você tem minha benção e permissão para se juntar a matilha e se transformar quando acabarem. Vou voltar para cama.

E desse jeito, Valentine da mais um longo gole na sua bebida e se transforma bem ali no sofá. Ao invés de magia verde, energia de lobo vermelha, ou o que seja, o cobre e então tem apenas um lobo todo preto no sofá. O lobo olha para mim, seus olhos vermelhos e assustadores, antes de pular do sofá e correr na direção da janela. Ele pula por ela, quebrando-a em pedaços e fico olhando sem palavras para as roupas rasgadas e a garrafa de uísque deixados no sofá.

Os alfas dessa matilha são estranhos e o deus que eles veneram não é a deusa da lua. Devagar, coloco a mão na nuca, sentindo as marcas erguidas nos formatos das luas começando do meio do meu pescoço e descendo.

Talvez eu também não pertença mais a deusa da lua.

Ragnar aparece na porta, sangue marcando seu peito nu definido e o *jeans* quase no lugar. Ele abotoa o botão superior da calça enquanto entra na sala e pausa quando abaixo a mão. Em volta do seu coração estão as marcas da lua, e olho para elas um segundo a mais.

— As marcas são do deus proibido que nos protege. Usá-las é a única maneira de entrar nessa matilha, e, geralmente, você precisa ter a permissão de todos os alfas. A discussão que Silas e Henderson tiveram é que você não recebeu permissão de nenhum de nós. Tomamos todas nossas decisões juntos — explica. — Henderson alegou que você estava morrendo. É uma circunstância não usual, mas seja bem-vinda. Você tem minha permissão e do Henderson.

— E do Valentine — digo, limpando a garganta dolorida e fazendo força para me sentar mais reta.

Ragnar ergue as sobrancelhas.

— Ele falou com você? — Aceno que sim com a cabeça. — Certo, foi um dia estranho. Silas vai ser convencido, e então você poderá se transformar.

— Não posso me transformar sem um parceiro. Todo mundo sabe disso — respondo.

Ele sorri e abre os braços.

— Bem-vinda à matilha Fall Mountain, onde você não precisa de um parceiro para se transformar. Nosso deus não nos força a acasalar para nos transformarmos. Você só precisa da permissão dos alfas.

Meus olhos se arregalam e fico sem palavras. Eu poderia me transformar? Poderia ter tudo que sempre quis sem estar presa a um parceiro que não quero?

Por que a deusa da lua nos forçaria a acasalamentos se poderia nos dar

o poder como esse deus proibido faz?

— Acredito que Srta. Irin precise de um banho, comida e descanso, nessa ordem. Vou cuidar dela se você permitir, Alfa Ragnar — Saffron pergunta, descendo as escadas com Trey a seguindo.

Ragnar acena para ela e volta para mim.

— Descanse, eu voltarei essa noite para te levar para sua nova casa.

Ele sai pela porta, fechando-a atrás de si e Saffron atravessa o recinto enquanto Trey senta no sofá ao meu lado.

— Você quer um chocolate quente? — Saffron está fazendo um para nós, mas se não gostar, posso beber para você.

Sorrio para ele, ainda me sentindo bem tensa.

— Um chocolate quente parece ótimo.

— Vou pegar os *cookies* que ela esconde — Trey diz, pulando do sofá e correndo pela sala até uma porta atrás das escadas para onde Saffron foi. Ela volta depois que ele entra, e traz um chocolate quente fumegante em uma caneca branca feita a mão.

— Obrigada — digo, aceitando-a. Ela acena com a cabeça e vai sair antes de pausar.

Ela olha para porta e para mim.

— Tenha cuidado com os alfas. Eles vieram para essa matilha há pouco tempo, destruíram o velho alfa e nos trouxeram a proteção de um novo deus. Eles vão destruir o que quiserem para vencer. Tome cuidado.

Concordo, entendendo-a perfeitamente, mas o que ela não sabe é que estava partida em uma praia, segundos depois da deusa da lua me decepcionar.

Os alfas não podem destruir o que já está destruído.

CAPÍTULO 7

Ragnar

— Ela não lembra de nós.

A afirmação de Henderson paira no ar, dando voz aos nossos pensamentos com muita velocidade. Muito dolorido. Mas tem sido dolorido desde o segundo que Henderson a encontrou, do segundo que ela olhou para nós como se fôssemos estranhos e não tivéssemos crescidos juntos. Mairin está tão diferente da última vez que a vi, quando ela tinha quase doze anos e era minha maior paixonite desde que percebera que garotas eram interessantes. Era o mesmo para todos nós... até ela desaparecer.

E então todos percebemos que tínhamos tudo com ela, e sem ela, não éramos nada.

E ela não se lembra.

Na minha cabeça, a vejo no sofá do farol, usando um vestido de seda que não está rasgado, manchado com seu sangue e ensopado do mar. Sangue e água salgada não podiam esconder seu cheiro de mim, nem como ela estava quebrada poderia esconder como é bonita. Os longos cabelos loiros, seus olhos verdes brilhantes que me lembravam das árvores verde-escuras da nossa antiga casa, e suas longas pernas chamaram minha atenção na hora.

Ela é estonteante de todas as maneiras.

— Por que aquela desculpa esfarrapada de um alfa a rejeitaria? Ele é cego pra caralho? — Silas resmunga, limpando um fio de sangue de um corte no lábio que já estava se fechando. Henderson, o responsável pelo corte, sorriu para ele.

— Uma pena que seu lobo seja lento por ser tão grande. Você poderia ter evitado esse golpe se não fosse — Henderson responde.

Levanto, chamando atenção deles.

— Chega. Vocês dois já assustaram Mairin com essa luta. Podemos nos entender por cinco minutos para discutir o que vamos falar para ela?

Henderson desvia o olhar e anda até a janela, distanciando-se de qualquer conversa séria como sempre faz, Silas resmunga alguma coisa que não consigo entender, mas concorda. Olho para o quarto de Valentine no andar de cima, me perguntando se ele está sequer ouvindo enquanto se embriaga até desmaiar.

— Ragnar, sem querer ser um canalha, mas deveríamos contar tudo para ela. Arrancar o Band-aid, por assim dizer — Silas sugere.

— Como sempre, você sempre aparece com a ideia mais babaca possível. Não, não podemos. — Pauso quando Henderson olha para trás. — Ela está despedaçada, fodida e não confia em nós. Se contarmos tudo, ela vai pular de volta no mar e desaparecer. Considerando que passamos mais de seis anos procurando por ela, podemos encontrar um plano melhor?

— Tudo bem — Silas replica. — O estilo de vida da nossa matilha vai ser um choque, e de um jeito ou de outro, temos ela de volta. Não vou deixá-la ir. Vou lutar contra qualquer matilha por ela.

— Você não está sozinho nisso, irmão — Henderson acrescenta.

— Então ela muda para cá conosco, e fazemos perguntas. Descobrimos como ela acabou naquela matilha e como eles a mantiveram escondida por tanto tempo. Nenhum dos nossos espiões disse nada — digo, esfregando o queixo.

— Talvez necessitemos de novos espiões — Silas observa com um sorriso sangrento.

— Duvido que Mairin tenha sido treinada desde que nos deixou,

deveríamos nos revezar para treiná-la para o caso de atacarem — sugiro.

— Vou treiná-la. Vocês sabem que sou o único que fará o necessário — Silas diz.

— Você planeja lhe dar permissão para se transformar?

— Não até ela ser treinada — Silas responde e rosno para ele.

Ele ergue a mão no ar.

— Henderson não deveria ter conectado ela ao nosso deus sem explicar isso, ou as consequências. Ela foi criada na matilha de controle mental que venera uma deusa falsa e não tem ideia do que aceitou. Não olhe para mim desse jeito porque não vou forçá-la a se transformar e fazer esse último compromisso.

— Ela estava morrendo, e nunca deixaria isso acontecer. O alfa bateu nela, ou alguém bateu, e depois foi jogada no mar...

Nós três rugimos. Quando eu colocar as mãos naquele alfa, ele está morto.

— Não sei como ela sobreviveu, ou como qualquer um dos rejeitados sobrevive, mas ela estava em maus lençóis. Podia ouvir seu coração falhando... então fiz o que precisava ser feito — ele termina. — Se ela me odiar, pelo menos está viva.

— A cerimônia de acasalamento, mesmo incompleta, deixa um vínculo. Ele vai sentir que ela sobreviveu e mandar lobos para caçá-la. Até ela estar morta, ele não pode ter outra parceira — lembro-os.

— Deixa ele mandar. Ela está vivendo conosco, e vou gostar de despedaçá-los — Silas responde, sua voz calma, francamente assassina com suas intenções. Considerando que o vi rasgar lobos no meio por quebrarem as regras da matilha, e gostar, sei que não está brincando. Vai ser um banho de sangue.

— Então concordamos que ela vai se mudar para cá, vamos treiná-la e

protegê-la até que recupere a memória, ou contamos para ela quando se aclimar? — pergunto.

— Concordo — Silas e Henderson afirmam. Nós três olhamos para porta de Valentine e suspiro, sabendo que eu terei de garantir que ele não tenha problemas com Mairin morar conosco. Se Silas tentar, vai causar uma briga, Henderson vai ficar puto com a falta de interesse do Valentine em conversar com ele, eu consigo manter a calma.

Na maior parte.

— Boa sorte! — Silas fala conforme me dirijo as escadas. — Vou atrás de alguma coisa para comer.

Escuto Silas e Henderson se transformarem atrás de mim enquanto vou para o topo das escadas e bato na primeira porta antes de abrir. Abaixo na hora que uma garrafa voa por cima da minha cabeça, pela balaustrada e quebra no meio do chão da sala.

Valentine, o babaca quebrado, se transforma antes que possa perguntar qualquer coisa, e seu lobo acaba sentado no meio do quarto. O lobo me empurra e corre para fora.

— Vou tomar isso como um sim — grito atrás dele.

Babaca.

CAPÍTULO 8

— Você não pode me pegar! — um jovem garoto grita, seguido por risadas infantis. Não posso ver quem eles são enquanto corro pela floresta, árvores densas por todos os lados à minha volta, escondendo as sombras das crianças que persigo.

— As árvores só vão esconder vocês no escuro! — grito de volta, mas minha voz parece muito mais nova. Paro quando chego em um lago e olho para baixo, vendo o reflexo de uma jovem garota de uns seis anos, pouco antes de tudo desaparecer.

— Bom dia... bom é pôr do sol, mas me disseram para te acordar — Trey balbucia, enquanto pisco os olhos abertos na sala com luz baixa, tudo que aconteceu antes de pegar no sono no sofá voltando de uma vez. Respiro fundo, nervosa, sem saber se deveria começar a entrar em pânico ou não. Um cobertor grosso e amarelo escorrega do meu corpo quando me sento, e Trey dá um sorriso cheio de dentes enquanto se senta na mesa de centro nas mesmas roupas que estava usando mais cedo.

O som de passos nas escadas chama minha atenção e olho para cima, vendo Saffron descer as escadas com uma blusa amarela de botões e jeans, com o cabelo no mesmo estilo de quando nos conhecemos.

— Você dormiu por vinte horas, Srta. Irin. Está se sentindo melhor?

Vinte horas? O que tinha naquele chocolate quente que ela me deu?

— Hmm, sim. Acho que sim.

— É normal para os novos marcados dormirem por tanto tempo. Não fique tão preocupada — ela responde. — Agora pegue esse cobertor e suba. Enchi a banheira para você e separei algumas roupas. Hora de te limpar antes que um dos alfas volte.

Corro para recolher o cobertor e dou um sorriso para Trey antes de seguir Saffron pelas escadas. No meio da subida, faço a pergunta que está queimando minha mente.

— Como funciona ter quatro alfas? Eles não se matam por dominância?

É a única maneira que conheço. Tem um alfa e ele mata qualquer um pela posição de alfa.

Seus olhos gentis pousam em mim quando ela abre a porta no primeiro piso nas escadas. Ela entra e a sigo para um banheiro enorme. Uma banheira de madeira está no meio do local com azulejos brancos, cheia de água quente cor-de-rosa. Um vaso e uma fileira de armários com uma pia estão de um lado da parede e do outro estão ganchos com toalhas penduradas.

— Qualquer um pode desafiar qualquer um nessa matilha, assim como na matilha da qual você veio, mas ninguém sobreviveu a desafiar nenhum dos alfas. E eles não se desafiam. Até onde eu sei, eles cresceram juntos, e isso é inédito. Filhotes alfas sempre são mantidos separados para evitar brigas, mas não no caso deles. Eles podem discutir e brigar, mas quando importa, são uma família de alfas que cresceram juntos e que o deus

proibido ajude qualquer um que fique no caminho deles. Tome banho, te encontro lá embaixo.

— Saffron... — hesito. — O que devo fazer com os alfas? Por que eles salvaram minha vida? Na minha experiência, alfas não fazem boas ações de graça.

Ela suspira e volta, fechando a porta devagar.

— Trey era um filhote quando chegou nessa praia em uma cesta com apenas um bilhete em uma garrafa de vidro, falando que ele era um bebê rejeitado por não ter nascido de um acasalamento. Os alfas acolheram Trey, o amaram, e fizeram dele um deles de todas as maneiras, e aquele garoto nem uma vez pensou ser rejeitado. Eles nunca o trataram, e nunca vão te tratar, de forma diferente. — Ela pausa. — Ser rejeitado é uma sentença de morte em qualquer outro lugar, mas aqui? Aqui é um novo começo. Nasça outra vez naquela praia e erga a cabeça. Você tem uma chance de algo incrível aqui, Irin, e eles não vão pedir nada em troca.

Ela abre a porta outra vez, mas preciso soltar mais uma pergunta.

— O deus proibido ao qual estou ligada por ter salvado minha vida vai pedir alguma coisa?

Ela olha para trás.

— O preço é simples. Você pertence a matilha até sua última respiração.

Saffron me deixa com mais perguntas do que respostas, mas de alguma maneira me fazendo sentir um pouco melhor sobre o que os alfas querem comigo. Eles não me assustam nem a metade do que a ideia de voltar para a matilha Ravensword, isso é fato, e os alfas não podem ser tão ruins se acolheram Trey. Posso ver que ele é uma criança alegre, mesmo que me lembre de Jesper e de como não posso vê-lo outra vez.

Afastando a tristeza, ando até a beirada da banheira e passo os dedos

pela água quente antes de tirar o que resta do vestido e deixar em uma pilha com o cobertor amarelo. A banheira é alta, então preciso me erguer para entrar e afundar na água quente. Cubro a cabeça com a água e volto arfando, sorrindo sozinha com os pequenos luxos de um banho quente. Algumas vezes no orfanato, ficávamos sem água quente e energia por semanas, e esse banho me lembra aqueles primeiros dias que voltavam. Como é perfeito. Encontrando uma barra de sabonete do lado da banheira, limpo meu corpo e cabelo até a água estar marrom ao invés de rosa.

Não me demoro antes de sair, me enrolar em uma toalha e ir para o espelho. De alguma forma, me viro em um ângulo estranho para ver as marcas da lua no pescoço e na parte de cima das costas, mas a imagem delas me choca. A lua cheia está no meu pescoço, seguida por uma lua minguante, uma lua crescente, e de volta a uma lua cheia. As marcas, parecidas com as tatuagens que vi os lobos da matilha fazerem, são de tinta preta e ligeiramente levantadas. De repente, as últimas palavras do Alfa Sylvester Ravensword voltam para mim como um sonho assustador.

"Morra como deveria ter feito tantos anos atrás, porque se o mar não te levar, vou saber. Vou saber, e nunca vou parar de mandar lobos para te matar."

Solto o cabelo e me afasto do espelho, tentando controlar minhas mãos trêmulas e procurando distrair os pensamentos para longe do alfa da minha antiga matilha. Tenho que acreditar que ele não pode saber que estou viva, e não vai mandar ninguém atrás de mim... ou tudo isso não tem sentido. Eu poderia muito bem ter morrido no mar.

Meus olhos encontram uma pilha de roupas e ando até elas, pegando-as. Uma camiseta branca macia, uma calcinha simples de algodão, um sutiã e

jeans com meias. Coloco as roupas, descobrindo que o jeans é um pouco apertado e a camiseta um pouco larga demais, caindo até minhas coxas. Puxo para cima e coloco dentro da calça antes de colocar as meias. Depois de passar os dedos pelo cabelo e secá-lo da melhor maneira possível com uma toalha, saio do banheiro e desço as escadas para ver Saffron sentada no sofá com Alfa Ragnar do outro lado, mas Trey não está por perto. Ragnar olha para cima quando uma das madeiras das escadas range e me apresso para o último degrau. Saffron acena para mim e sorrio para ela.

— Obrigada pelas roupas, e por cuidar de mim. Tem algo que posso fazer por você? — pergunto, e isso a faz sorrir. Ela balança a cabeça.

— Você é muito gentil, mas não. Vá conhecer a matilha, tenho certeza que vai gostar — responde e volta para Ragnar. — Vou levar Trey para casa em algumas horas.

— Você é brilhante, Saffron — Ragnar diz com um grande sorriso e dá tapinhas em seu ombro. Ela acena antes dele andar até mim, pegando um par de botas familiar. — Encontrei-as na praia alguns metros de onde Henderson disse que te encontrou.

— Obrigada! — agradeço, pegando-as feliz. — Como você soube que eram minhas?

— Meu lobo sentiu o cheiro — ele responde. — Elas têm seu cheiro, é claro.

Dou risada enquanto coloco minhas botas e percebo que foram limpas e lustradas. Nem um grão de areia está nelas, e não estão molhadas. Alguém até trocou os cadarços surrados que costumavam estar aqui.

— Obrigada por encontrá-las e consertá-las.

— Sem problema — ele declara, esfregando a nuca. — Você está pronta?

— Sim — respondo, me sentindo mais do que um pouco nervosa, mas

animada para ver as terras da matilha. Nunca tinham fotos em livros ou coisa assim para nos mostrar como eram as terras aqui, onde costumava ser a Irlanda, apenas vi a ilha na distância da encosta do País de Gales. Uma parte maior minha não está nada além de nervosa com as mudanças que terão na vida da matilha, onde vou morar e como serei tratada. Estou muito bem acostumada a ser a pária da matilha, a que ninguém quer, sei como lidar com isso.

Só não sei lidar com o resto.

Ragnar desce os degraus comigo ao seu lado, mas seus pés enormes descem de dois em dois, e ele chega ao final muito mais rápido do que consigo. No final dos degraus, na areia, está um carro estranho. Tem rodas gigantes, uma estrutura branca fixada nelas, mas nenhuma porta, apenas painéis de vidro na frente e atrás dos dois assentos. A estrutura é branca e brilhante e é óbvio que é bem cuidada. Já vi coisas assim em filmes humanos, mas não é o mesmo, então não tenho ideia de como chamá-la.

— Eu mesmo fiz. A chamo de Margarida — Ragnar me diz, e posso não conhecer ele, mas sinto o orgulho na sua voz. — Sempre adorei mexer com os carros dos humanos e fazer coisas novas. Margarida é minha invenção mais confiável.

— Por que ela se chama Margarida? Como as flores? — indago.

— Margaridas tecnicamente são ervas daninhas que parecem flores, e minha Margarida é tecnicamente um monte de partes quebradas que juntei para fazer algo incrível — declara, dando tapinhas na carcaça que parece um carro. — Pronta para um passeio?

Aceno que sim e subo, percebendo tarde demais que é bem alto. Cambaleio para trás, mas ao invés de cair de bunda, as mãos de Ragnar vão para minha cintura, me segurando, e calor se espalha pela minha pele onde suas mãos tocam. Minhas bochechas coram enquanto ele me ajuda a sentar

no banco do passageiro e coloco o cabelo atrás das orelhas ao desvio o olhar. Ele não diz nada quando pula no banco ao meu lado sem esforço, seu braço rocando contra o meu, a mesma rajada de calor me faz estremecer com o pequeno contato. Ele me faz sentir... viva? Não tenho certeza do que pensar sobre como ele me faz sentir.

Não é algo que tenha sentido antes.

Ragnar olha para mim, tudo sobre ele passando ardor e me lembrando do calor do fogo quando você para muito perto.

— Bem-vinda à matilha Fall Mountain, Mai. Você está finalmente em casa.

~*~

— SLIEVE DONARD é o antigo nome da montanha e a maioria ainda a chama assim, mas em geral é referida como Cidade Slieve por causa da cidade que construímos dentro da montanha e ao seu redor — Ragnar explica enquanto dirigimos pela densa floresta, em estradas que não são nada além de terra cercada por toras de madeira para marcar o caminho. A única luz passa pelas grandes folhas e os galhos retorcidos fazem sombras pelo chão da floresta. Eu não posso cheirar nada além de pinho, Ragnar cheia a bacon, suponho que ele comeu no café da manhã, um cheiro sutil apimentado, uma mistura sensual amadeirada que eu sei que vem dele. E ele cheira muito bem. Com cuidado, inclino a cabeça para longe da floresta para olhar Ragnar de cima a baixo. Suas mãos firmes seguram o volante de uma maneira relaxada, mas seus músculos ainda estão tensos nos braços. A maior parte dos homens na minha antiga matilha era musculoso, e nenhuma vez achei isso atrativo como acho nesse momento. *Caramba, os alfas da matilha Fall Mountain são gostosos.*

— Mai, ainda está me ouvindo? — pergunta, tirando os olhos da estrada por um segundo para olhar para mim. Seus olhos azuis me lembram da cor do céu da meia-noite.

— Desculpe, me desliguei. O que você disse?

Ele me dá um sorriso que diz que sabe o que estou fazendo, mas não comenta.

— Eu disse que tem apenas uma cidade na ilha e outras quatro grandes cidades. Vivemos na montanha e gostaríamos que você morasse conosco. Se concordar, é claro.

— Por que tenho a sensação que não é uma verdadeira escolha?

Ele suspira, reduzindo um pouco a velocidade.

— É uma escolha. Não vamos te forçar a morar conosco, mas você precisa conhecer a lei da matilha. Qualquer um pode te desafiar e te matar por ser diferente e não conseguir se transformar ainda. Henderson está convencendo Silas para que ele te dê permissão de se transformar. Isso vai acabar com metade dos problemas. A outra metade é o fato que existem dois tipos de desafios. Um é de armas.

— Não temos isso na minha...

— Sua antiga matilha — ele rosna, me interrompendo.

Balanço a cabeça, me afastando um pouco e ele xinga baixo.

— Merda, não quis te assustar.

— Estou acostumada com lobos alfas serem babacas. Não se preocupe — ralho.

— Não, minha raiva era com sua velha matilha e não com você. Se fosse por mim, anunciaríamos guerra e desafiaríamos seu antigo alfa pela matilha. E a tomaríamos — diz, direcionando seu olhar para mim mais uma vez. Vejo as desculpas em seus olhos, e isso me faz hesitar em ficar brava com ele por muito tempo. Posso entender seu ponto de vista, pelo jeito viu

muitas rejeições e ouviu o que acontece com eles. Ele deve saber o que aconteceu comigo na cerimônia de acasalamento.

— Tudo bem — digo, decidindo deixar o assunto para lá por agora. — Estava dizendo que não sei o que é um desafio com arma.

— Você tem uma arma e não pode se transformar. O desafio acontece em áreas cercadas onde não pode se transformar devido a mágica neles — ele explica. — Logo, você precisa de treinamento antes que te deixemos entrar na matilha.

— Todos rejeitados recebem treinamento?

— Se tem idade o bastante, sim, mas normalmente com um beta — responde, honesto.

— Então, por que não posso morar com um dos seus betas?

— Eles estão todos ocupados — fala, rápido. Rápido demais. Quero chamar a atenção dele para isso, mas me pergunto, qual é o objetivo? Ficaria mais segura na casa dos alfas por um curto período para que possa treinar e depois encontrar um lugar para mim.

— Será apenas por um curto período — contraponho.

Ele concorda.

— O que você quiser, Mai.

— Ninguém nunca me chamou assim antes... eu meio que gosto — falo, olhando para seu cabelo preto curto que tem quase um brilho azulado sob os feixes de luz que escapam pelas árvores. Ragnar olha para mim, e tenho a impressão que quer dizer alguma coisa, mas isso passa rápido e ele se vira. Recosto no banco bem quando viramos uma esquina e direto na cidade que estava bem aqui e desapareceu em um segundo.

A cidade é pitoresca de uma maneira que não espero.

Cerejeiras altas floridas cercam a rua de pedra marrom-clara com dúzias de casas de madeira de cinco andares com teto de ardósia dos dois

lados. No meio delas têm jardins com cercas baixas com crianças e lobos neles, as risadas ecoando pelo vento que sopra pétalas de cerejeira no ar. Lobos correm pelos caminhos das ruas, desviando das pessoas que se viram para olhar para nós, e todos parecem vestidos do mesmo modo que minha matilha, uma mistura de capas e jeans, camisetas e alguns vestidos chiques aqui e ali. Mas tem tantas cores de cabelos, nem todos têm cabelo preto ou castanho, têm algumas pessoas ruivas e loiras andando por aí.

Não iria mais ser diferente. Virei para ver a estrada subir até uma abertura enorme na montanha contornada por ouro. Luz quente brilha de dentro da caverna enquanto Ragnar dirige pela estrada e pela colina até a superfície plana do lado de fora da caverna, entramos e a paisagem tira meu fôlego.

Todo o caminho da base da montanha até o topo tem níveis de casas construídos dentro do penhasco com pontes no meio para ligar todas as camadas, e degraus no meio que são feitos de pedra, em uma enorme escada que poderia abrigar vinte pessoas enfileiradas subindo juntas.

— Odeio dizer, mas essa parte balança um pouco. Segure-se — Ragnar avisa enquanto dirige direto para a escadaria, pessoas saindo do caminho e acenando como se fosse normal ele dirigir tão rápido e tratar as pessoas como pinos de boliche que precisam sair do caminho. Seguro os lados do banco enquanto Ragnar dirige o carro para cima das escadas, o veículo pula para cima e para baixo enquanto subimos rápido, pessoas se afastando para os lados. Passamos cinco saídas diferentes, mas ele nunca vira nelas.

— V-você faz isso se-sempre? — solto, e em resposta recebo apenas uma risada por um momento. Uma risada profunda e excitante que faz meu corpo inteiro se encher de vida.

Seus olhos azul-escuros encontram os meus por um único segundo.

— Viva um pouco, Mai!

Sorrio e isso vira uma risadinha ao continuarmos os círculos até finalmente chegarmos num portão de ouro pesado no topo das escadas, que se abre devagar. As pontas dos portões são árvores, tantas delas que parecem como uma pequena floresta e quando os portões se abrem totalmente, vejo que tem mais árvores de verdade dentro da montanha. O último nível da montanha é uma grande área com uma casa enorme estilo Georgiano no meio e uma floresta de árvores, jardins gramados e cercados por flores, e um grande caminho de pedra bem no meio deles, se separando para os lados da casa principal.

Vejo duas casas pequenas nas árvores, uma delas parece uma garagem enorme. Ragnar dirige Margarida pelo acesso de pedra da garagem. O barulho das pedras sob os pneus é tudo o que escuto e olho para trás para ver os portões se fecharem lentamente atrás de mim. Estou aqui agora, e posso é aproveitar o que a vida me deu. Tenho zero planos para o futuro, mais porque pensei que não teria um depois da cerimônia de acasalamento, e agora posso fazer planos de verdade. Parte de mim sabe que posso ter algum tipo de vida uma vez que saiba como me defender e me transformar em uma loba.

Ragnar estaciona Margarida na frente da casa, solto meu cinto e desço, o que é mais fácil do que subir. Olho para a casa grande e intimidante na minha frente e respiro fundo.

Tudo vai ficar bem se conseguir sobreviver as próximas semanas com os quatro alfas loucos.

A porta se abre e a mulher mais doce que vi na vida sai.

— Pensei que você só trouxesse cachorras de volta para cá na lua cheia por uma noite? As regras mudaram?

CAPÍTULO 9

A mulher doce, loba, não combina com a forma nada amigável que acabou de me chamar de cachorra, e fico um pouco surpresa. Ela tem cabelo vermelho encaracolado que está em duas tranças que caem até sua barriga com pequenas presilhas de lobo prendendo-as. Está com um top preto curto, calças de couro preto que são bem justas e tem mesmo um rosto doce. Nas suas costas estão duas adagas, mas posso ver apenas as pontas afiadas de cada lado da cabeça. A mulher arqueia uma sobrancelha para mim, seus olhos verdes me mostrando que não é nem um pouco doce. Isso é exatamente o porquê fui ensinada a não julgar um livro pela capa.

— Mai, essa é Seraphim Fall, nossa loba beta principal, e eu diria que ela não é tão rude, mas ela é — Ragnar nos apresenta.

— Que tipo de nome é Mai? — ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado e colocando as mãos nos quadris. — Na verdade, quem é ela e por que está aqui?

— Desde quando tenho que te contar alguma coisa?

— Desde o fato que nenhum de vocês poderia viver sem mim, por isso — ela contrapõe com um sorriso que termina com os dois rindo. Eu, por outro lado, estou apenas confusa.

— Mulheres não podem ser betas. Isso nunca aconteceu antes — solto.

Seraphim suspira.

— Entendi, ela é uma rejeitada.

— Mai agora está na nossa matilha, e espero que você a trate como tal. Ela vai morar conosco — Ragnar responde, firme, seus olhos

semicerrados para Seraphim. Ele não gostou dela me chamando de rejeitada. Uma pequena parte minha se aquece por ter sido defendida, porque tem apenas algumas poucas pessoas que me defenderam antes. Seraphim abre a boca para dizer alguma coisa, mas Ragnar interrompe: — E — Ragnar olha para mim — permitimos qualquer um que possa provar ser o melhor lutador, ambos em sua forma de lobo e humana, ser beta. Seraphim é uma lutadora mortal, e sua loba é mais forte que metade dos machos da nossa matilha. Pode não ser aceito na matilha Ravensword, mas aqui respeitamos força de verdade, e Seraphim mereceu seu lugar. Bem como qualquer outro lobo poderia, até você.

— Respeito isso — respondo e viro para Seraphim. — É um prazer te conhecer, Beta Seraphim. Talvez se a matilha Ravensword tivesse mais mulheres no comando, não seria tão ruim lá.

Ela me dá um sorriso cheio de malícia.

— Sei como Ravensword funciona. Costumava morar lá até ser rejeitada por amar alguém que não foi escolhido para mim. Uma garota, para ser exata. Ravensword e a deusa da lua não te deixam amar livremente, e eles me descartaram, sem checar como eu seria forte.

Encontrei os olhos dela.

— Sinto muito.

— Assim como eu, pelo que seja que aquela matilha perturbada te fez passar. Confie em mim, é melhor aqui. Mais do que melhor. Você pode respirar agora — ela sugere e anda até mim. — Estarei por aí. — Ela olha para Ragnar. — Eleline está aqui, na sala de estar. Boa sorte com isso.

Ragnar murmura baixo e entra na casa, olhando para mim quando não me mexo.

— Você vem?

— Quem é Eleline? — pergunto indo para seu lado.

— Uma ex-namorada que vive aparecendo — ele admite, dando de ombros.

— Então você não traz mulheres apenas na lua cheia para transar?

Ele dá um solavanco na porta e olha para mim. Inclina a cabeça para o lado.

— E o que você saberia sobre isso? Ravensword não deixa fêmeas fazerem sexo antes de acasalarem.

Engulo, a pressão um pouco grande demais sob seu olhar.

— Eu sei bem.

Seus olhos procuram os meus, e tento esconder o turbilhão dentro de mim, mas acho que ele vê. Acho que ele me vê por um breve segundo. Um estranho descobrindo meus segredos, descobrindo tudo que me despedaçou na vida.

— Quem é ela? — Uma voz aguda me faz pular para longe do Ragnar, mas ele não se move por um segundo, e percebo logo que está bravo. Seu corpo todo treme com raiva, e ele fecha os olhos por alguns segundos enquanto me viro para a mulher. Eleline, adivinho. Ela está olhando para mim, as mãos na cintura fina e nua bem acima da pequena saia vermelha que está usando. Nada além de uma faixa de pano está enrolada em volta de seus seios e seu cabelo loiro é mais escuro que o meu, mas cortado curto abaixo do queixo. Seus olhos são castanho-claros, mas estão semicerrados em mim como se eu fosse má.

Então ela rosna. Um grunhido possessivo que não gosto. Alguma parte minha força meus olhos a encontrarem os dela e a encaro. Algo que nunca fiz antes, mas não posso evitar. Logo sinto minhas mãos tremendo, e um som de lobo profundo e estranho está escapando dos meus lábios.

Ragnar dá um passo na minha frente, colocando as mãos nos meus ombros, e como uma luz se apagando, me sobressalto onde estou parada. Ele

sorri com bondade para mim, mas vejo tensão em seus olhos.

— Vou lidar com Eleline. Seu quarto é o terceiro à esquerda quando subir as escadas. Te encontro lá?

— O que foi isso? — pergunto baixo.

— Sua loba está saindo, com ou sem a permissão do Silas. Parece que você é mais forte do que qualquer um pensou, Mai — ele diz, suave, e abaixa as mãos. — Agora, te vejo lá em cima.

— Tudo bem — respondo, trêmula. Ando ao seu redor e passo Eleline que se vira para olhar para mim, mas me recuso a encontrar seu olhar uma segunda vez, mesmo que meu corpo se coce para tal. Ela rosna para mim quando passo, seu rugido nada além de uma ameaça. Fazer inimigos no meu primeiro dia de verdade na matilha não é a melhor ideia que tive, mas havia acontecido. Ela não me desafiou, o que poderia ter feito, então tive um pouco de sorte.

Minhas mãos tremem com a vontade de virar, de fazer alguma coisa insana com alguém que meu lobo claramente vê como perigo. Forço meu corpo instável pelos degraus, sem tirar nem um segundo para ver a escadaria de madeira sob meus pés. Viro à esquerda em um corredor com carpete cor creme e encontro a terceira porta, que está entreaberta, empurro com a mão até se abrir com um rangido. O quarto é redondo com um teto de vidro quadrado pelo qual posso ver as folhas das árvores e a pedra na montanha acima.

A cama de casal é de madeira clara com pilares em cada canto e um colchão alto em cima. Três travesseiros e um cobertor fino estão no meio da cama, todos eles uma cor roxo-claro e parecem ser feitos de seda. O carpete do quarto é macio, descubro ao entrar e pegar um dos pilares da cama. Não tem nada mais nele, e parte de mim sente falta do pequeno quarto que tinha no orfanato. Podia não ser tão grandioso quanto esse lugar, ou ter uma cama

de casal, mas era pessoal. Era minha casa, cheia de desenhos que fiz do Jesper e Daniel e tudo que eu encontrava para desenhar. Tinha as pedras que colecionei do rio, todas de cores diferentes e algumas delas eu pintei ao longo dos anos. Esse quarto é para um convidado, mas encontraria uma maneira de fazer meu próximo destino ser um lar.

— Desculpe por isso. — A voz de Ragnar quase me faz pular. Ele se move silenciosamente, não ouvi nem um passo. Eu me viro enquanto ele entra pela porta com um prato cheio de carnes, queijos e pão. — Achei que você pudesse estar com fome, então peguei um pouco de comida. — Ele coloca o prato na cama para mim. — Vou trazer um armário para você em um momento, já que esse é só um quarto que tínhamos sobrando. Temos apenas dois banheiros, e um deles é a porta ao lado. Valentine e Trey vão dividi-lo com você desse lado do corredor então certifique-se de trancar a porta.

— Obrigada — digo, esfregando as mãos juntas —, por tudo até agora. Você foi muito gentil.

Seus olhos procuram os meus por um segundo.

— Mai... não tem problema.

Inclino a cabeça para o lado.

— Você parecia que queria dizer outra coisa.

— Só que estamos felizes de te ter aqui.

— Por que vocês estariam felizes? Vocês não me conhecem — pergunto para ele, observando-o dar vários passos para trás, na direção da porta. O lobo fugiria para escapar dessa pergunta.

— Por que não ficaríamos felizes de ter uma linda mulher morando conosco? — responde, mas acho que é uma mentira, mesmo que seu elogio me faça sorrir. — Não vou ter que olhar pra cara feia do Valentine pela mesa toda manhã e noite. — Dou risada enquanto ele vai até a porta e olha por

cima do ombro. — Silas vai chegar em uma hora para sua primeira sessão de treinamento, o jantar é depois. Boa sorte.

— Obrigada — respondo, quando ele sai do quarto, fechando a porta para mim. Sento-me na cama e me deito, olhando para a árvore imóvel pendurada sobre a janela de vidro e os raios de luz que posso ver pelos buracos na pedra.

Os alfas da matilha Fall Mountain me receberam em sua casa..., mas por que parece que acabei de entrar no covil do dragão e não vou escapar tão fácil quanto imaginei?

CAPÍTULO 10

Apesar de ter cinco pessoas morando aqui, sem me incluir, a casa está quieta enquanto desço as escadas para bisbilhotar por aí. Não percebi antes, mas os corrimãos das escadarias são lobos entalhados na madeira, seus corpos em posição de ataque. Passo a mão pelo meio do corrimão, as costas dos lobos, até chegar nas suas cabeças, que mal posso alcançar os dentes afiados que são do tamanho da minha mão.

— Cuidado, ele morde.

Dou um pulo ao me virar para Henderson, que está sob o portal à esquerda, o corpo ocupando todo o espaço com seus ombros largos. Seu cabelo parece úmido como se tivesse acabado de tomar um banho, e não sei o porquê, mas me imagino penteando-o.

— Como vocês todos se movem tão silenciosamente? — questiono, colocando uma mão sobre o coração acelerado.

— Hábito criado no treinamento para ser silencioso quando criança — responde, passando uma mão pelo cabelo, como eu estava pensando fazer um momento antes. — Tenho certeza que se mover silenciosamente vai ser mais fácil para você depois que se transformar pela primeira vez. Sentidos de lobo fazem isso mais fácil.

— Ainda não estou acostumada com a ideia que posso me transformar sem um parceiro controlando quando posso. Fui ensinada...

— Ensinada errado — interrompe. — Aparentemente você mostrou um pouco da loba com Eleline mais cedo. É um bom sinal.

Alguma coisa em mim se arrepia com a menção do nome por ele. Franzo a testa, desviando o olhar.

— Eu senti... bom, mais. Mais raiva, mais possessiva, mais feroz. É sempre assim?

— Apenas quando você está protegendo o que é seu. Lobos são babacas possessivos e teimosos com qualquer coisa que consideram deles — responde, mas não faz muito sentido. Eu não estava protegendo ninguém, e com certeza não penso que Ragnar é meu. Ele é um estranho. Decidindo deixar o assunto para lá porque essas respostas estão apenas me fazendo andar em círculos, pergunto outra coisa.

— Alguma chance de você estar livre para um passeio guiado?

Ele sorri e anda até mim.

— Claro, Mai.

— Então você pegou o apelido do Ragnar? — pergunto, quando me guia para uma porta em arco do lado direito da escada. Ele a segura aberta e passo, meu braço roçando contra seu quadril e nada além de calor puro queima minha pele pelo toque.

Ele ri, uma risada profunda que faz mais arrepios passarem por mim. Arrepio do tipo bom.

— Posso te chamar de Irin ou do seu nome todo se desejar.

— Não, Hens — brinco de volta, usando um apelido para ele que não sei de onde surgiu. Ele para um segundo, olhando para mim de uma forma estranha antes de piscar e desviar o olhar.

— Esse é o aposento principal. Jogamos sinuca, assistimos filme, bebemos no bar. É onde todo mundo pode ser encontrado — diz, sua voz mais calorosa do que ouvi antes. A área principal é vasta, pelo menos metade da casa está nesse recinto, e não sei para onde olhar primeiro. Bem no meio tem cinco sofás e duas cadeiras, todos com o mesmo tecido azul-escuro e com alguns cobertores de peles nos encostos. No meio deles está um enorme tapete de lã com um desenho de um lobo marrom com o fundo de um azul-

escuro que combina com os sofás. Na parede tem uma grande televisão, bem maior e mais plana do que as que tínhamos na minha antiga matilha. A mesa de sinuca está mais para dentro do ambiente, e do outro lado está uma área com cinco estantes de livros enormes, uma mesa de madeira grande e uma velha poltrona, todos no canto, fazendo parecer acolhedor e escuro. Duas grandes lareiras estão acesas de cada lado do local, lançando luz quente pelo lugar, misturando com a luz que entra por sete grandes janelas, que foram projetadas para receberem os raios de luz da montanha.

— Vocês projetaram essa casa? — pergunto. — É linda.

— O antigo alfa era um monstro que tratava os lobos na sua matilha como nada além de brinquedos para se divertir, mas ele desenhou essa casa. A matilha a construiu, e é seu sangue impregnado nas paredes dessa montanha inteira. Nós a reivindicamos quando tomamos a matilha — explica, paixão e raiva saindo pela sua voz. — Essa matilha aceitou nosso deus proibido, nós como alfas, e nós sabemos que estão melhores por isso. Eles estão prosperando agora.

— Onde vocês viviam antes?

Seus olhos assumem um olhar estranho, mas antes que possa responder, Silas entra na sala estalando os dedos para mim.

— Hora do treino. Se desmaiar, vou esperar você acordar para continuarmos. Pense nisso.

Ele vira e sai do recinto e Henderson suspira.

— Ele está brincando... eu acho.

Dou um sorriso nervoso para Henderson antes de correr atrás do Silas, com uma suspeita de que ele não está brincando. Silas se move tão rápido que vejo apenas a porta dos fundos atrás das escadas se fechar quando cruzo o hall de entrada. Corro para a porta e a empurro, ela abre para uma sala enorme e vazia que me lembra o ginásio da escola da minha antiga matilha. O

piso é feito com azulejos amarelo-claros e as paredes são brancas com janelas estreitas cercando o topo da sala. Tem uma porta de um lado que tem três grandes cadeados, e não tem muito mais para ver aqui.

Silas está parado bem no meio do lugar. Seus braços musculosos estão cruzados, tensos, e parece bravo com o mundo, como se ele tivesse feito algo pessoal para ofendê-lo.

Apesar de parecer tão bravo, atravesso o lugar enorme e aberto que faz cada passo ecoar até parar bem na sua frente.

Ele olha para mim como se fosse um pequeno inseto sob seu sapato que gostaria de esmagar. Estou acostumada com homens fortes e babacas desse jeito, me dominando com um olhar. Os betas da Ravensword se divertiam fazendo isso comigo porque sabiam que eu nunca podia revidar. Nunca podia dar ao alfa um motivo para me matar. Mas parece que as coisas nessa matilha são melhores, não que tenha visto muito da matilha até agora.

— Você teve algum treinamento antes? — sua pergunta fria quase me faz sorrir. Ele sabe que sou uma criança órfã? Pode ver que sou uma mulher, e mulheres não lutam em Ravensword? Elas certamente não são treinadas. Arqueio uma sobrancelha em resposta e ele olha feio para mim. — Eles sequer te ensinaram a lutar? Como se defender? Como ser um lobo para começo de conversa? — Olho para cima, nervosa, sabendo que não tive treino nenhum. Vivi com Mike minha vida inteira, ele não podia me treinar e não era sua culpa. O alfa nunca teria deixado, mas eu o via pegar uma espada vez ou outra e usá-la com habilidade no quintal. O único motivo que Mike se aposentou como beta foi porque seu lobo se recusava a continuar lutando, uma coisa normal que acontece com lobos depois de certa idade. Mike ainda seria um beta se fosse por ele.

Enfim, crio coragem para responder ao Silas, sabendo que preciso da sua ajuda com o treinamento e ele não vai me machucar. Se esses alfas me

quisessem morta... eu estaria.

— Não, não tenho treinamento, mas sei como me defender ou pelo menos como correr rápido quando pessoas me perseguem.

Dou uma risadinha, mas morre quando percebo que ele não ri da minha piada. Na verdade, parece mesmo mais desinteressado em mim do que quando entramos aqui. Temos um longo caminho para percorrer antes que ele me dê permissão para ser uma loba, para ser quem eu devo ser. Ele me encara e depois de um tempo desvia o olhar. Silas se move rápido, com passos pesados pelo recinto até as portas fechadas do outro lado e corro para acompanhá-lo, querendo saber o que exatamente está fazendo agora.

Parte de mim esperava levar uma surra aqui desde o começo, se eu for honesta comigo. Não estava esperando sentir tanto nojo vindo dele. A irritação exala da mesma maneira que seu cheiro de floresta e algo profundamente masculino me atrai para mais perto dele. Quero afastar seu desgosto por mim, mas me lembra demais de Ravensword, do lugar que acabei de sobreviver. O alfa que acabou de tentar me matar por ser sua parceira.

Os ombros de Silas estão tensos e admiro as costas musculosas sob a camiseta preta que está usando, presa em uma calça moletom que delineia bem demais o resto do seu corpo. Cogito se ele sabe que está gostoso? Ou esses alfas têm tanta confiança que não se importam? É claro que não falta atenção feminina, julgando pela Eleline, e não sei por que me importo tanto. Eu nem conheço eles. Não exatamente.

Silas abre os cadeados um por um até caírem no chão com um grande baque, e os chuta para longe com o pé antes de abrir as portas enormes que parecem pesadas e feitas de metal ao rasparem no chão. Acende um interruptor ao lado da porta e o lugar se enche com pequenos raios de luz refletindo tudo. Espadas prateadas e douradas, adagas e tudo o mais que

parece afiado e mortal cobrem o pequeno quarto. Todo tipo de arma que você pode imaginar está nesse quartinho, presa nas paredes ou em caixas e barris no chão, e estão em todos os lugares.

O mais preocupante de tudo é que algumas delas ainda tem sangue, e claramente nunca foram limpas, e o cheiro saindo delas é metálico o bastante para meus sentidos se contorcerem com nojo. Deus sabe o que está fazendo com seus sentidos de lobo. Silas vai direto para o outro lado onde as armas mais sujas estão e as empurra para o lado. O barulho alto delas no chão me faz pular até ele pegar duas espadas longas e finas do fundo. Ele as pega pelos punhos e volta para mim, batendo uma no meu peito de maneira suave, sem se importar se a derrubo quando me atrapalho para pegá-la. A espada, apesar de menor que a dele, é bem mais pesada do que parece. Mas está limpa de sangue. Um pequeno bônus. Silas sai tempestuoso, sem me esperar ou olhar para trás uma vez.

Seguro a espada e a carrego para a sala de treinamento principal para onde ele voltou. Silas volta para o meio do recinto, onde pausa e espera por mim, curvando a mão para me chamar para perto. Todo o movimento é exageradamente sarcástico, e pondero se ele vai me matar agora com essas mini espadas, porque não entendo esse cara. Faria mais sentido para Henderson ou Ragnar me treinarem, eles parecem gostar de mim. Não Silas.

Essa espada não é bem mini. Arrastei a minha pelo chão, erguendo apenas o bastante para não fazer um barulho horrível. Finalmente chego até ele com a espada pesada e olho para ela. A espada é bem básica. O punho prateado é de metal frio sem aderência, e olho para espada de Silas que tem um punho de couro, sem dúvida fazendo ser mais fácil segurá-la. Eu me pergunto se ele me deu de propósito a espada ruim que, na verdade, parece quebrada e difícil de usar. Não ficaria surpresa.

— Então, o que fazemos agora? — pergunto.

Ele suspira.

— Me atinja.

— Com a espada? — pergunto para confirmar. Tudo sobre a ideia de atingir um alfa com a espada parece errado... Fui treinada nas regras da matilha durante muito tempo e atacar um alfa é uma regra que nunca pensaria quebrar. Mas agora tudo é diferente.

— Sim, com a espada — responde. — Imagine aquele babaca de um alfa. Você sabe, o que você deveria ter acasalado?

— A deusa da lua estava errada — respondo, erguendo a arma —, você não sabe de nada.

— Eu sei que ele estava maluco — contraria, balançando a espada com sua mão.

Coro com o elogio, sem esperar isso do Silas.

— E se eu te machucar?

— Vamos combinar, Mai, se você conseguir tirar sangue, te dou permissão para se transformar. Na verdade, te ajudo a se transformar — ele responde com um sorriso porque nós dois sabemos que estou longe disso.

Encontro seu olhar.

— Aceito seu acordo, Silas.

— Sabia que aceitaria — diz, com uma inclinação de lábios que poderia ser confundida com um sorriso. — Você não parece do tipo que desiste. Vou te ensinar a lutar, e você pode superar o estilo de vida de merda que a matilha Ravensword te ensinou. Aprenda a ser você mesma aqui, e depois me conte se seu antigo alfa merece respirar.

— Já sei essa resposta — retruco.

Ele concorda com a cabeça e acena com a mão.

— Eu também. Lute comigo, Mai. Tente.

Respiro fundo e uso toda a força que tenho para golpeá-lo com a

arma. Ele bloqueia minha espada com a dele, a colisão delas vibrando pela minha espada e quase caio com o impacto. Cambaleio para trás e Silas esfrega o queixo.

— Movimento decente. Posso trabalhar com isso.

— Pode? — pergunto. — Meio que tive a impressão que você não gosta de mim, ou me quer aqui.

— Eu não gosto de ninguém, Mai, não leve para o lado pessoal. Quanto a te querer aqui? — Pausa e ergue a espada. — Bom, não ligo tanto assim.

E com isso ele me golpeia. Estou prestes a pular para fora do caminho e olhá-lo com horror, mas ele já está movendo a espada em um novo golpe. Dessa vez, bloqueio erguendo a minha. Ele a atinge com tanta força que sou derrubada no chão, minha espada sai da minha mão e desliza pelo chão. A espada do Silas está sob meu queixo em segundos.

— Agora você está morta.

Olho para ele, arfando com uma mistura de raiva e frustração. Seus olhos brilham com alguma coisa e afasta a espada segundos antes da porta abrir e Henderson entrar na sala. Levanto enquanto Henderson encosta na parede ao lado da porta e encara Silas.

— Você não é necessário.

— Estou aqui para observar, nada mais — ele responde com um sorriso amigável demais. — Continue.

Silas rosna e me apresso para pegar a espada antes de ele me golpear mais uma vez. Agora mal saio do caminho. Ele me acerta repetidas vezes, e toda vez desvio até ter coragem suficiente para encontrar sua espada com a minha.

— Erga o cotovelo com o impacto e mire para o meio da minha espada — Silas instrui. Concordo com a cabeça e faço o que ele pede,

descobrindo que a colisão das nossas espadas é mais fácil de segurar dessa vez. Silas para, olhando pelo meu ombro para Henderson antes de olhar para mim. — Você é fraca demais. Toda manhã quero que corra três quilômetros comigo antes de fazer exercícios de fortalecimento como abdominais por meia hora. Nesse momento podemos correr e começar a treinar outra vez amanhã. Me siga.

— Ela seria mais forte se, se transformasse — Henderson diz nas costas de Silas, mas ele já saiu da sala, ignorando-o e Henderson me dá um sorriso simpático.

Estou treinando com o diabo e ele controla a única coisa que quero. Ótimo.

Silas corre muito rápido para fora da sala e tenho que correr mais rápido do que nunca para acompanhá-lo enquanto deixamos a mansão e seguimos um caminho pela floresta de árvores do lado de fora. Isso vai doer amanhã, mas não vou desistir. Afinal, uma loba nunca desiste, e está na hora de me tratar como uma loba ao invés de uma ovelhinha.

CAPÍTULO 11

Todo o meu corpo dói por causa do treino do dia anterior. Os três quilômetros que Silas me fez correr ontem não foram suficientes para me fazer desmaiar, mas o treinamento intenso depois disso foi exagero. Tudo desde abdominais até torções e movimentos estranhos que Silas prometeu que fortaleceriam meu núcleo para que pudesse aguentar um golpe me deixaram absolutamente exausta. Deixei o treinamento, fui para o quarto e dormi direto, ignorando o resto da matilha do lado de fora, apesar de estar me coçando para ver a matilha onde estava vivendo livremente. As marcas nas minhas costas parecem se esquentar por um segundo, me lembrando de sua existência e do deus proibido ao qual jurei lealdade.

Viro nos lençóis suaves com os quais não estou acostumada, e meu corpo ainda anseia pelos lençóis que tinha no orfanato, que tinham furos e não eram extremamente limpos, mas eram meus. A matilha Fall Mountain deve ter algum tipo de conexão com os humanos que minha antiga matilha com certeza não tem, porque se isso é o que eles têm sobrando, não quero saber o que são suas coisas caras. De qualquer maneira, essa casa e tudo que vi até agora, é mais humano do que qualquer outro lugar. Fico curiosa de saber se falam com os humanos, não deveríamos ter muito contato com eles desde o tratado de paz entre nossas raças celebrado tempos atrás, muito antes de eu nascer.

Deito de costas e olho pela janela para as árvores acima, não gostando do fato de não se moverem com a brisa. A visão me lembra da floresta perto do orfanato, e posso não conseguir me transformar, mas uma parte bem no fundo de mim ama a floresta. As árvores, o cheiro do arvoredo e a sensação

de segurança que me dava. Ter saudade de casa é normal, decido enquanto olho pela janela. Estou com saudades de uma matilha que me mataria na hora se voltasse para lá. Não posso decidir o que isso faz de mim, sabendo bem no fundo que sinto saudade de Mike, Daniel e Jesper mais do que tudo o que tinha na matilha. Eles eram minha matilha, mesmo que desajustada, e agora precisava encontrar uma maneira de aceitar que não os veria outra vez. Eu me pergunto o que eles sabem sobre a cerimônia de acasalamento. Daniel viu o que aconteceu, mas não podia parar o alfa, e eu espero que esteja bem. Espero que ainda consiga manter sua promessa de cuidar do Jesper porque eu não posso. Não mais.

Decidindo que preciso levantar, faço planos de explorar a cozinha para conseguir comida, pois não comi o resto do dia depois que voltei do treino. Levantar da cama dói, enquanto vou para meu novo guarda-roupa no meu quarto, que apareceu de alguma forma depois que voltei do treino. Um dos alfas foi responsável, mas estou apaixonada pelo lindo guarda-roupa de madeira que tem rosas vermelhas entalhadas nos lados e portas de vidro enquadradas com carvalho. Passo a mão pela porta, sabendo que quem fez isso trabalhou muito na criação. Fico surpresa quando abro para ver vários jeans e múltiplos tops, todos em cores escuras, e um monte de roupas íntimas rendadas pretas, o que não estava esperando. Espero que Seraphim tenha ajudado com isso, ou a ideia dos alfas fazendo compras para mim e escolhendo todas essas roupas meio que me assusta. Por um segundo, seguro a calcinha preta rendada e um bilhete cai no chão. Abaixo para pegar, virando para ler o que diz.

"Adivinhei seu tamanho e escolhi alguma coisa que vestiria. Espero que goste. Phim."

Dou risada enquanto pego e percebo que são do tamanho certo, até as meias fofinhas feitas de um material estranho que vi apenas na elite da

matilha Ravensword. Eu me visto o mais rápido possível – o que não é tão rápido como de costume porque estou dolorida – e uso rapidamente o banheiro ao lado, observando o lugar pequeno. Não tem nada além de um vaso, uma pia e uma banheira com chuveiro, e todos são simples, feitos de porcelana, mas o lugar está limpíssimo, o que não esperava devido ao fato que tem três homens adultos morando aqui e um garotinho. Então alguém está claramente limpando esse lugar, mas ainda não os vi, então devem ser os alfas. Tranço o cabelo rapidamente para garantir que não fique no caminho antes de descer e olhar em volta do saguão de entrada silencioso.

A porta da sala de estar está ligeiramente aberta com luz saindo da fresta, mas sei que aquele não é o caminho, a cozinha não pode estar ali. Sei que as portas dos fundos levam para pequenos quartos, então procuro nas três portas à esquerda, decidindo pela do meio. O lugar é tão silencioso enquanto me esgueiro por aí, sentindo como uma estranha nesse lugar enorme e como se não devesse estar aqui. Faço o caminho até a cozinha, não ficando surpresa ao ver outra vez um recinto enorme. É cheia de balcões redondos no meio, em formato de um enorme círculo com dúzias de bancos de couro em volta deles. Os balcões são feitos de granito e os armários feitos de uma madeira escura, luzes entram pelas janelas gigantes de cada lado da cozinha. Logo o lugar não é nada escuro e gosto mesmo dele.

Tem uma luminária oval enorme de cristal pendurada no meio da cozinha que brilha com tanta luminosidade que é difícil olhar para ela. Isso não é algo que estava acostumada antes. As luzes nunca foram brilhantes e divertidas, principalmente porque não tinha eletricidade suficiente para gastar no orfanato, menos ainda para fazer ser brilhante. Afinal, vivíamos de doações. Mas esse lugar, é limpíssimo e brilhante, e tem uma geladeira enorme que não parece nada velha. É feita de aço inoxidável com vários bilhetes em *post-it* grudados na porta. Vou para a geladeira e leio alguns

bilhetes. Alguns são piadas rudes que me fazem rir, outros são comidas aleatórias e um é uma charada.

Como o rio corre, eu vou embora. Você está confuso se acha que sou um pássaro, mas compartilhamos nossas letras.

Sorrio e pego a caneta no balcão, olhando para a charada por um longo tempo. Amo charadas, Mike me deu um livro delas e passei vários meses descobrindo as respostas. Essa é fácil. Anoto a resposta abaixo da charada e coloco a caneta de volta antes de abrir a geladeira. Dentro, tem dúzias de refeições em recipientes e um monte de cerveja na parte mais baixa, mas nada mais e nenhum vegetal ou fruta a vista.

Quem é o cozinheiro? Abro alguns potes e descubro que um dos recipientes tem apenas sanduíches de peito de peru dentro. Pego alguns desses antes de começar a procurar pelos armários perto da geladeira encontrando pratos e garrafas de água em outro. Depois de alguns armários, encontro salgadinhos de banana e algumas uvas-passas e é o bastante para mim. Sento-me em um dos bancos para começar a comer em silêncio, me perguntando onde exatamente está todo mundo e como esse lugar é tão silencioso. Mas quando olho pela janela, vejo que as luzes são de postes na floresta. Ao contrário, está vindo da iluminação brilhante na rua do lado de fora da casa. Perto de terminar meu sanduíche, escuto a voz da Phim gritar pela casa.

— Hey, onde você está, garota lobo? Sei que te deixaram sozinha nessa casa — grita, seus passos enchendo a casa com barulho necessário. — Eles foram em uma festa sem você, e sei o porquê fizeram isso, mas estou aqui para te salvar.

Phim entra na cozinha e sorri enquanto coloca as mãos na curva de

seus quadris. Ela está usando um vestido preto brilhante que não pode ser mais coberto por *glitter* se ela quisesse.

Seu longo cabelo vermelho está ondulado, caindo no meio das suas costas, possivelmente mais longo até do que meu cabelo, e ela tem marcas estranhas em volta dos olhos que a fazem parecer bem bonita e realçam os olhos. Phim olha para mim, absorvendo meu jeans casual e camiseta preta e revira os olhos com um pequeno suspiro.

— Não, você não pode ir para festa usando isso. Ninguém vai prestar atenção em você, e todo mundo precisa prestar atenção em você, especialmente quando você está morando aqui. Precisamos marcar uma posição essa noite — ela diz, enquanto cruza os braços. — Você precisa desesperadamente de uma amiga e não sou do tipo que tem amigos, mas estou aqui.

— Eu não pedi por uma amiga, e você não precisa ter dó de mim — respondo, olhando para ela um pouco confusa.

— Problema seu, você está presa a mim agora — responde, acenando com a mão. — Você não parece querer me desafiar na hora como a maioria das garotas nessa matilha. Isso faz de nós super amigas com você vivendo aqui com meus únicos amigos, os alfas.

— Eles não parecem do tipo que têm amigos — retruco.

Ela ri e muda de assunto rápido.

— Vamos marcar uma posição essa noite. Uma posição de que você está morando com os alfas e não vai para lugar nenhum. Você não precisa de toda garota biscate tentando te desafiar.

Não tenho ideia do que dizer enquanto ela vem até mim e enrosca o braço no meu, me arrastando da cadeira.

— Phim...

— Tá vendo, somos amigas, você me chama pelo meu apelido. Claro

sinal de afeição — interrompe. — Irin, ou você gosta de Mai? De qualquer maneira vou ficar com Irin.

Desisto de resistir ao puxão dela, subimos as escadas enquanto continua a falar.

— Olha, tem uma festa enorme acontecendo hoje à noite. É uma boa festa, é a festa da lua que acontece duas vezes a cada três meses.

— É como uma festa da deusa da lua? Nós temos dessas de volta...

— Não, não mencione aquela matilha. Ninguém fala deles por aqui. Todo mundo sabe como eles são e é deprimente que não podemos matar seus líderes e ensiná-los a serem livres — ela diz, no topo das escadas. Essa seria uma forma de arrumar a matilha Ravensword. — Não, a festa principal é, *hmm*, tipo uma festa da liberdade.

Olho para ela outra vez.

— Uma festa da liberdade? Você quer descrever melhor esse trecho para mim? O que exatamente estamos comemorando?

— Não estamos comemorando nada além do fato que estamos livres. Mas sim, você precisa estar lá — fala enquanto Trey anda pelo corredor até parar quando nos vê.

— Oi, Mai — ele chama antes de chegar no topo das escadas e meio que franzo o nariz com o apelido que claramente aprendeu com os alfas.

— Oi, Trey. Não te vi o dia todo, mas até aí, estive no meu quarto. O que você vai aprontar essa noite?

— Assistir reprises desse programa na Netflix que os humanos têm, e é a melhor invenção desde sempre.

Com isso, ele desaparece pelas escadas e viro para Phim.

— O que é Netflix?

Ela ri e balança a cabeça.

— Uau, a matilha Ravensword está mesmo vivendo no passado.

Merda. Até eu disse o nome deles.

Por algum motivo, damos risadas juntas enquanto ela entra direto no meu quarto sem perguntar qual é. Está claro que sabe bem aonde vai.

— Não tenho nada para vestir que é parecido com o que você está usando — conto para ela, que balança a cabeça.

— Agora tem. Comprei tudo aqui dentro, então sei exatamente o que você tem para vestir — responde e com isso começa a procurar nas gavetas de baixo do guarda-roupa que não abri antes e assumi estarem vazias. Dentro delas, encontra esse vestido branco, bom um vestidinho e segura no ar. Olho para ela e de volta para o vestido.

— Não, não posso usar isso — falo direto para ela. É praticamente nada. Phim o joga para mim e pego no ar.

— Se troque e arrume o cabelo e aí me deixe fazer sua maquiagem. Isso é um comando beta, Irin — diz, com uma piscadela e nem um pouco de poder de loba na voz.

Apenas olho para ela em completo choque, me perguntando se posso escapar disso, mas um olhar nos seus olhos e ela me diz de forma descarada *Não, você não vai escapar disso* sem dizer uma palavra.

— Olha, é parte do meu trabalho te manter viva. E confie em mim, você precisa estar nessa festa hoje à noite. Não só todos os alfas estão lá, mas todas as vacas da matilha vão estar, e vão estar observando. Você não precisa dos alfas passando por cima de você nessa casa e te falando o que fazer, então precisa marcar sua posição na frente da matilha inteira indo na festa mesmo que os alfas não tenham te levado.

— Eles vão ficar bravos comigo? — pergunto.

— Quem liga? — ela retruca. — Você não é a parceira deles, ou deles de qualquer maneira, então por que eles têm escolha? Essa matilha é sobre liberdade, garota.

— Liberdade é nova para mim — respondo.

— Eu entendo. Todo mundo está sussurrando sobre você e está na hora de dar as caras.

Franzo a testa para ela, mas tenho a suspeita sorrateira que está certa. Afinal, de alguma forma ela se tornou um lobo beta, uma beta fêmea. E só por isso, estou muito impressionada, impressionada o bastante para seguir seu conselho e ir para o banheiro colocar o vestido. Demoro vários minutos para conseguir colocar o tecido bem apertado, que gruda em mim, marcando toda a roupa íntima. Logo, decido tirar a calcinha, pelo menos para não ser totalmente visível pelo vestido branco. O tecido branco é grosso o bastante para esconder qualquer coisa, de qualquer maneira, e vai até logo acima do joelho, com uma fenda discreta que vai até a coxa. Tem lacunas no vestido na altura das costelas e o decote é tão baixo, empurrando meus seios para cima e os fazendo parecerem grandes. Apesar de sempre terem sido bem grandes, esse vestido com certeza faz as coisas parecerem maiores. Solto o cabelo como fui instruída e passo os dedos por ele antes de me olhar no espelho.

O vestido branco realça meus cabelos, o fazendo parecer mais radiante de alguma forma, e todas as partes minhas parecem mais iluminadas. Meus olhos mais alertas. Acho que é isso que a liberdade faz com alguém. É o que não viver em medo constante também faz. Não sei se meu antigo alfa um dia vai me encontrar aqui, mas parte de mim se sente segura mesmo quando não sei nada sobre esses quatro alfas. Apenas tenho a sensação que não vão me machucar. Poderiam ter feito isso a essa altura, e não fizeram.

E não parecem do tipo que jogam jogos doentios e perturbados como meu antigo alfa fazia.

Acho que estou questionando tudo na minha vida agora, tenho feito isso desde que ganhei essas marcas na nuca. Não, corrigindo, tenho questionado desde que a cerimônia de acasalamento deu tão errado. Ainda

posso ver o rosto do alfa enquanto envolvia meu pescoço com as mãos antes de me jogar daquele penhasco. Afasto os pensamentos, sabendo que preciso me adaptar a essa matilha, e não posso fazer isso se viver constantemente no passado. Erguendo a cabeça mais alto, volto para o quarto onde Phim está sentada na cama, relaxada com as longas pernas cruzadas.

Ela olha para mim.

— Uau. Sim. Você definitivamente vai atrair a atenção certa.

— Não acho mesmo que isso vai acontecer — respondo. Ela apenas ri.

— Sim. Você não tem ideia do que está vindo. Os alfas não vão ficar felizes. Bom, podem ficar. Não tenho certeza, mas vai ser divertido — ela diz, com um grande sorriso. — Vem, vamos fazer sua maquiagem.

— Não, traço um limite com maquiagem. O vestido é o bastante. Vamos embora — sugiro.

— Tudo bem, senhorita mandona. Bom, não sabia que você tinha isso em você — diz enquanto calço as botas e ela olha para elas, mas não comenta. Nunca me dei bem com nenhuma fêmea na minha matilha, e estou tendo dificuldade para confiar em Phim, mesmo quando ela faz fácil tentar. A matilha sempre me viu como uma pária, algo em que não estavam interessados. De algumas formas, estava mais segura no orfanato do que estou andando por essa matilha onde qualquer um poderia me desafiar e os alfas não seriam capazes de impedir. Phim poderia, se quisesse. Sei que estou sendo um pouco paranoica, já que ela apenas me fez sentir confortável, mas meu passado ensinou a não confiar em ninguém. Seria tola se relaxasse. Andamos para fora da casa e direto pelo caminho em direção aos portões e minhas botas parecem fora de lugar com o vestido branco ao baterem no chão.

Percebo que não ligo e é incrível. Nunca teria sido corajosa assim

antes, normalmente me escondia de festas como essa, e é bom ser corajosa. A última vez que fui em uma festa, me esgueirei pelos fundos e acabei fugindo. Mas essa será minha casa, e não posso me esconder para sempre.

~*~

Saímos pelos portões enormes que são deixados abertos e descemos os degraus enquanto inalo os cheiros da matilha como uma mistura de floresta e fogo.

— Esse lugar onde a festa está acontecendo é muito longe? — pergunto.

Ela sorri.

— Ah, é no topo da montanha onde a maioria das festas dos adultos acontecem. Não é longe.

Enquanto pondero se vai estar frio no topo da montanha, ela praticamente me arrasta dos degraus, para uma trilha na direção de uma escadaria onde várias pessoas já estão subindo. Dois homens com cabelo castanho-escuro andam atrás de um grupo de três mulheres, todos perto da minha idade, e são todos igualmente belos. Olham para nós por um breve segundo antes de virarem as cabeças e sussurrarem um para o outro. Quando olho para ela, Phim só revira os olhos.

— Espere isso pelo resto da noite. Essa matilha é tão fofoqueira, juro — ela ri. — É como uma família gigante quando alguém é novo aqui, todo mundo tem que saber sobre eles, ainda mais se eles começam a morar com os alfas como você fez.

Fico vermelha com a atenção porque nunca fui o centro das atenções de uma maneira boa, e não tenho ideia de como aceitar ou lidar com isso. Phim apenas sorri gentilmente para mim enquanto subimos as escadas até o

topo e saímos na noite fria no alto da montanha. É uma grande área circular com nada além de rochas serrilhadas dos lados.

— Pensei que você me odiasse quando nos conhecemos, mas você na verdade parece bem legal, Phim — digo para ela.

Ela me dá um sorriso cheio de dentes que é em parte assustador, e não tenho ideia se ela está ciente disso.

— Pensei que você fosse uma nova biscate que teria que acabar desafiando por se tornar muito fixada nos alfas e tentar matá-los. Quando percebi que você não era uma cabeça de vento e não queria entrar nas calças deles, abaixei a guarda.

— Sem chance disso. Eles podem ser... bom, olhe para eles, mas nunca teria chance — respondo.

Ela cutuca meu ombro.

— Só porque você é rejeitada não te faz ser sem valor. O rejeito de um alfa é o único desejo de outro.

Aceito seu conselho e me empertigo um pouco, finalmente olhando para o topo da montanha. As estrelas são tão brilhantes aqui em cima, como se pudesse esticar o braço e passar os dedos por elas. Pode estar frio, mas os fragmentos altos ao redor da montanha cortam muito da brisa. O lugar está iluminado com tochas nas bordas, o fogo lançando sombras ao redor de vários bancos e almofadas espalhados pelo lugar. Tem mesas de garrafas, comida e copos nas curvas, e música que nunca ouvi antes está tocando dos grandes alto-falantes espalhados pelas beiradas. Tem uma fogueira enorme no meio e vaga-lumes flutuam pelo ar não muito acima da minha cabeça, se misturando com as estrelas, fazendo a vista de tirar o fôlego. Eles se movem quase como se tivessem sido chamados para dançar com a música e realçarem as estrelas. É mesmo muito bonito.

A maioria das pessoas está dançando com a música. O ritmo

melancólico é rápido, mas ainda sensual o bastante para fazê-los dançarem perto. É bem incomum para mim e não o tipo de música que ouvi antes. Depois de alguns segundos, percebo que muitos da matilha não estão apenas dançando, eles estão se beijando profundamente, os corpos pressionados juntos. Eles se movem com a melodia como se ela falasse com suas almas enquanto quase se misturam com quem estão. Parte de mim deseja poder estar perto assim de alguém, aberta assim. Para abrir toda minha alma para eles, todas minhas partes escuras e segredos e ser aceita.

Uma lágrima foge do meu olho, um sentimento profundo de injustiça me fazendo sentir como se não tivesse ar suficiente. Respiro fundo e procuro alguma coisa para me distrair, então foco nas roupas. A falta de roupas das mulheres é muito para ver, mas não parecem se importar, e os homens parecem gostar, seus olhos comendo as mulheres. Sinto minhas bochechas queimarem enquanto Phim me puxa pela multidão, sem saber da minha batalha interna. Mais e mais pessoas se viram para olhar para mim quanto mais longe vamos e ela me puxa até a frente.

É quando percebo que os alfas estão aqui. Os quatro estão sentados juntos, um verdadeiro espetáculo de poder como nunca vi. É muito ver todos juntos, então foco em um de cada vez, escolhendo Valentine porque ele já desviou o olhar. Percebo bem na hora que está sentado com uma mulher de vestido vermelho no colo e está bebendo direto de uma garrafa. A mulher está beijando seu pescoço e uma parte bem fundo em mim dói por um segundo, mesmo quando não faz sentido isso me machucar. Depois de um segundo, a mulher se afasta, coloca os lábios vermelhos na própria garrafa e dá um longo gole. Valentine afunda na cadeira, sem surpresa, totalmente fora de si e a garrafa cai da sua mão, rolando pelo chão.

Olhe para eles, não seja covarde, Mairin. Silas é o olhar mais assustador de se encontrar, mas algumas vezes é melhor tirar as coisas

difíceis do caminho, então olho para ele por um breve segundo. Está vestido todo de preto, seu cabelo loiro mais claro do que o normal, e seus olhos cinzas nada além de tempestuosos. Como pensei que seus olhos me lembravam neve... ele é uma tempestade de neve, pura e simples. Uma tempestade que vai te cobrir e te enterrar na sua beleza se você deixar. Ragnar e Henderson se movem ao mesmo tempo, se endireitando nos seus assentos dignos de um trono. O olhar possessivo que me dão faz arrepios descerem pela minha coluna.

— O que ela está fazendo aqui? — Silas exige, me tratando como se fosse dele para comandar.

— O que você acha que ela está fazendo aqui? Toda a matilha foi convidada, e é uma ótima hora para ela conhecer as pessoas — Phim responde, sem se intimidar nem um pouco por Silas. Tenho que perguntar para ela como fazer isso. Fico em silêncio, sem ter a mínima ideia do que dizer enquanto Ragnar levanta e anda até mim.

— Bom, se você está aqui, gostaria de dançar?

— Eu nunca dancei de verdade antes — respondo. Dancei no meu quarto e com músicas antigas de lobos com Jesper na neve, mas isso é uma dança bem diferente.

Ele sorri e pega minha mão, e sinto calor arder na hora no nosso toque. Eu me pergunto como esses alfas continuam a fazer isso comigo. Como um toque faz o calor passar pelo meu corpo. Como um único toque faz minha cabeça ficar zonza e todos os pensamentos racionais flutuarem para longe. Não deveria estar aqui, e não deveria estar aqui com esse vestido atraindo tanta atenção, ainda mais deles, não quando eles me fazem sentir assim. Não pareço perceber quando ele passa a mão pela minha cintura e me guia pela multidão. Posso ouvir Phim discutindo com os outros alfas ao nos aproximamos de uma aglomeração de pessoas, que se afastam mesmo no

transe sexual que se encontram. Percebo que no fundo da multidão tem mais pessoas, e gemidos e grunhidos e outros barulhos saem deles. Estão sentados em cadeiras, usando menos roupa do que os dançarinos, parecendo tão próximos que parecem estar grudados um no outro. Ragnar me puxa para ele, juntando nossos corpos, me segurando perto enquanto a música alegre continua e arfo com o contato. O jeito que meu corpo se molda ao dele, como se fôssemos feitos para dançar assim e nos sentirmos tão bem.

— Você está linda, Mai — diz, seus lábios roçando contra a ponta da minha orelha e isso me faz estremecer.

Eu me inclino para trás, precisando de um pouco de espaço enquanto meu coração bate forte no peito.

— Tenho certeza que você usa essa cantada em todas as mulheres com quem dança. É genérico e não elogia nenhuma das coisas que gosto.

Ele solta uma risada surpresa.

— Você está certa, mas o problema é que não sei quem você é agora. Só sei a curta história do seu passado.

— Você quer saber mais? — questiono.

— Sim. Então, onde estão seus pais?

— Direto com a pergunta difícil, hein? — indago, enquanto me rodopia e traz de volta para si.

— Você não precisa responder.

— Não tem problema, porque a resposta é: eu não sei. Fui encontrada com doze anos na floresta com nada além do meu nome nas roupas, escrito em um velho papel. Ninguém na matilha me reivindicou, e fui colocada em um orfanato — explico.

— Essa vida deve ter sido difícil. Eu vejo como eles tratam qualquer coisa diferente lá — responde.

— Uma nova amiga ensinou que posso não ter valor para eles, mas

talvez não para todos. Talvez não para mim — respondo, encontrando seus olhos.

— Sem valor não são palavras que quero que ninguém use para você outra vez. Você não é sem valor, na verdade, ninguém no mundo é. Nascemos com um propósito e apenas os deuses são permitidos nos julgarem — retruca, movendo a mão devagar pelas minhas costas até seus dedos roçarem minha pele nua sobre a linha do vestido. A pequena carícia faz meu coração acelerar.

— É minha vez de fazer uma pergunta?

— Vá em frente — declara.

— Quem cozinha e limpa na casa? — pergunto.

Ele sorri.

— Henderson é o cozinheiro, e todos nós limpamos e nos revezamos para lavar as roupas.

— E se eu ficar responsável pelas roupas? — sugiro. — Quero dizer, preciso ajudar, e não sei muito sobre cozinhar ou limpar.

— Tudo bem, a lavanderia é no sótão. Divirta-se — afirma com um grande sorriso. — Minha vez de fazer uma pergunta.

— Parece que a música terminou — respondo, quando paramos de dançar.

— Então vou guardar para mais tarde — retruca e sorrio, um sorriso real que parece cheio de esperança antes que ele acene com a cabeça para mim e desapareça no meio dos dançarinos. Phim me encontra segundos depois, me puxando para a comida me apresentando a pessoas aleatórias pelo resto da noite.

A única coisa que percebo é que os alfas foram embora.

CAPÍTULO 12

Silas

Olho para ela, a mulher que não acredito que está aqui e está viva, como minha alma comanda.

Quando se trata de Mairin... sempre comandou, mas para ela, ela não se lembra de quem eu sou. As memórias que fizemos desapareceram, a conexão que construímos, e ao invés disso ela nos vê como estranhos.

Mas ela cresceu. Se pensava que tinha uma queda por ela quando tinha treze anos, não é nada perto de como está incrível para caralho agora. Seu cabelo loiro é longo e ondulado, me implorando para envolvê-lo nas minhas mãos e reivindicar seus lábios rosas e carnudos. Seu corpo curvilíneo foi feito para sedução, de uma maneira que apenas ela poderia ser.

Nenhuma mulher aqui chega aos pés de Mairin Fall.

Ela rouba a cena apenas existindo. O maldito vestido curto e sensual que está usando apenas a faz mais encantadora.

E me faz duro para caralho em calças apertadas.

— Você vem? — Ragnar pergunta, dando tapinhas no meu ombro. Ele segue meu olhar, vendo Phim apresentar Mairin para um grupo de mulheres. — Você poderia chamar ela para dançar.

— Não peço nada para nenhuma mulher. Elas dão — falo curto.

Ele dá uma risada baixa.

— Não a Mai. Ela não lembra de você antes, então controle sua personalidade babaca normal para conhecer quem ela é agora.

— Ela não é ela — afirmo. — Não mais. Esperamos para nada.

Ragnar se inclina na parede enquanto um homem, Lewis, anda até ela, esticando sua mão. Ela aperta a mão dele com sua pequena mão pálida, e ele a segura por um segundo além do necessário.

Um rosnado baixo sai dos meus lábios. Quando ele dá um passo mais perto e Mai dá risada de algo que diz, Ragnar me para com um tapa forte no peito. Viro e semicerro os olhos para ele.

— O quê?

— Você ainda é possessivo e protetor como se sempre estivesse com ela. Confie em mim, ela não está interessada nele — diz. — E você avançar até lá vai assustá-la. Lembre-se, ela não nos conhece.

— Como poderia esquecer? — rosno.

— Ela vai lembrar, ou vamos contar quando for a hora certa — Ragnar afirma, como se qualquer uma dessas coisas fosse acontecer. As memórias dela vem com uma lata de minhocas que nenhum de nós está pronto para abrir.

Ela estaria melhor a um milhão de milhas distante de nós, mas agora que está aqui, eu não poderia deixá-la se afastar por um milhão de milhas outra vez.

Foda-se o mundo.

Fodam-se os deuses.

O lugar da Mairin é aqui, conosco, na nossa matilha. Na nossa casa.

Ragnar dá risada ao ir embora e me deixar escondido atrás de uma rocha nas sombras, onde fico pelo resto da noite para observar Mairin. Ela fala com dezenas de pessoas, a maioria delas parece tão encantada por ela quanto eu, e odeio isso. Não quero compartilhá-la com ninguém. Seus sorrisos deveriam ser para mim, seu corpo deveria ser apenas para meus olhos, e meu lobo enche minha cabeça com pensamentos de morder seu lindo pescoço, a marcando como minha.

Nunca senti nada de possessivo com nenhuma mulher, e ela me faz sentir tudo. Ela me faz um babaca possessivo e não dou a mínima.

Observo enquanto Mairin e Phim deixam a festa, mais do que apenas meus olhos a seguindo. No segundo que está fora de vista, pulo por trás da pedra e procuro por Lewis. O encontro no canto com mais outros três homens que não lembro o nome.

Escuto um pouco da conversa deles ao me aproximar.

— Ela tem uma bunda muito bonita, não tem? Mal posso esperar até ela sair da casa dos alfas e eu...

Ele deixa a frase incompleta quando me vê, acovardando antes mesmo de eu pegá-lo e empurrar contra a parede de pedra. Seguro ele pelo pescoço enquanto a festa fica em silêncio.

— Mairin Fall não é para ser assunto de conversa ou tocada. Desafio qualquer um que se aproximar dela. Entendeu?

Minha voz ecoa. Lewis não encontra meus olhos.

— Sim. Desculpe, alfa. Sinto muito mesmo!

Solto ele no chão e ando pela multidão, sentindo os olhos de todo mundo em mim, sem dúvida se perguntando o que Mairin é para mim.

A verdade, que não gosto de admitir, é que ela sempre foi muito mais para mim do que sou para mim mesmo.

Mesmo que não se lembre.

CAPÍTULO 13

— Chega — digo. Silas apenas olha onde estou deitada no chão e revira os olhos para a resposta do porquê pareço que estou morrendo e não estou me levantando do chão. Cada centímetro meu dói, não sou uma super-heroína como ele. Nunca me fizeram trabalhar tanto na minha vida, e odeio isso.

— Não é o bastante — ralha, cruzando os braços. — Mal foram duas milhas.

Tem sido assim pela última semana. Não ficou nem um pouco mais fácil com Silas, também conhecido como Senhor *Constantemente mal-humorado e cheio de Angústia*. Na verdade, tudo o que fazemos é correr pela casa até eu cair num monte suado e sem fôlego e ele dar risada.

Babaca.

— Nós apenas corremos e você ainda nem me ensinou como lutar! Você não me ensinou a fazer nada além de correr! — eu me zango, chegando no limite. — Novidade alfa, aprendi o suficiente disso na minha própria matilha!

— Então não deveria ser tão difícil, certo? — contesta, e bufo enquanto nos olhamos por um bom tempo. Aqueles olhos tempestuosos que não consigo decifrar parecem como se ele estivesse se enterrando na minha alma para encontrar meus segredos. Gostaria de saber o que está se passando na cabeça dele. Por que ele me odeia tanto? Levanto e olho para a porta bem na hora que Henderson entra.

— Oi... uau. Todo mundo parece estar de ótimo humor aqui — ele comenta, sarcástico. Henderson parece incrível como sempre enquanto afasta

o cabelo preto para o lado.

— Se sua aprendiz é terrível, o humor não pode melhorar — Silas responde, frio.

Ai.

— Ei, estou dando o meu melhor — eu praticamente rosno, fazendo eles darem uma risadinha, até Silas, que percebe rápido que o fiz rir e fica em silêncio com os olhos semicerrados.

Henderson apenas ri do nosso bate-boca e Silas sai do recinto, sem falar uma palavra para nenhum de nós. Pego minha toalha do canto da sala e limpo o suor da testa enquanto Henderson chega até mim.

— Ele é sempre mal-humorado desse jeito? Ele tem um botão de desligar a babaquice? — pergunto.

— Não, mas se você encontrar o botão, me avise — ele diz, me fazendo rir. — Estava me perguntando se você quer fazer um treino de lobisomem? Apenas algo um pouco, bom, melhor do que isso?

— Qualquer coisa é melhor do que correr e fazer abdominais por uma hora. E depois mais abdominais, e ah sim, apenas mais algumas abdominais — respondo.

Henderson ri e inclina a cabeça para a porta.

— Vamos, vou te ensinar como invocar energia de lobo para se transformar. Você pode não conseguir se transformar. Não até Silas te dar permissão, mas pelo menos vai saber como fazer. Mesmo assim, acho que pode ser divertido.

— Não, eu gostaria disso. Parece muito legal — declaro. Muito melhor do que tomar um banho e me esconder no quarto pelo resto do dia, como sempre. Ele sorri e nós saímos da sala de treino. Na minha semana na casa dos alfas, aprendi que Silas é o rabugento. Bom, Valentine também poderia ser classificado como mal-humorado já que pode ser encontrado no

fundo de uma garrafa o tempo todo. Henderson é meio engraçado, mas também muito protetor. Ragnar é o que passa o tempo todo na garagem e tenho quase certeza que ama seus carros mais do que qualquer outra coisa. E então há o Trey... ele praticamente vive no seu próprio mundo, e é maduro demais para sua pouca idade. Não parece fazer nada das coisas de crianças. Descobri que ele pode correr mais do que eu quando literalmente me passou três dias atrás quando estava dando mais duas voltas pela casa. Agora, depois desse dia vergonhoso, ele não vem mais para os treinos, mas o vejo pela casa. Sentei-me e assisti vários desses filmes na Netflix com ele nas noites que ninguém mais está por perto.

Henderson e eu deixamos a casa pela porta dos fundos e vamos para floresta. A área dos fundos é coberta por estrados de madeira com áreas agradáveis e pitorescas cercadas em volta. Tem algumas floreiras nos arredores com terra dentro, mas pelo jeito nada é plantado nelas há muito tempo. Vamos direto para a floresta, e estou bem ansiosa para explorar mais desse lugar já que me senti nervosa demais para deixar a casa sem um dos alfas até o momento. Exceto pela festa, mas isso foi com Phim, e me senti segura com a beta. Mas não a vi muito desde a festa para pedir que me leve para a matilha. Em algum momento, terei que ser corajosa e sair, mas estou me dando uma semana. Andamos pela floresta por um tempo antes de Henderson se sentar do nada, me sento na sua frente e cruzo as pernas do jeito que ele fez. Ele sorri com meu pequeno gesto e olha para o raio de luz que está brilhando pelo lado da montanha que atinge meu ombro, fazendo meu cabelo parecer quase branco.

— Sabe, não precisa ficar em casa o tempo todo. Se quiser, apenas precisa pedir e um de nós te leva para sair — sugere, e quase me assusta que leu meus pensamentos tão bem, mas percebo que não tenho escondido muito bem meu medo do lado de fora da casa.

— É obvio assim que estou ficando um pouco doida? — pergunto.

— Apenas para nós — ele responde, e sinto um significado mais profundo nas suas palavras que não entendo, mas deixo passar. Olho para baixo, e pego alguns gravetos do chão.

— Não é isso. É só o que você disse, não quero ser desafiada. Sempre me destaquei em todo lugar. E não importa aonde eu fui à matilha, por mais que pareça diferente aqui, não quero me destacar tanto.

— Você se destacou na festa. Pelo que ouvi, você fez uma ótima impressão em várias pessoas — ele retruca. — Como seria diferente explorar a matilha comigo ao seu lado?

— Isso foi diferente porque Phim era a confiante, e só precisava falar depois dela — confesso.

— Não, foi diferente porque era você. Não tem problema, sua confiança vai crescer quanto mais tempo passar aqui — contesta. Respiro fundo.

— Certo, então como chamamos essa energia de lobo? — indago.

— Bom, acho que você não foi ensinada disto?

— Ninguém nunca mencionou como invocar energia de lobo, como se transformar em um lobo. Apenas fomos ditos que quando acasalássemos, nosso parceiro nos contaria tudo que precisamos saber. Que eles controlariam a transformação para que não precisássemos nos preocupar com isso.

— É, foi o que pensei. Mas tudo bem, vamos começar do começo — responde, passando a mão pelo cabelo macio e sigo o movimento. Eu me pergunto como seria estar mais próxima dele, passar as mãos pelo seu cabelo, sentir seu corpo pressionado contra o meu... nossos lábios se tocando. Balanço a cabeça e foco no que ele está dizendo. — Nossa energia de lobo vem dos deuses. É dali que vem. É dali que sempre veio.

— Por que todo mundo não sabe disso? Ninguém em Ravensword

sabe! — sussurro em choque.

— Porque alguns alfas mentem — responde com facilidade e concordo. — Quando as cinco matilhas estavam vivas, todas que uma vez correram por esse mundo, todos nós tínhamos deuses diferentes que venerávamos. Não foi apenas a deusa da lua, como te falaram, ou o deus proibido. Existiam cinco deuses diferentes e os deuses se nutrem com o poder da nossa devoção.

— Nossa crença neles lhes dá magia? — pergunto e ele concorda.

— Então se chegar o dia que ninguém acredita em nenhum deus, não vai ter magia para nos transformarmos. É importante ter nossas marcas da lua para nos conectar com nosso deus, para nos fazer muito mais fortes, mais do que o comum. É importante que acreditemos nos deuses. E é assim que você vai se transformar. É desse jeito que chama sua energia de lobo. Você precisa acreditar no deus proibido — ele responde.

— O deus proibido é forte? — questiono. — Porque ele só tem essa matilha, e é bem menor do que a matilha que venera a deusa da lua.

— Sim, ele é mais forte por causa da conexão que temos com ele. Mas concordo com você, precisamos de mais pessoas, mas não se preocupe com nossos problemas políticos. Apenas tente focar no deus proibido — ele sugere.

— É esse o problema, não sei nada sobre ele — confesso.

— É, bom, isso pode ser um problema para o qual tenho a resposta — diz, enquanto tira um pequeno livro do bolso. O pequeno livro se encaixa facilmente na palma da sua mão, e me entrega. Abro a primeira página do livro encadernado em couro preto, que não tem nada na capa, e dentro estão páginas detalhadas cheias de escritos e pinturas de luas muito parecidas com as marcas no meu pescoço. — Você quer ler? É a história do deus proibido e tudo o que ele representa.

— Sim. Quero dizer, obrigada. Você escreveu isso? — pergunto. Ele balança a cabeça sem dizer mais nada. Olho para o livro e começo a ler sobre esse deus proibido.

— O deus proibido, como muitos outros deuses, teve vários nomes. Muitos o conheciam como Hades, muitos o conheciam como o irmão de Zeus, mas ele sempre representou o culto à lua e as mudanças que ela pode trazer. Ele representa a escuridão nos cantos da terra, a escuridão que sempre é tratada como má quando é apenas mal entendida. O deus proibido já foi exilado por seus vários, vários crimes.

Pauso nesse ponto e olho para cima.

— Quais crimes ele cometeu?

— Vários crimes que foram muito ruins. Vamos deixar assim e não falar mais disso — ele diz, se apoiando contra a árvore e esticando as pernas. — O deus proibido perdeu tudo. Perdeu a única mulher que amou, e que o amou. Todas as partes da sua alma, e ele soube que nunca mais a encontraria. — Henderson olha para o feixe de luz. — Como punição adicional, o deus proibido foi separado em quatro partes, para nunca mais ficar inteiro.

Nesse ponto, percebo que não preciso mesmo ler o livro, porque de alguma forma, é melhor que Henderson explique já que conta a história com muito mais paixão, como se tivesse estado lá e estivesse apenas contando seu passado.

— O que você quer dizer com quatro partes? — pergunto, querendo saber mais.

— Sua alma foi separada em quatro partes. Sua alma foi dividida para que ele nunca tivesse uma matilha o seguindo. Claro, essa era a ideia. Magia e lobisomens sempre parecem ter uma forma de contornar essas regrinhas

chatas, bem como a deusa da lua encontrou sua própria maneira.

— Como ela encontrou a maneira dela? — pergunto.

— Bom, ela precisava por também estar no exílio e ter sua própria punição para escapar — ele responde. Sinto como se toda minha vida tivesse sido uma mentira, toda aula que tive na escola, cada livro que li na matilha Ravensword não são nada além de mentiras, e elas me foram contadas por tantos anos. — Os deuses exilados fizeram os lobisomens.

— Eu nunca soube disso. Não foi o que ensinaram na escola — respondo.

— Isso não me surpreende, mas sim, todos os deuses que um dia foram venerados, que compartilhavam a energia de lobo do mundo, cada um deles era um deus exilado. É por isso que eles estão reinando aqui e não na vida após a morte com os outros deuses.

Eu sempre me perguntei o que acontece quando morremos, como todo mundo já fez, e a matilha Ravensword nunca teve uma resposta para mim. Sempre diziam que a deusa da lua decidiria, mas agora estou vendo que não seria apenas a decisão dela, no final. Ou em qualquer momento.

— Então como exatamente é que essa matilha é governada por esse deus proibido com quatro partes da sua alma separadas?

— Bom, esse é o maior segredo de todos. Ninguém sabe a resposta. Tudo o que sabemos é que cultuamos ele — responde, mas, tenho a suspeita que está mentindo para mim.

— Mas vocês são os primeiros a cultuá-lo, certo?

— Talvez — retruca, parecendo querer mudar de assunto.

— Isso quer dizer que você não está me contando alguma coisa?

— Alguns segredos são mantidos por um motivo — avisa.

— Sim, mas quero saber esse — replico.

— Talvez algum dia, em breve. Por enquanto, te contei o máximo que

posso… — ele pausa e olha para a esquerda, escutando alguma coisa que não posso, ao que parece. Quando alívio cobre a expressão de Henderson, um homem entra na floresta. Esse homem é pequeno, mais baixo do que eu, mas é muito musculoso e sua cabeça é completamente careca. Apesar da aparência forte, tem olhos bondosos e está vestido em roupas estranhas de marinheiro com um cinto gigante com uma grande parte de metal no meio.

Ele se curva perante Henderson antes de olhar para mim.

— Ei, você deve ser Mairin — diz, esticando a mão para me cumprimentar. Levanto do chão e aperto sua mão, ele acena uma vez para mim antes de olhar para Henderson. — Alfa, temos um problema.

Ele hesita e olha para mim, uma pergunta clara se deveria falar enquanto estou aqui. Henderson concorda com a cabeça.

— Pode falar na frente dela. — Olhando para mim ele acrescenta: — Esse é o Beta George.

Beta George limpa a garganta.

— Teve um grande incêndio perto das casas principais. Não temos certeza do que causou, mas pelo menos três casas queimaram rápido. Conseguimos tirar todo mundo, e estamos trabalhando no fogo, mas querem ver o alfa. E você foi o primeiro que encontrei.

— Tudo bem, obrigado, George. Mai, preciso ir. Fique na casa — Henderson avisa. Concordo enquanto eles se afastam, seus olhos ficando vermelhos. Eles se transformam do nada bem no meio do ar. São lobos pretos, mas o lobo do Henderson é enorme, o dobro do tamanho do George. Eles correm rápido pela floresta, se movendo como sombras pelas árvores. Observo-os até decidir andar para a casa, me sentindo agitada por não poder ajudar. Ando pela sala de treinamento nos fundos e chego na área de entrada bem quando Trey desce as escadas correndo. Ele colide comigo, nos derrubando no chão, e machuco o braço quando caio.

— Trey, o que diabos está acontecendo? — pergunto esfregando o braço. Ele olha para mim e não vejo nada além de pânico desesperado nos seus olhos, o que faz meu sangue gelar.

— Vi alguém lá em cima, e ele não é dessa matilha — ele diz, pegando meu braço para me erguer. — Temos que escapar!

— O que você quer dizer, alguém lá em cima? — pergunto e olho para cima bem a tempo de ver um lobo branco enorme aparecer no topo das escadas.

Empurro Trey para trás de mim e não posso ouvir nada além do meu coração acelerado.

— Trey, corra, e não pare até encontrar alguém.

Ao invés de ouvir, o garoto corajoso segura firme na minha mão.

— Não sem você. Precisamos correr juntos!

Mas já é tarde demais para qualquer um de nós fazer alguma coisa. O lobo branco pula das escadas e pulo para o lado, evitando sua garra por um centímetro enquanto Trey cai, cambaleio, mas consigo ficar de pé. Puxo Trey para cima e viro para o lobo, que está claro que está aqui para me matar. As casas queimando eram a distração, e esse é o jeito do Alfa Sylvester se livrar de mim. Ele vai me matar, mas não precisa matar Trey. Eu me mantenho firme enquanto esse lobo enorme olha para mim, sangue pingando da sua boca. Dou alguns passos para trás e ele rosna, o barulho faz o chão vibrar. Minha boca seca e o lobo dá mais um passo para frente, e nesse momento, pânico puro me atinge. Não estou pronta para morrer. Percebi isso quando fui jogada do penhasco, e estou com certeza percebendo isso agora.

— Quem te mandou? — exijo, quase gritando para ele. Claro, o lobo não me responde. Apenas rosna e dá mais um passo para frente. Ele está brincando comigo, me provocando, como se fosse um jogo. Ele poderia me matar se quisesse, mas acho que ele está gostando da caçada. Ele quer que eu

corra como uma presa.

Mas se um de nós vai se pego, que seja eu e não Trey. Preciso salvar ele.

Olho para Trey por um breve segundo.

— Corra para a porta e faça o que te falei.

Beijo a bochecha dele antes de sair correndo, sabendo que o lobo vai me seguir e tenho que rezar para Trey me ouvir. Olhando para trás, vejo o lobo me perseguir enquanto Trey vai direto para a porta na direção oposta. Vou para a sala de treinamento, esperando conseguir chegar na floresta para conseguir me esconder de alguma maneira. Mal chego na metade da sala quando algo duro colide contra minhas costas e sou atirada para o outro lado. Perco o fôlego quando acerto o chão com força e o lobo pousa em cima de mim, suas garras tirando linhas de sangue das minhas costas, rasgando minhas roupas. Rolo para minhas costas, querendo encarar meu destino, olho para cima e bem quando está prestes a morder meu ombro um lobo preto colide no seu lado, o tirando de cima de mim. Tudo o que escuto em seguida é o som de lobos sendo destroçados por garras, o rangido dos seus dentes e o chão sendo rasgado pelas suas garras. Sinto sangue quente espirrar em todo lugar enquanto me levanto, trêmula. A dor dos arranhões nas minhas costas queima enquanto viro para assistir cada segundo da briga entre os lobos. O lobo preto é muito mais forte, muito mais poderoso. O lobo branco, meu caçador, não tem chance.

Acaba rápido, e o lobo preto fica de pé, sangue manchando seu lindo pelo preto e ele se transforma de volta. Silas está parado na minha frente segundos depois, totalmente nu, coberto em sangue e não poderia estar mais aliviada de ver seus olhos tempestuosos. A tempestade me salvou.

— Obrigada — sussurro antes de desmaiar.

CAPÍTULO 14

As luzes oscilantes do quarto me acordam lentamente e confirmo que estou segura enquanto as memórias do que aconteceu antes de desmaiar voltam à tona. Estou no meu quarto, deitada na cama sob as cobertas quentes, olhando para o teto de vidro sobre mim. As árvores imóveis do lado de fora que encarei por tantos dias, por tantas horas, são um alívio de se ver. Minhas costas doem, mas não é nada comparado com a dor que estava sentindo quando desmaiei. Silas me salvou. O fato que ele me salvou ainda é muito surpreendente, e sinto como se tivesse sonhado com isso. Sonhado que ele me quer viva por qualquer motivo, e duvido que seja qualquer coisa parecida com os pensamentos que estou tendo. O jeito que não consigo parar de pensar em seus braços musculosos, o olhar no seus olhos tempestuosos que quero ficar olhando. Estou viciada em pensar nos alfas de maneiras impróprias. Ele era a última pessoa que esperava correr para matar o lobo para mim. E só o fato de que o lobo estava aqui me deixa mais nervosa com o que o futuro me reserva. Afinal, Alfa Sylvester ainda está me caçando. Ele sabe que estou viva. O laço de parceria, mesmo inacabado, significa que quase posso sentir que ele também está vivo, e odeio que exista qualquer conexão entre nós. Sei, bem no fundo, que isso significa que ele nunca vai parar de me caçar. Não tenho certeza de como encarar isso. Como encarar um futuro em que vou lutar contra ele pelo resto da minha vida e colocar todo mundo ao meu redor em perigo?

— Você parece triste. — A voz do Trey me faz pular, e viro na direção da porta para vê-lo entrar. Parece acanhado por ter me assustado e vem até a cama e se senta no pé. Trey me oferece o copo de água que trouxe,

e aceito, tomando um longo gole e sabendo que precisava disso. Ele pega o copo vazio e coloca no chão aos seus pés. — O intruso está morto, você não precisa ficar assustada ou triste.

Eu me sento e cruzo as pernas na cama, mantendo o cobertor ao meu redor já que está um pouco frio.

— Não estava triste por isso — começo e percebo que não posso explicar isso para ele. Ele é uma criança. Balanço a cabeça. — Esquece, como você está?

Trey olha direto nos meus olhos.

— Você salvou minha vida. Não tem muitas pessoas que fariam isso por mim além dos alfas que me criaram. Obrigado.

— Sem problema, faria isso milhões de vezes. Você sabe que fala como se fosse bem mais velho do que na verdade é — falo para ele.

— Bom, porque cresci por perto desses alfas, e sempre fui tratado como um adulto e não uma criança — ele responde. Tem algo triste sobre isso, sobre sua falta de infância. Eu me pergunto por que os alfas o acolheram e não uma família normal.

— Você é muito corajoso — falo para ele, orgulhosa. — Você tentou ficar comigo mesmo sendo perigoso. Aprecio isso de verdade, Trey. — Ele parece muito tímido enquanto ruboriza e desvia o olhar.

— Fui ensinado a nunca deixar mulheres em perigo. Me sinto muito mal por ter corrido para o lado oposto quando você me disse que não tinha problemas, mas pensei que talvez pudesse encontrar alguém para te ajudar.

— Foi a melhor coisa que você poderia ter feito, e sou muito grata por isso. Eu não poderia viver comigo mesma se você tivesse se machucado no meu lugar — afirmo, garantindo que ele entenda que fez a coisa certa. — Você me lembra de um garoto no orfanato que estava. Seu nome era Jesper, e tinha quase a sua idade. Também era corajoso e teimoso.

— Com sorte você vai conseguir ver ele de novo — diz, parecendo entender muito para sua pouca idade. Acho que o trauma da sua vida, dos seus pais o mandarem como um filhote rejeitado, fez ele crescer mais do que muitos adultos. — Os alfas pediram para vir e te observar e garantir que você está bem. Tem guardas em volta da casa agora. Eles estão bem bravos. Quer que eu te mostre onde eles estão?

— Sim, é um ideia muito boa. Mas vamos ser silenciosos — sugiro. Ele sorri enquanto me levanto da cama. Olhando para a camisola que percebo que colocaram em mim, não quero nem pensar em quem tirou minhas roupas rasgadas. Sinto minhas costas com as mãos, percebendo que tem curativos sobre os cortes que estavam lá, mas não parecem tão profundos quanto antes. Alguma parte de mim está se curando mesmo sem conseguir me transformar. Estou mudando. Posso sentir, meu corpo está mais forte, e não tem nada a ver com o treinamento do Silas. Minha conexão com o deus proibido está crescendo e sei que é a magia me curando.

Pego algumas das minhas roupas e falo para Trey que vou para o banheiro me trocar. Uma vez que me olho no espelho, chego à conclusão que devo ter perdido mais sangue do que pensei, pois minha pele está muito pálida. Meus olhos verdes parecem mais iluminados, entretanto, pareço muito exausta. Mas acho que dormi o bastante e preciso me movimentar. A cada movimento minhas costas doem um pouquinho enquanto coloco a camiseta e o jeans. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo para que não fique batendo nas minhas costas.

Dou mais uma olhada no espelho e encaro meus olhos verdes, sem ter ideia do que fazer com o futuro. Meu plano de me esconder aqui não está dando certo, e não posso esperar que esses alfas me protejam para sempre. Eles seriam loucos de fazer isso, mas disseram que estavam aqui apenas para me treinar e então me deixariam ir para a matilha. Mas se vou trazer perigo

constante, como posso fazer isso? Balanço a cabeça para deslocar esses pensamentos, sabendo que Trey está me esperando, e vou para o corredor A mansão silenciosa está cheia de barulhos e logo reconheço que são os alfas discutindo não muito longe de nós.

Chegamos no final do corredor onde Trey me guia, um que nunca entrei porque assumi que eram apenas mais quartos. Tem um recinto bem no final do corredor com grandes portas duplas de madeira e uma escadaria do lado, que assumo ir para o sótão onde a lavanderia está e que ainda preciso explorar porque a porta está trancada e os alfas acham que preciso de descanso antes de fazer tarefas de casa. Vou até a porta nas pontas dos pés e pressiono a orelha contra ela, sem querer interromper os alfas, mas também querendo ouvir o que está acontecendo. Trey faz o mesmo e sorri para mim de um jeito travesso enquanto escuto um pouco da conversa dos alfas.

Tenho quase certeza que é Ragnar que grita.

— Eles claramente estavam aqui por ela, e Ravensword deixou claro que irão matar qualquer um na nossa matilha para chegar nela. Quatro lobos mortos, não podemos aceitar.

— Isso é um problema, mas tem outro. Eu não podia senti-los. Eu não podia ouvi-los. Estava na garagem o tempo todo e não ouvi nenhum intruso. Era como se magia os protegesse e não sei que magia poderia fazer isso. Era impossível. Muito impossível — Silas rosna.

— A matilha Ravensword está escondendo alguma coisa que não sabemos o que é e precisamos descobrir porra, antes que eles voltem aqui — Henderson afirma. Eles de repente ficam em silêncio.

— Entrem — um deles grita, tenho quase certeza que foi Silas. Minhas bochechas ficam muito vermelhas enquanto empurro a porta para abrir e Trey foge pelo corredor.

Os quatro alfas estão me encarando ao entrar no que assumo ser o

escritório deles. A sala está cheia de livros em todas as paredes, tantos que estão abarrotados nas estantes. Tem vários suportes de livros e ornamentos espalhados na única mesa e pilhas de papel que parecem que alguns caíram no chão. Uma grande janela cobre o fundo da sala, enchendo o lugar com luz.

Tem quatro cadeiras de couro vermelho e Silas e Henderson estão sentados em duas delas. Valentine está apoiado na parede, como sempre com uma garrafa na mão, e seus olhos escuros estão me observando. Ragnar vai direto até mim e coloca uma mão nas minhas costas que está quase curada, me guiando para dentro da sala para uma cadeira vazia.

— Você deveria se sentar. Você acabou de se recuperar de um ataque.

Aceno com a cabeça ao sentar seguindo a recomendação dele, apesar de estar me sentindo muito melhor do que quando acordei. Ragnar olha direto para Silas.

— Silas, se você der a ela permissão para se transformar, tudo isso estaria resolvido.

— Você sabe muito bem o porquê ainda não dei. Ela não está pronta — ele contraria, sua voz forte e firme.

— Eu quero merecer isso do Silas, então não é necessário — sugiro já que a conversa é sobre mim. Encontro o olhar tempestuoso de Silas. — A propósito, obrigada por me salvar.

Ele não diz uma palavra em resposta, não que eu esperasse que respondesse. Ele só me observa de perto.

Olho pela sala.

— Obrigada a todos por ainda me manterem aqui quando é claro que sou um grande perigo para todos vocês e sua matilha.

— Não, isso não foi culpa sua. Nós te acolhemos na nossa matilha, e isso significa que você é família. Fim de papo. Se você está em perigo então todos nós estamos — Henderson diz, firme, e o fato que ninguém discorda

me diz que todos decidiram o mesmo. Meu peito se aquece e relaxo na poltrona.

— Nossa discussão no momento é um debate sobre como vamos prosseguir, porque está claro que aqui não é cem por cento seguro como deveria ser. Eu normalmente teria sentido o lobo, e senti, mas ele deveria estar se escondendo aqui o tempo todo. Alguma coisa está errada — Ragnar declara, colocando a mão no encosto da minha cadeira, seu dedo roçando minha nuca. O pequeno toque me acalma de uma maneira que nunca pensei que o toque de um homem faria.

— Concordo. Não faz muito sentido. — Henderson esfrega o queixo ao responder. — Valentine, quando você estava na casa, ouviu alguma coisa?

— Não, claro que não, porque ele estava bêbado... como de costume — Silas ralha. Eu me sinto mal pelo Valentine quando todos os olhos se voltam para ele.

Ele olha direto para mim.

— Eu deveria estar acordado — é tudo o que diz antes de ir para a porta, abrir e sair, deixando-a bater atrás dele. Todos suspiram em irritação.

— Bom, pelo menos ele disse alguma coisa para variar, diferente de "caralho onde está minha bebida" — Silas diz, cruzando os braços.

— Valentine sempre é quieto? — pergunto, porque em todo o tempo que estive aqui, não ouvi muito dele, tirando aquele primeiro dia que pensei ver um pouco de gentileza do homem. Mas agora não parece ter muito, que é apenas ele, como ele é.

É Henderson que me responde.

— Aconteceu uma coisa e ele está assim desde então. Ele prefere a garrafa a qualquer um de nós.

Eu sei que muitas pessoas na minha antiga matilha preferem a garrafa, eles vivem entrando e saindo de pubs e bares. E o próprio Mike não era

averso a uma boa garrafa de uísque e beber até desmaiar na sua cadeira ocasionalmente. Eu nunca entendi o vício na coisa.

— Então, o que vamos fazer em seguida? — Ragnar faz a pergunta certeira para Henderson.

Silas é quem responde.

— Mudamos os betas para cá por proteção. Eles podem morar nos quartos do porão, e podem patrulhar em turnos. Com tantos olhos atentos, parece improvável que o lobo entre aqui outra vez. E acho que alguém sempre tem que estar por perto de Trey e Mai por enquanto.

— O que você acha? — Henderson me pergunta.

— Acho que estou colocando a vida de todos vocês em risco estando aqui. Eu nunca deveria ter pensado que poderia escapar deles. Não sou como os outros rejeitados dessa matilha. Sou a rejeitada pelo alfa, e ele me quer morta. Ele não pôde fazer isso porque seu lobo não permitiu, então deixou o mar me matar, mas não funcionou. Mas me caucionou, que se sobrevivesse de alguma maneira, ele me caçaria. — Pauso, sem conseguir olhar para eles. — Estou sendo caçada, e não quero levar ninguém mais para o túmulo comigo quando finalmente me pegar.

— Ele vai encontrar o túmulo dele muito antes que você, Mai — Ragnar avisa.

— Se isso é verdade, preciso aprender como ser melhor e mais rápida na minha forma humana. Preciso aprender a lutar bem e rápido. Se você não vai deixar eu me transformar em uma loba para lutar, o que não acho que funcionaria contra ele de qualquer maneira já que é um alfa, preciso aprender a lutar com armas.

— Vamos começar amanhã no primeiro horário com um plano de treinamento alternativo. — concordo com ele, respeitando-o por ter mudado de ideia.

— Está resolvido então. Talvez devêssemos descer e ter uma noite relaxante? Não sei vocês, mas eu estou meio estressado com os eventos de ontem — Ragnar sugere.

— Sim, é uma boa ideia — Henderson concorda, esticando os braços sobre a cabeça e observo o movimento por tempo demais.

— Que tal sinuca? — Silas pergunta, estalando os dedos.

— Deveríamos chamar Val para jogar. Normalmente ele aparece para um jogo — Ragnar replica.

— Como você joga essa sinuca? — pergunto ao me levantar com eles e ir atrás de Henderson para a porta com Silas e Ragnar seguindo. Ragnar se move rápido para o meu lado, colocando a mão no meio das minhas costas, e Henderson lhe dá um olhar estranho, mas tudo em que posso me concentrar é em Ragnar me tocando. Que ele está perto assim de mim.

Eu me pergunto se é porque ele sente a necessidade de me tocar, de ter essa conexão que também estou procurando com eles, ou se ele está apenas sendo gentil. Estou muito feliz pelo seu contato constante quando estamos perto ao passarmos pelo corredor juntos.

Henderson responde minha pergunta que quase esqueci que havia feito.

— Sinuca é um jogo onde tem uma mesa e um determinado conjunto de bolas em cima, e você tem que acertar elas em buracos até acertar a preta e ganhar.

— É, essa foi a pior explicação de sinuca que já ouvi — Silas fala, com sarcasmo enquanto descemos. Trey aparece no final das escadas com um grande sorriso e uma tigela de comida.

— Trouxe salgadinhos pra noite de sinuca — ele diz.

— Alguém está usando a audição de lobo — Henderson brinca, bagunçando o cabelo do Trey antes que ele escape, e posso ouvir sua risada

enquanto corre para dentro da sala de estar. Isso quase parece como uma coisa completamente normal, até mesmo quando Valentine sai da cozinha e pisa forte até a sala, segurando um pedaço de papel no ar.

— Quem resolveu a charada que estava na geladeira por mais de um ano? — ele exige.

Todos paramos e todos eles viram para mim. Mais uma vez, tenho os olhos de todos os alfas em mim. E o que deveria ser muito intimidador, não parece. Parece normal, descontraído, e apenas isso é o suficiente para me horrorizar. Eu não deveria estar relaxada assim perto dos alfas que conheço há apenas uma semana. Os alfas comandam nossas matilhas, são os lobos mais poderosos que podem retalhar inimigos em pedaços em segundos. Mas aqui estou, super relaxada, querendo chegar mais perto deles, olhando para eles toda hora. Só preciso controlar meus desejos. Preciso fazer meu coração parar de bater tão rápido perto deles, tão rápido que eles devem conseguir ouvir. Mas nesse momento estou apenas nervosa com a charada, e interessada em descobrir que ela era do Valentine.

Olho para o chão por um segundo.

— Desculpa, não sabia que você não queria que fosse respondida. Eu só vi e tive que responder.

— Eu me perguntei quem tinha feito isso — Ragnar diz, com uma longa risada. — Vi há alguns dias.

— Não. Isso é brilhante. Ninguém mais parece gostar do meu interesse por charadas — declara Valentine, com um sorriso. — Posso colocar uma nova no lugar.

— Isso vai ser legal. Adoro charadas. Costumava ler muitos livros sobre elas, então acho interessantes de responder — retruco.

— Quer jogar sinuca? — Ragnar pergunta para Valentine, dando tapinhas em seu ombro. Ele olha para mim, e sinto a pressão dos seus lindos

olhos.

— Sim, vamos lá. Mas só se a nova garota jogar — ele responde.

— Claro, gostaria de aprender — digo, fazendo-o sorrir. Ele tem um sorriso bem sexy. Todos vamos para a sala de estar direto para mesa de sinuca. Silas e Trey se sentam no sofá e logo depois Trey joga um pouco de pipoca no rosto de Silas. É hilário, e Silas ri, me surpreendendo. Trey está num acesso de risadas nesse ponto, e Silas pega mais algumas pipocas e joga nele. Estou interessada de verdade em ver um lado divertido do Silas que nunca experimentei ou esperei. Um lado leve que é claro que só aparece com crianças.

Henderson pega dois tacos da parede onde estão presos e traz um para mim. O dele é um pouco mais comprido e alto, mas o meu é do tamanho certo para mim. Observo enquanto eles arrumam as bolas em forma de triângulo no centro da mesa. A bola preta está na frente e todas as outras são de dois modelos diferentes.

— Vamos lá, esse é um jogo para duas pessoas, mas meio que vou ser seu treinador hoje — Valentine sugere de forma divertida. — Podemos nos juntar contra Hens, já que ele sempre ganha.

— Não pode me culpar por ser brilhante — Henderson responde, me fazendo sorrir.

Valentine me instrui com o que fazer enquanto Henderson tira a moldura triangular, deixando as bolas na forma de um triângulo perfeito, e coloca a bola branca mais distante na mesa.

— Ok, você precisa se inclinar sobre a mesa assim. — Valentine me mostra como segurar o taco e se afasta.

Copio sua posição e congelo quando ele chega atrás de mim, movimentando meus quadris com suas mãos grandes. Cada toque dele me faz estremecer de uma maneira boa. Nunca deixei um homem chegar perto

assim, parar atrás de mim, ter um corpo duro pressionado contra o meu de um jeito bom. Cobre minha mão com a dele e me posiciona. Mesmo com o cheiro de uísque que ele exala, posso sentir como seu cheiro tem um toque de calor, um lado masculino, um cheiro que você não pode esconder, e é bom. Ele se afasta depois de me colocar na posição certa, e ainda posso sentir todos os lugares que seu corpo tocou o meu.

— Tudo bem, agora acerte a bola branca — Valentine instrui. A sala para enquanto acerto a bola branca e ela rola, mal tocando o triângulo de bolas, tirando elas um pouco de posição, mas não vão a lugar nenhum.

— Vou ser honesto, isso foi um pouco fraco, mas não se preocupe, você pode apenas melhorar — Valentine diz, com uma risada divertida.

Henderson sorri.

— Você só está fazendo as coisas fáceis para mim, não é, Mai?

Dou risada.

— Então você não vai me dar uma vitória fácil na primeira vez?

Ele balança a cabeça.

— Não, não, não. Você é linda, mas não posso perder.

Dou risada outra vez com sua natureza competitiva, meio que gostando de alguma forma enquanto ele se posiciona e acerta as bolas com muito mais força do que eu. Duas das cores sólidas vão direto para buracos com velocidade experiente que só pode vir de jogar isso várias vezes.

Vou perder feio. A próxima jogada é minha e me posiciono para tentar atingir uma das bolas no canto, mas ela apenas pula e acerta o lado.

— Talvez essa será uma noite longa — digo.

— Por sorte, nós meio que temos muito tempo. Não vamos a lugar nenhum — Henderson responde com um sorriso. Continuamos jogando, com Silas, Ragnar e Trey assistindo e conversando entre eles, quase assistindo TV ao mesmo tempo. Henderson e Valentine logo percebem que sou péssima em

sinuca, e não acho que vou melhorar tão rápido nesse jogo. Henderson parece alegre, até Valentine assumir e com maestria ganhar em três jogadas. Por mais de um segundo, é completamente normal entre todos nós. Um relacionamento de matilha normal e meio estranho, posso fingir que o mundo não existe do lado de fora. Era exatamente o que eu precisava para esquecer do ataque, porque a partir de amanhã, vou treinar até poder voltar para Ravensword e matar o alfa que está me caçando.

Não tem outro jeito.

CAPÍTULO 15

Ragnar

Esfregando o óleo das minhas mãos no meu jeans, levanto e alongo o pescoço antes de olhar para o carro que não consigo fazer funcionar.

Cada fio está no lugar, tudo que estava quebrado foi limpo e trocado, e ainda não funciona. É muito frustrante. Para falar a verdade, nada está certo desde que Mai apareceu, e nada disso é culpa dela ou algo que possamos consertar. O filho da mãe de Ravensword deixou ouro puro escorrer pelos seus dedos e de uma maneira estou grato por isso. Nós procuramos tanto tempo por ela, mas o medo de perdê-la é real agora. O lobo intruso quase a matou. Ele quase conseguiu tirar ela desse mundo, e aí nunca iriamos encontrá-la outra vez.

— Ragnar! — Trey chama, parecendo estar perto da entrada da garagem e coloco a cabeça pelo lado do carro para vê-lo entrar. Sua camiseta está coberta de lama, mas ainda assim roxa, e seu jeans parece um tom mais próximo de rosa, e não posso evitar a risada.

— Pode dizer à Mai parar de lavar nossas roupas? Todas minhas camisetas estão rosas — ele reclama, me fazendo rir mais. Bagunço seu cabelo e coloco a mão no seu ombro.

— Todos nós temos roupas de cores estranhas desde que Mai começou a lavar as roupas. — Eu o lembro. — Mas ela vai aprender, e seria rude falar alguma coisa.

Ele geme.

— Não pode dar umas dicas para ela? Por favor? Os garotos na escola

estavam... — ele pausa no meio da frase e o viro para olhar para mim. Trey é como um filho para mim, e meu lobo e eu o vemos como tal. Ele nunca me chamou de nada além do meu nome, mas aceito que tenha dificuldades com seu passado. Todos temos, mas o nosso é mais escondido em segredos.

— O que aconteceu na escola?

Ele desvia o olhar, uma ação bem incomum para Trey.

— Eu não quero falar sobre isso.

Trey vai embora, e deixo, esfregando a nuca. Não tenho ideia do que fazer além de ir assustar para caramba seus colegas de escola com um único olhar. Talvez devesse perguntar para Mai. Ela parece ter uma conexão com Trey, e viria com o bônus de passar mais tempo com ela. Com meu plano brilhante, saio da garagem e faço a volta pelos fundos da casa até a sala de treinamento onde passa a maior parte do dia com Silas. Sortudo maldito.

Não que ele aja dessa maneira, mas sei que Silas tem problemas em revelar o que sente e se abrir para qualquer um. Mai, apesar de ser nosso passado, de certa forma é uma estranha, e entendo sua hesitação para confiar nela. Alguma coisa mudou depois do ataque do lobo. Não sei se foi ele vê-la quase morrer ou que ela arriscou a vida para salvar Trey ou o fato que ela está em perigo agora. Ele abaixou um centímetro da guarda que o cercava, e posso ver que Mai está aliviada com isso.

Talvez não com o treinamento intenso que a esgota, o que ela tem feito por duas semanas. Beta George passa no caminho para a sala de treinamento e se curva enquanto passo e aceno. Ter os betas por perto é uma nova dificuldade, algo que não estou acostumado já que gosto do meu próprio espaço, mas teria a *porra* da matilha inteira aqui se significar manter Mai segura.

A porta de trás está entreaberta quando a alcanço e abro com cuidado, ouvindo grunhidos e sapatos escorregando pelo chão.

Aí eu a vejo, e é como se nada mais no mundo existisse. Uma camada de suor cobre sua linda pele pálida, fazendo as sardas no seu nariz e bochechas definidas se destacarem. Seu cabelo loiro sedoso está em uma trança sobre um ombro e ela está usando roupas muito mais apertadas do que já a vi usar enquanto luta com Silas. O material parece macio e molda sua cintura fina, seus quadris largos e pernas fortes e longas. A camiseta é pequena, apenas segurando seus seios e mostrando uma faixa fina de pele nas suas costelas. Sua bunda também parece espetacular.

A visão dela me deixa duro como uma maldita árvore e luto para esconder minha reação, especialmente quando está vestida assim.

Mai é mais rápida do que esperava ao desviar da espada de Silas e virar para bloquear o próximo golpe. Ela se move em pequenos passos planejados, um após o outro, o treinamento que todos nós tivemos um longo tempo atrás que faz de você um lutador muito bom. Silas não está se movendo com nem metade da velocidade que poderia, e com certeza está facilitando quando ataca, mas ela pode apenas se defender e evitar.

Ainda é melhor do que nada e estou orgulhoso dela.

Silas chuta seu braço, derrubando uma das espadas da sua mão, e a espada dele está sob seu pescoço. Ela olha feio para ele, sem fôlego, e dou uma risadinha. Eles viram para mim enquanto Silas abaixa a espada.

— Olá — Mai diz, acenando para mim enquanto me aproximo. Silas move a cabeça em minha direção, mas em geral parece irritado com minha interrupção.

— Eu estava... — sou cortado quando o som de saltos me faz olhar para a porta da casa enquanto Eleline entra, seguida por Phim.

— Não posso evitar que ela seja estúpida. Por que você precisou dormir com o traseiro estúpido dela? — Phim pergunta, e vejo Mai hesitar um pouco. Porra.

Cada mulher de antes de ela voltar parece um erro enorme. Nós as usávamos. Pura e simplesmente. Era uma maneira de aliviar a tensão e esquecer do mundo por uma noite, mas nunca significaram nada. Eleline era apenas uma das mulheres grudentas que ficavam por perto por mais tempo do que eram desejadas.

Vejo o que ela vai fazer antes que as palavras saiam de sua boca.

— Te desafio, Mairin Fall, para uma luta com armas. Vou esperar por você no topo da montanha, à meia-noite. Que o deus proibido nos julgue e escolha uma vencedora.

Mai fica parada, mas suas mãos tremem ao seu lado e ela acena uma vez com a cabeça. Eleline dá um sorriso, que acho que é para ser sexy, para mim e Silas antes de sair. Tenho uma regra pessoal de não matar fêmeas a não ser que estejam tentando me matar, mas quero rasgar Eleline em pedaços.

Solto um rosnado baixo.

— Caralho! — Silas grita, jogando a espada para o outro lado da sala onde colide com a parede de tijolos.

— Siga-a e garanta que ela saia. E tranque os portões — ralho para Phim, antes de passar as mãos pelo cabelo. Não é culpa dela, e sei disso, mas caralho estamos encrencados.

— Vou morrer, não vou? — Mai pergunta, sua voz perdida e assustada cortando mais fundo do que aquela espada na parede.

Silas e eu nos entreolhamos antes de encontrar os olhos de Mai. Seus assombrosos olhos verdes parecem encontrar minha alma e a puxar do peito para decidir o que fazer com ela.

— Eleline é uma lutadora habilidosa, mas a vi treinar. Sei quais são suas fraquezas, e vou te ajudar. Não desista ainda, Mai. Não ainda. Nem nunca.

Mai me dá um aceno trêmulo. Nenhum centímetro dela é cheio de

confiança enquanto olha para Silas. Ele pega a espada do chão sem falar nada e oferece para ela.

— Precisamos treinar. Não?

— T-tudo bem — ela responde, envolvendo a mão no punho da espada. Tiro a camiseta e jogo para o outro lado da sala, pegando uma das espadas no chão e virando na mão. Olho para cima para ver os olhos de Mai no meu peito, suas bochechas coradas e a respiração muito mais rápida do que um momento atrás. Desejo ardente queima pelo meu corpo, e meu lobo praticamente exige que eu a beije, a tome, a faça minha.

Em tempo, lobo. Em tempo.

CAPÍTULO 16

Eu não poderia estar mais nervosa se tentasse, mas se pensava que estava aflita para ir para a cerimônia de acasalamento, não é nada comparado com o nervoso que estou passando agora. Só de saber que estou indo para meu primeiro desafio me faz tremer até os ossos. De um jeito ou de outro, alguém vai morrer essa noite, e serei a causa direta. Balanço as mãos, tentando me acalmar um pouco enquanto ando até o espelho. Estou usando roupas pretas justas feitas de um material macio. O top é bordado nas costas, mas segura meu corpo apertado e minhas costas retas. Faixas de tinta preta estão marcadas na minha bochecha e mãos. Como Phim explicou, são marcas de guerreiros e tem função de proteção, mas não sinto nem um pouco como uma guerreira ou protegida. Tive duas semanas de treinamento, duas semanas comparadas com a vida inteira que Eleline sem dúvida teve para se aperfeiçoar.

Não vejo como conseguirei sair dessa sem acabar morta. Phim se aproxima por trás e olha nos meus olhos, claramente vendo medo neles.

— Olha, você sabe como fazer isso. Você foi treinada pelos alfas de Fall Mountain, que são lutadores fantásticos, os melhores que já vi. Não desista tão cedo. Sei que você vai conseguir fazer isso — ela diz, e apesar de ser legal ter amigos que acreditam em mim, é bem diferente de conseguir vencer isso de verdade.

— Sim, mas não tenho ideia do que ela vai usar contra mim. Só treinei com espadas. Não posso fazer mais nada. Se ela pegar um machado, como vou ganhar disso sem literalmente perder a cabeça? — pergunto, os nervos à flor da pele, e não posso ouvir nada além dos meus batimentos

cardíacos ao me afastar e começar a andar de um lado para o outro.

— Calma — Phim sugere, mas não faz nenhum gesto para entrar no caminho enquanto ando. — Você sobreviveu até agora, acredito que você não vai morrer por causa de uma biscate que está com ciúmes que você está morando aqui e não ela. Não é o final da sua história.

— Preciso matar ela, Phim? — pergunto com gentileza ao parar. — Não posso deixá-la viver e ainda ganhar?

— Sim, ela precisa morrer. É o jeito dos lobos. Não somos ovelhas, e não perdoamos ameaças de morte — avisa, firme. — Se você não a matar, as mulheres vão continuar a te desafiar. Uma atrás da outra, sabendo que você será misericordiosa. Eleline mesmo vai voltar direto e te desafiar outra vez, e vai ser uma coisa recorrente, você não tem escolha.

— Nunca matei ninguém.

— Eu sei, é sempre difícil a primeira vez que você mata alguém. Sexo ou morte, a primeira vez sempre é uma merda e te assombra — ela diz, e enrubesço. Ela não comenta, mas dá uma risadinha antes de voltar ao assunto. — A primeira pessoa que você mata sempre fica na sua cabeça. Mas lembre-se, ela que fez o desafio, e vai tentar te matar. Você não tem escolha.

— Você teve escolha com a primeira pessoa que matou? — pergunto. Phim desvia o olhar, um lampejo de raiva nos olhos, e cruza os braços.

— Sim, e ainda escolhi matá-lo, e essa é uma história para outro dia quando estiver bêbada e você também para ser improvável de se lembrar — afirma.

— Eu nunca fiquei bêbada — falo.

— Tente. É fácil esquecer quem você é e o passado que não desaparece. É por isso que Valentine é desse jeito — diz.

— Deveríamos ir — digo, sabendo que quero perguntar mais sobre Valentine, mas agora não é a hora. Limpo as mãos suadas nas calças

apertadas que estão grudadas na pele e ando até a porta. Minhas botas estão limpas e me recuso a usar outra coisa. Essas botas eram do Mike. Ele mesmo as fez, e preciso sentir um pouco da sua força com o que tenho pela frente. Eu me pergunto o que ele acharia de mim nesse momento.

Os alfas estão esperando por mim no átrio, cada um deles trajados com camisas azuis e calças pretas com o símbolo da matilha Fall Mountain no peito, na altura do coração. Vi o símbolo pela casa em coisas aleatórias, é uma montanha com lobos correndo em um círculo em volta dele, e o meio é cheio de estrelas. Os rapazes parecem imponentes, assustadores, e para mim, um conforto. Trey também está ali, olhando tão nervoso como todos os outros.

— Não pode falar para ela que vai se mudar ou algo assim? Aí ela vai parar, certo? — ele pergunta, dando um passo à frente dos alfas para me cumprimentar primeiro. Sua voz não é nada além de chateada e meu peito dói.

— É uma boa ideia — falo para ele com gentileza. Percebo na hora que ele está mais assustado do que eu, e preciso ser corajosa, mesmo que seja só por esse pequeno segundo. Ele precisa que eu seja corajosa porque é a coisa certa a se fazer. Respiro fundo, ando até ele, coloco as mãos nos seus pequenos ombros e ele olha para cima, direto para mim. Percebo que devo ser a única figura feminina de verdade que teve na casa. Quero dizer, alguém de quem é próximo. Phim pode estar por perto, mas duvido muito que seja do tipo maternal.

— Vou ficar bem, vou voltar para cá, e podemos jantar e jogar xadrez. Ainda preciso aprender o que os cavaleiros fazem — falo, fazendo-o sorrir.

— Você pode morrer — ele sussurra.

— Não vou cair tão fácil. Não desista de mim ainda, Trey. Você não

me conhece há muito tempo e não sabe o truque que tenho na manga. Eu posso fazer isso.

Ele não parece acreditar em mim, também não acredito tanto assim em mim mesma. Coloco um sorriso corajoso no rosto e dou um rápido abraço nele antes de sair pela porta, os alfas seguindo atrás de mim como se fosse uma coisa normal para nós andarmos assim.

Se algum dia tivesse tentado andar na frente ou ao lado de um beta, teria sido espancada, como vi várias pessoas serem machucadas por fazerem o mesmo por acidente. Ao invés disso, esses alfas não parecem se importar onde ando, e é libertador. Isso me faz querer lutar para viver, para essa matilha, pela liberdade que podem me dar. Acabamos andando em fila para os portões e degraus em silêncio contente, mesmo com o que nos aguardava pesando sobre nossas cabeças.

A mão do Henderson roça contra a minha, um pouquinho de conforto sem me tocar por muito tempo. Cada toque pequeno e simples de uma mão despertam coisas em mim que não consigo explicar. Minha conexão com eles cresce a cada dia que passa. Tenho medo do que vai acontecer quando me pedirem para mudar, quando tiver que deixá-los e fingir que são apenas meus alfas. Não posso ficar, porque no fim eles vão encontrar suas parceiras, e uma fêmea alfa não iria me querer por perto. Não sou uma fêmea alfa. Não sou forte o bastante. Tenho a ligeira suspeita que não me aceitariam de qualquer maneira. Parecem do tipo que estão bem felizes morando na própria casa e usando as mulheres por prazer e nada mais. Acho que estou aqui apenas porque não querem que eu morra logo e então ficar com isso na consciência.

— Por que vamos lutar no topo da montanha? — pergunto.

— Nosso povo na matilha acredita que o topo da montanha é onde os deuses podem ver tudo. As pessoas vão lá para rezar por um milagre, festejar em celebração aos deuses, para fazer amor pela bênção de uma criança —

Ragnar conta, sua voz poética. — Tudo é feito lá em cima, incluindo lutas até a morte por qualquer um que matamos por qualquer razão e desafios.

— Acreditamos que suas almas podem ir direto para os deuses com nada no caminho delas — Valentine diz, e todos viramos para ele, que de costume é o silencioso. Ele desvia o olhar e dá um longo gole na garrafa de deus sabe lá o que ele trouxe.

Aceno com a cabeça, querendo entender.

— Os deuses estão sempre nas estrelas, certo? Foi isso que me ensinaram.

— Talvez eles tenham originado das estrelas, mas não acredito que ainda vivam lá. — A resposta indiferente do Silas me surpreende.

— O que isso quer dizer? Eles não podem estar aqui embaixo conosco. — Quase dou risada.

— Por que não? Por que você acha que os deuses não estão andando na terra nesse momento conosco? — Silas contraria. Ragnar Henderson e Valentine lhe dão um olhar afiado, que sei que significa que eles querem que ele fique quieto. Mas por quê?

— Eles nos guiariam e não deixariam alfas reinarem se poderiam fazer isso eles mesmos — respondo. — Os deuses são todo-poderosos.

Ninguém contrapõe meu comentário, me fazendo sentir quase estúpida pela resposta, apesar de sentir que alguns deles querem falar alguma coisa. Andamos em silêncio para fora dos portões e descemos os degraus na direção do caminho para a escadaria que leva ao topo da montanha. Escuto os tambores primeiro, o rufar de tambores que não acaba, enchendo o ar com tensão com cada compasso. Os tambores até parecem corresponder com meu coração, que bate forte no peito, fazendo ser difícil concentrar em qualquer coisa. Continuo subindo as escadas até sairmos na clareira, com Henderson ao meu lado, Silas e Ragnar saindo depois, seguidos por Valentine, e aí todos

paramos, alinhados e olhando para tudo. Tem uma grande aglomeração de pelo menos trinta a quarenta pessoas reunidas nas beiradas, aqui para ver exatamente o que acontece. Os percussionistas estão no fundo, cinco tochas enormes os cercam. As tochas acesas cercam os lados do topo da montanha, as chamas tremeluzentes no ar.

A maior parte da multidão é feminina – tenho a impressão que a maioria são interesses amorosos ou querem os alfas ou tiveram os alfas – e logo querem saber se me desafiar logo depois vai funcionar se eu deixar Eleline sobreviver. Sei que preciso me provar hoje porque essas mulheres vão contar cada pequeno detalhe para a matilha ou vão lutar comigo até a morte. Meus olhos piscam na direção de Phim que acena uma vez, confirmando minhas suspeitas sobre essas mulheres, me lembrando que tenho que fazer isso. Tenho que me erguer sozinha e lutar pela minha vida. Só espero que ninguém nunca me desafie para uma luta transformada, considerando que ainda não consigo me transformar. E duvido muito que Silas seja amigável o bastante para me oferecer sua permissão para isso. Ainda não cheguei perto de cortá-lo em nossa luta de treino, mas tenho esperança que um dia conseguirei.

Respiro fundo e ando direto para o meio da clareira. O chão é áspero, o que significa que vai ser duro quando cair. Ando direto para onde tem uma mesa de pedra que parece velha, e tem seis armas descansando sobre uma pilha de pétalas de flores.

Duas espadas, duas adagas, um machado e um arco e flecha. Cada uma delas parece perigosa e velha. Mas ainda bem que Silas me fez segurar cada uma dessas armas essa semana. Para começar, sabemos que sou péssima com o arco já que não tenho mira. Sabemos que o machado é pesado demais para mim. Não tenho chance de pegar as adagas porque são muito leves e isso significa que teria que estar muito perto delas. Também não tenho mira

suficiente para arremessá-las. Mas espadas. Sou boa com espadas. Mesmo que essas pareçam pesadas. Mas hoje treinei com espadas mais pesadas, e sei que vou conseguir lutar, usando-as com alguma habilidade.

Eleline está vestida com quase nada além de um *short* preto apertado e um top preto bem pequeno, expondo todo o abdômen liso e tonificado com nenhuma curva dos quadris. Seu cabelo está trançado e tem marcas de guerreiro por todo o corpo, das suas bochechas até seus braços e barriga, tudo em um tom de vermelho que acho que deveria imitar sangue. Minhas marcas são pretas, e estão presentes apenas para representar a matilha. Para representar o deus proibido e esperar por sua bênção pessoal hoje.

Ragnar se aproxima de mim.

— Você sobreviveu pior que isso, você pode sobreviver isso, sei que pode.

Silas toca minha omoplata com gentileza.

— Estamos aqui por você. Não me decepcione, tá? Não te treinei para perder, e entre nós, você tem força de um lobisomem agora. Você a tem há dias, então não está lutando sozinha. Sua loba está com você.

Olho para ele, encontrando seu olhar.

— Sei que não estou sozinha.

Mas me pergunto se ele sabe que quero dizer ele e os outros alfas.

Silas vai levar isso para o lado pessoal quando eu apanhar e perder. Se perder, ele faz sentido. Tenho que parar de me desvalorizar. Parte de ganhar alguma coisa é acreditar em mim. Então aqui estou, acreditando que posso mesmo fazer isso.

Encontro o olhar do Valentine e ele desvia os olhos, dando um longo gole na bebida. Vai estar bêbado até isso acabar. Henderson só olha para mim uma vez, todo seu corpo tremendo com a necessidade de tomar meu lugar nessa luta. Para intervir e me fazer segura outra vez. Mas nós dois sabemos

que isso não pode acontecer dessa vez, e em nenhuma outra. Preciso me defender sozinha. Essa é uma luta entre garotas. É uma luta que está vindo direto para mim e preciso lutar. Silas se move para parar entre nós. Ele olha direto para Eleline que já o está encarando.

— Se você cancelar agora e ir embora, não vai ter retaliação por isso.

— Você ainda pode sobreviver a isso — sussurro e os olhos dela se voltam para mim, qualquer calma que estava ali se transformando em raiva pura enquanto adquirem um tom avermelhado. Os olhos dela voltam para ele mais uma vez. Posso ver que ela acha mesmo que o ama. Mas não é amor, não o amor que li em livros e ouvi na voz do Mike quando fala sobre sua parceira morta. Se você ama alguém, é doloroso, é fulminante e a coisa mais perigosa do mundo. É perigoso porque você tem que colocar eles primeiro, mesmo quando isso arrancar seu coração do peito. Você tem que deixá-los ir. Você tem que deixá-los ficar com outra pessoa se é isso que os faz feliz. Você não pode forçá-los a ficar com você. E certamente não tenta matar a pessoa que está com eles. Isso não vai te fazer conseguir o que quer, e não é a forma de mostrar para alguém que o ama. No final do dia, você tem que deixá-los ir algumas vezes e Mike me disse que é difícil estar apaixonado. Ainda não me apaixonei por ninguém e parte minha teme isso tanto quanto quer isso.

É por isso mesmo que estar perto desses alfas é tão perigoso. Eles fazem minha alma se mover e meu coração bater como ninguém mais.

Dou um passo para frente e Eleline olha para mim outra vez com tanto ódio, ódio que deve estar crescendo desde quando nos conhecemos. Mas não acho que vai parar até eu estar morta – e toda mulher que chegar perto dos alfas que acha que são dela estar morta. Não me surpreenderia se não for a primeira pessoa que desafiou por estar perto deles. Sinto que é poderosa pelo tempo que consegue segurar o olhar de Silas, como as

mulheres aqui olham para ela. Poderia ser uma beta com esse tipo de poder, como Phim, mas agora ela não pode.

— O desafio vai continuar — ela diz. Meu coração parece afundar no peito e meu sangue gela, sabendo com certeza que não tem outro jeito para me livrar disso a não ser matando-a ou morrendo, e não quero mesmo morrer ainda. Fui dada uma segunda chance de viver e não posso apenas morrer agora. Estou bem ciente o que isso significa para esse dia.

Eleline pega uma das espadas, esfregando o corpo contra Silas, e algo como um rosnado sai dos meus lábios, chocando a mim e a ela. Silas ergue uma sobrancelha, fazendo sua posição muito clara. Minha loba está lutando comigo. Sinto um pouco de alívio que Eleline pegou uma espada e ando até pegar a outra. Está claro que ela pegou a melhor das duas. Parece mais leve que a minha, mas a minha é boa para lutar. É banhada em ouro e a ponta é muito afiada. O punho é feito de um tipo de couro macio e apesar de parecer pesada, é bem leve e balanceada. Ela se encaixa bem na minha mão quando ergo. Silas anda para o meio da clareira, enquanto Eleline e eu vamos uma para cada lado e paramos a uma distância respeitável com ele entre nós. Silas olha para as estrelas acima de nós, as estrelas que deixam o céu brilhante, é mesmo lindo para uma noite trágica. Meia-noite sob as estrelas, com os deuses observando enquanto a vida é ceifada.

Pelo menos é um lugar adorável para se morrer.

— Que os deuses julguem esse desafio e encontrem a legítima vencedora. Que vocês joguem limpo. Os alfas aceitaram esse desafio.

Quando a última palavra sai dos seus lábios, ele passa por mim e volta para os outros alfas, seus olhos encarando meu rosto até não poder mais. Não olho para ele porque preciso manter o olho na pessoa que sei que vai atacar a qualquer momento.

Ela solta um rosnado baixo, o aviso de uma ameaça, antes de mover a

espada na mão e se aproximar um pouco.

— Você poderia fugir, sabe? Tem certeza que não fugiu da sua primeira matilha e contou aquele pequeno rumor sobre ser a parceira rejeitada do alfa? — Ela dá uma risadinha. — Ninguém acredita nisso, a propósito, você sabia disso?

Nos cercamos e garanto ficar uma boa distância dela. Seguro a espada pronta para o ataque. Tento não deixar suas palavras me atingirem, mas é difícil. Está claro que está escolhendo as coisas que sabe que podem me irritar.

— Você tinha alguém com quem se importava na sua antiga matilha? Ou estava feliz de abandoná-los?

Ela tenta me acertar com sua espada, mas pulo para longe, fazendo-a sorrir.

— Sabe, se você é mesmo a parceira rejeitada do alfa, aposto que ele matou qualquer um que te conhecia e era próximo de você. Aposto que ele os matou e torturou.

— Não — respondo curto, sobre o som pesado dos tambores.

— Isso é tudo sua culpa. Sabe disso? Você se importa com qualquer pessoa além de si mesma? — Suas palavras me atingem dessa vez e acabo tremendo de raiva sem nem pensar sobre isso. Eu corro até ela, atacando primeiro com a espada enquanto ela bloqueia sem esforço e me acerta com uma cotovelada forte no estômago. Arfo e todo o ar sai de meus pulmões enquanto me afasto. Ela dá um golpe forte com a espada, acertando meu braço, mas não cortando muito fundo enquanto desvio. Eu me empertigo sem fôlego enquanto o vento sopra forte a nossa volta, açoitando meu rosto com fios de cabelo que escaparam.

Eleline apenas dá um sorriso malicioso e vira a espada na mão.

Sei qual é o plano dela, como ela vai vencer. Ela espera que eu ataque

todas as vezes, a golpeie várias e várias vezes até estar fraca demais para me defender quando finalmente atacar. Não foi isso que planejei com Ragnar e Silas. Não é assim que as fraquezas dela aparecem. As fraquezas dela aparecem porque ela golpeia pela direita todas as vezes, e não é tão atlética quanto parece porque é muito forte e musculosa e por isso não consegue ser flexível. Mas esse não é seu plano hoje. Ela sabia que Ragnar me diria isso, então criou um novo plano. Para me provocar. Para me fazer ficar nervosa. E é claro, estou caindo direitinho.

Cerro os dentes com irritação enquanto ela continua a falar.

— Como é ser a putinha dos alfas? Todos sabemos que você é. De jeito nenhum que eles manteriam seu traseiro loiro bonitinho na casa alfa sem esperar que você fique de joelhos para eles ou curvada sobre suas camas.

Sangue quente pinga do corte no meu braço enquanto tento ignorá-la e acalmar a tempestade de raiva que cresce em meu peito. Quero matá-la, percebo de supetão. Quero acabar com ela quando respiro fundo e uma maneira de virar o jogo, para vencer, vem a mim.

Inclino a cabeça para o lado.

— Nunca fiquei de joelhos para eles, mas sei que você ficou, e parece que não gostaram porque não voltaram por mais, voltaram? Você foi fácil de esquecer.

Seus olhos se acendem com raiva, queimando um vermelho vibrante, sua loba não gostou do meu comentário desrespeitoso. Duas podem jogar esse jogo.

Ela corre até mim, dessa vez com mais velocidade do que espero, e mal consigo me defender com a espada quando tenta me acertar. Ela me golpeia várias e várias vezes com mais e mais força. Cada vez que as espadas se encontram, a vibração treme os ossos dos meus braços. Meus pés escorregam no chão com cada movimento enquanto dou um passo para trás

depois do outro. Ela golpeia e golpeia e golpeia até o suor estar escorrendo pelos nossos rostos, pulo para sua esquerda e chuto forte no meio de suas costas. Ela cambaleia um pouco e movo minha espada, acertando-a na lateral e cortando logo abaixo das suas costelas. Ela grita e desvia, erguendo a espada outra vez. Seus olhos estão queimando de raiva, fuzilando com sua loba.

Mas sei que ela não pode se transformar e sei que sua loba quer. A loba dela quer me destroçar.

— Como se sente sendo rejeitada? Porque fui rejeitada pelo meu pretendente e conheço bem a sensação. Mas é pior para você, não é? Porque você não estava pedindo para ele acasalar com você. Você só está pedindo para dormirem com você, e eles ainda não te querem. Esse é o único jeito de conseguir a atenção deles e ainda assim não estão olhando para você — falo, sabendo que agi como uma vaca total, mas não posso ver outra forma de sair disso. Preciso dela com raiva. Preciso que me ataque. Seus olhos queimam com tanta força, enfurecida, que quase posso sentir.

E por um segundo, parte mim só quer dizer que sente muito, dizer que ela pode encontrar o próprio destino e parceiro, só precisa procurar por eles em outro lugar que não é com os alfas. Mas nós duas sabemos que passamos há muito desse ponto. Ela não vai parar, e preciso sobreviver. E quando se torna um jogo de sobrevivência, não é mais algo que é justo ou legal. Tenho que fazer o que precisar. Ela me ataca mais uma vez, com a mesma força de antes. Mas seus movimentos estão mais lentos. Está se cansando, seu tiro saiu pela culatra. Afinal, é um plano muito bom. Ela me ataca várias e várias vezes e dessa vez me golpeia algumas vezes. Eleline corta alguns fios do meu cabelo ao fazer uma curva apertada à direita e então quase me encurrala. As pessoas se afastam para nós e vejo minha deixa.

Vejo antes mesmo de pensar nisso. Eu me aproximo da parede e

quando ela golpeia me abaixo para que atinja a parede, a espada batendo com força o bastante para afrouxar sua mão. E me movo para a esquerda, usando sua fraqueza pelo lado esquerdo e enfio a espada direto pela sua barriga com a pausa, a força do movimento maior do que pensei que seria.

Não apenas no meu braço, mas na minha alma.

O mundo parece parar nesse segundo. Percebo que ganhei e que estou matando alguém. Estou mesmo tirando uma vida. E parece errado, errado de tantas maneiras.

Solto a espada que ainda está fincada na sua barriga enquanto seus olhos viram para mim, e a pego ao cair. Seguro sua cabeça no meu colo e afasto algumas mechas de cabelo dos seus olhos.

— Sinto muito — digo, porque realmente sinto. — E se vale alguma coisa, não acho que o problema com os alfas era seu. Acho que é com eles. Não acho que sabem o que é comprometimento ou como amar alguém. Estão perdidos e nenhuma de nós é uma luz brilhante o bastante para guiá-los de volta. Não acho que ninguém é, nem mesmo os deuses.

Minhas palavras são gentis e verdadeiras, porque eles certamente não me amam. Digo isso para ela, sabendo que vai fazê-la se sentir melhor nos últimos momentos, isso é tudo o que importa agora. Quero que ache que venceu, que sinta algo bom. Seus olhos se fecham e o corpo fica imóvel em meus braços, e nada se move por um longo tempo. Sei que sua alma deixou seu corpo, e sei que fui eu quem causou isso. E não tem nada que posso fazer para recuperar essa inocência, para voltar atrás do que fui forçada a fazer. Minha vida mudou. Essa matilha me mudou, mas estou viva. O que quer que isso signifique agora.

CAPÍTULO 17

— Você precisa se levantar — Silas diz, frio, sem nem um pouco de conforto ou compreensão na voz. Ele sem dúvida ouviu o que disse para Eleline quando ela estava morrendo e parece bravo. Eu não me levanto, mesmo depois de passar muito tempo ajoelhada, não quero soltar o corpo morto dos braços, sabendo que se levantar, é mais real. A multidão em volta está gritando meu nome, abafando todos os meus sentidos. A mão do Silas pousa no meu ombro e me afasto dele.

Olho para eles.

— Isso é tudo culpa sua. De todos vocês, e fui forçada a fazer isso. A me tornar uma assassina. — Henderson olha para mim.

— Ela teria morrido de uma forma ou de outra. A obsessão dela nunca teria terminado. Sua loba estava obcecada e nossos lobos não mudam facilmente de ideia sobre o que acham que é deles. Nosso lado primitivo é difícil de resistir, até mesmo para nós alfas.

— Algumas pessoas são destinadas a outras, e outras não são. É só o jeito que as coisas são — Silas afirma. Fico surpresa que ele sabe alguma coisa sobre sentimentos e amor, mais ainda sobre parceiros.

Henderson se abaixa, tira o corpo de Eleline dos meus braços e a carrega.

— Vamos enterrá-la juntos — sugere. — Ela não tinha família já que foi rejeitada da sua matilha quando era adolescente por dormir com alguém que não era seu parceiro. Não acho que tinha muitos amigos ou ninguém que morava com ela para dizer adeus na matilha e ninguém se apresentou. Podemos ir juntos se você quiser e enterrá-la no lugar onde enterramos a

maior parte da nossa matilha.

— Não acho que eu deveria enterrá-la — sussurro.

— Eu acho que deveria. Venha comigo, Mai — Henderson responde, olhando nos meus olhos e acabo concordando.

Silas, Ragnar e Valentine não dizem nada porque levanto e sigo Henderson. Phim estica a mão e toca meu braço com gentileza.

— Estou muito orgulhosa de você, mesmo que você não esteja orgulhosa de si mesma no momento — declara. — Um dia, você verá que sobreviver vale tudo.

Talvez para ela.

— Talvez sobreviver não seja algo que devemos apenas almejar. Talvez viver consigo devesse ser mais importante — respondo, sentindo os olhares dos alfas em mim, sorvendo cada uma das minhas palavras. Ela não tem resposta e não espero uma ao virar. Sigo pela trilha com Henderson e descemos as escadaria, subimos os degraus e vamos direto para a casa. Henderson nunca olha para trás ou pausa, e com certeza nunca deixa o corpo cair. Aprecio o nível de respeito que dá a ela enquanto vamos para a garagem onde encontra as chaves do lado da parede e abre o carro. Ajudo a abrir o porta-malas do veículo, um pequeno carro vermelho como seda com rodas bem gigantes. Parece estranho, mas acho que é uma das invenções de Ragnar.

Henderson coloca o corpo dela gentilmente no porta-malas, e então vai e pega um cobertor branco e o ajudo a cobri-la. Quando ele cobre o rosto, não posso evitar olhar, sentindo a culpa atingir meu peito com força. É impossível saber que ceifei a sua vida. Só é algo que nunca poderei esquecer. Seu sangue ensopa o cobertor branco em segundos e Henderson fecha o porta-malas, me tirando dos meus pensamentos. Entramos no carro e me sento no banco do passageiro, envolvendo os joelhos com os braços enquanto ele dá ré e sai pela trilha.

Vamos na direção dos fundos da casa, passamos pela floresta e saímos em um arco de portões escondidos pelas árvores e construídos na montanha, enchendo a pequena caverna na parede da montanha de luz. Henderson sai e abre os portões e posso ver que tem dois betas esperando do outro lado. Eles fazem uma mesura e seguram os portões abertos para Henderson enquanto ele volta. Dirigimos por uma estrada plana que desce pela montanha inteira e meus olhos absorvem a vista do mar e como é bonito aqui durante a noite.

É bonito demais para uma noite como essa. Ele se inclina e coloca a mão no meu joelho. E é tudo o que faz para me confortar, mas é tudo o que preciso antes de começar a chorar. Lágrimas escorrem por minhas bochechas e começo a soluçar e não consigo parar. Em algum momento, coloco minha mão sobre a sua e apenas seguro. Precisando apenas da conexão com outra pessoa, alguém real, enquanto assimilo tudo o que acabei de fazer. Não paro de chorar até chegarmos no sopé da montanha. Dirigimos pela estrada de terra simples, que está iluminada com pequenas lanternas, mas com os faróis do carro é claro o bastante para ver aonde estamos indo.

Por fim chegamos em uma clareira e posso ver que é um cemitério cheio de lápides azuis. Cada uma delas tem uma pedra brilhante em cima, fazendo ser lúgubre e bonito aqui. E silencioso. O mundo não faz nenhum barulho depois que Henderson desliga o motor do carro.

Nós dois olhamos para fora e Henderson me dá um lenço de uma caixa no banco de trás.

— Obrigada — murmuro, antes de secar os olhos e assoar o nariz.

— Matei um homem quando tinha doze anos, logo após ele matar meu tio na minha frente — Henderson conta. Fico parada e olho para ele. — Estávamos fugindo e sabíamos que eles estavam perto. Meu tio lutou muito para me salvar, mas estava em desvantagem. Ele matou dois enquanto me

escondia atrás de uma árvore tremendo da cabeça aos pés na minha forma de lobo. Quando vi meu tio morrer, perdi a cabeça e meu lobo rasgou o homem em pedaços. Eu ainda, até hoje, não esqueci, e entendo sua posição agora.

— Obrigada por compartilhar isso comigo.

— E para constar, você estava certa. Estamos quebrados demais, e nunca foi culpa da Eleline — diz baixinho. — Somos quebrados desde que nascemos e sempre teve apenas uma pessoa que poderia nos salvar.

— Onde ele está? — pergunto.

— Ela — corrige, encontrando meu olhar. — E de todas as formas, ela está perdida para nós. Intocável.

— Você a amava? — pergunto, sentindo mais do que ciúmes queimar em meu peito. Sinto uma necessidade de saber sobre essa resposta.

— Por que você quer saber isso? — questiona. — Tenho a sensação que a resposta não faria bem para nenhum de nós.

— Você tem certeza, não faria — falo rápido, desviando o olhar. — Não deveria ter perguntado.

— Deveria — replica. — Mas agora não é a hora da resposta. Vou começar a cavar um buraco para Eleline, você pode caminhar até a praia para pegar uma pedra da noite? É logo ali seguindo aquela trilha iluminada.

Ele aponta para uma trilha à esquerda pela floresta que tem tochas de fogo iluminando o caminho.

— Pedra da noite? — Franzo o cenho.

— Ah, merda. — ele pausa. — Acreditamos que pedras da noite são feitas de mágica pura e guiam as almas no pós-morte. Todo lobo deveria ter uma pedra da noite no seu túmulo, escolhida por alguém próximo a ele.

— Então não deveria ser você escolhendo? — pergunto. — Eu não era próxima dela.

— Eu também não — replica, suas palavras soando verdadeiras. —

Pegue a pedra. Chame se precisar de mim.

— Tudo bem — digo, ao abrir a porta. Entro na mata, sou recebida pelas muitas vozes da floresta e a brisa fresca que faz minha pele arrepiar. Perco o fôlego quando saio na praia e vejo as pedras da noite espalhadas por todo o lugar. As pedras chamam atenção, um verde brilhante contra as ondas azuis e a areia. Abaixo, pego a mais próxima a mim e tiro a areia molhada dela. Uma pedra para marcar o final de uma vida é tão simples e especial... e eu tenho que enterrar minha culpa. Fiz o que precisava para sobreviver, e sobreviver é tudo o que tenho agora.

CAPÍTULO 18

Depois de sair do banho, tranço meu cabelo de um jeito complicado que Phim ensinou antes de prender com um elástico. Ela diz que é uma trança rabo de peixe que aprendeu com os humanos e que era fácil de aprender depois de algumas tentativas. Percebo que sempre quero prender o cabelo assim. Depois de colocar as roupas, me olho no espelho. Meu cabelo parece ter crescido nas últimas semanas, desde o desafio que ainda me assombra. Ainda bem que ninguém mais veio me desafiar, e a casa tem estado quieta, mesmo com a ameaça iminente da matilha Ravensword mandar alguém atrás de mim. Os alfas e betas nunca me deixam a sós, não por muito tempo. Eles estão virando uma esquina a todo o tempo. Tenho a sensação de que se o alfa Ravensword mandar qualquer um atrás de mim outra vez, ele estaria morto antes de dar um passo para perto da casa. Meus olhos verdes encaram de volta no espelho, a cor parecendo mais opaca que o comum, uma mistura de como me sinto por dentro.

Ainda não consigo tirar a imagem da Eleline morrendo nos meus braços dos meus pesadelos. Sono com certeza não foi meu amigo pelas últimas semanas. Apoio a testa contra o espelho frio por apenas um segundo antes de me empertigar e descer as escadas para encontrar um pouco de almoço para ocupar meus pensamentos rodopiantes. Passei a manhã treinando com Silas, que diz que estou melhorando, o que é um grande elogio vindo dele, porque passa a maior parte da aula agora sendo rabugento por razões que ainda não entendo. Uma rotina comum, mas muito estranha caiu sobre a casa, e é tão normal que não sei o que pensar sobre isso. Os alfas parecem felizes, os betas são gentis, e posso ver o porquê os alfas escolheram

cada um deles. Os betas estão sempre por perto circulando a casa, sempre escutando, e juntam-se a nós para jantar a noite enquanto dois deles ficam do lado de fora. Foi uma boa maneira de conhecê-los e entender o porquê se tornaram betas. Para a maior parte deles, não foi uma escolha baseada apenas em ser um lobo forte. Foram suas atitudes como lobos fortes que os fizeram ser escolhidos. São todos pessoas boas e leais aos alfas até o fim.

É como uma matilha deve ser, na minha opinião, depois de ver duas matilhas totalmente diferentes. Trey passa andando acenando para mim com um grande sorriso antes de entrar na sala de estar. Ele me lembra tanto do Jesper da sua própria maneira especial. Mas é diferente do Jesper, que era sempre tão sério, e Trey é divertido. Eu me dou melhor com ele do que esperava. Entro na cozinha, sorrindo quando vejo uma nova charada na geladeira.

Sou bonito, onde apenas os deuses podem alcançar.
Sou visto por todos, desejado por poucos, ainda assim não posso aparecer apenas com um desejo.
Para lobos, trago luz, para outros ouro.
Sou eterno e não tem fim para a minha existência...
O que sou eu?

Pego uma tigela de arroz com frango e um pouco de molho antes de me sentar no banquinho e olhar para a charada enquanto como. Tenho dificuldade para descobrir a resposta por um segundo até focar na linha sobre lobos e luz e então faz sentido. Lobos podem ver tudo no escuro, mas durante o dia tem uma coisa que parece como luz pura e se encaixa com o resto.

Quando termino, lavo o prato e pego uma garrafa de suco de laranja da geladeira antes de escrever a resposta no bilhete com a caneta que achei ao

lado. Deixo a cozinha e procuro por qualquer barulho na casa silenciosa, me perguntando o que deveria fazer. Poderia assistir alguma coisa na Netflix com Trey, mas quando olho na sala, ele não está lá. Acabo decidindo por vagar pelos pisos de cima da casa e ver se encontro alguma coisa para fazer. Subo no sótão e vejo se tem mais alguma roupa suja que precisa ir para as máquinas que lavam roupas. Por algum motivo estranho os rapazes têm lavado suas próprias roupas durante a noite e não deixam que eu faça. Acho que eles têm lavado mais do que nunca nas últimas semanas, julgando por como existiam pilhas de roupas sujas e agora não tem nada. Tudo parece ser limpo antes de eu chegar, nesse ponto parece que só estão interessados que eu seque e dobre as roupas. Pode ter algo a ver com como as roupas estavam saindo com cores estranhas, mas não sei bem como evitar isso.

Desço as escadas para o primeiro andar e olho para as portas abertas do escritório no final do corredor, sabendo que não deveria bisbilhotar ali. Mas, ainda assim, ando até elas e dou uma olhada na sala, olhando por cima do ombro para garantir que não tem ninguém por perto. O escritório está vazio, o que é raro porque os alfas todos passam muito tempo aqui com as portas fechadas.

Entro sorrateira, deixando a porta aberta atrás de mim e vejo que tem um único livro na grande mesa. Todos os papéis bagunçados que estavam aqui antes sumiram. Dou a volta na mesa, passando os dedos pelas madeira antes de me sentar na cadeira. A cadeira enorme me faz sentir muito menor do que sou ao encostar no couro, sentindo o cheiro dos alfas em tudo aqui. O cheiro deles é tão bom, tão viciante. Balanço a cabeça e tento não focar neles por um segundo. O livro na minha frente é feito de couro marrom que parece velho quando coloco a mão nele. De repente, algo como um choque atinge minha mão, e me afasto, sentindo as pontas dos dedos um pouco queimadas.

— O que diabos? — sussurrando para mim mesma, olho para o velho

livro e em volta da mesa, encontrando um lápis na beirada. Eu o pego e volto para o livro mais uma vez. Sei muito bem que sou curiosa demais para meu próprio bem ao usar o lápis para abrir o livro na primeira página.

O livro parece ser um registro de alguma coisa, todo feito à mão. Tem uma pintura que parece com um humano de cabelo escuro, asas de morcego estranhas saem das suas costas e se esticam aos lados. As asas parecem brancas, quase brilhando com um tom prateado. O humano está nu da cintura para cima, e marcações cobrem o meio do peito do homem. As marcas parecem a silhueta de uma romã em vermelho e quatro estrelas carmesim se enfileiram sob ela. Quem pintou e escreveu esse livro tem uma habilidade incrível, e me sinto enfeitiçada a ler o que está escrito abaixo:

Um dia, há muito tempo, *antes de lobos se esconderem na terra, antes de humanos reinarem sobre a terra, existiam criaturas que não tinham um nome. Essas criaturas tinham corpos humanos com asas feitas de pura luz noturna. Criaturas maravilhosas com um temperamento pesado e instintos poderosos, elas assistiram o cair e levantar de cada ser na terra. Elas têm poderes extraordinários, poderes como nada que o mundo jamais verá nascer outra vez.*

Um dia, essas criaturas se tornaram conhecidas como anjos. Elas deturparam as histórias humanas ao ponto de humanos venerarem esses anjos sem saber o que cultuavam. Eles foram feitos crer que anjos vieram para salvar todos eles. Mas nunca foram.

A única forma que os anjos sobreviviam era bebendo sangue animal. Os anjos logo perceberam que sangue humano era o mais desejado e saciador de todos os animais nessa terra. A própria natureza criou um inimigo natural para garantir a sobrevivência de humanos. Ela criou os lobisomens. Essas novas criaturas, conectadas profundamente com a lua e

dadas poderes, foram criadas com uma mistura de sangue de anjo e humano.

O lobisomem é a única criatura nesse mundo que é venenosa para existência dos anjos. Uma mordida e...

Eu pulo, quase dando um grito quando o livro é fechado com força na minha frente e encaro os olhos de Henderson queimando vermelhos enquanto se inclina sobre a mesa, seu rosto bem na frente do meu. Seu lobo está aqui, não Henderson de verdade, e seu poder parece muito sombrio ao me cercar. Sombrio e poderoso... e sedutor. Quase esqueço de tudo ao me acomodar a escuridão pressionando contra minha alma, deixando o lobo do Henderson ver o quanto sou afetada por ele.

Não sei por que não estou assustada.

Posso sentir seu poder, as sombras da sua magia, sua essência, respirando o ar a minha volta como se tivesse vida própria. Os olhos dele voltam lentamente para o azul pálido que me lembra do mar durante a noite.

— Não temos muitas regras nessa casa, mas é uma não dita é que essa sala está fora de limite para qualquer um menos os alfas, a não ser que tenha sido convidado.

Levanto da cadeira e seguro seu olhar.

Mesmo que minhas mãos tremam um pouco ao fazer isso.

— Talvez eu devesse ser avisada dessa regra primeiro. Não estava ciente que ler livros era contra as regras.

Ele inclina a cabeça para o lado enquanto falo, e não respiro quando se aproxima. Seu nariz toca de leve o lado do meu rosto, e escuto ele respirar fundo o meu cheiro. Tudo relacionado com sua proximidade a mim faz minhas pernas parecerem fracas até ele se afastar, e eu respirar fundo.

— Você está certa. Não tem regras para ler... só contra esse livro — ele diz com mais gentileza. Henderson anda até a estante e encaixa o livro de

volta em um lugar que tem um vão para ele. — Alguns livros guardam mais segredos, e confie em mim, esse não é um segredo que você quer. Você precisa esquecer tudo o que leu aqui.

— O que são anjos? — ao invés disso pergunto.

— Nada além de contos de fadas — ele responde.

— Eles são reais, Henderson? — pergunto, querendo uma resposta real e não a versão que ele acabou de tentar me dar.

Ele me olha nos olhos ao responder.

— Tanto quanto os deuses que andam nessa terra.

Não tenho ideia do que pensar dessa resposta enquanto encaramos um ao outro. Isso foi mais uma evasão do que uma resposta, mas decido deixar para lá. Balanço a cabeça, nunca pareço ter uma resposta clara de nenhum deles.

— Tudo bem, vou voltar para meu quarto — falo ao contornar a mesa e tentar passar por ele, mas seu braço estica e sua mão prende meu pulso, me parando.

— Não, não vai. Vou te levar para sair à noite. Estava indo te encontrar para perguntar se queria ir a uma caçada na floresta — ele pergunta.

— Caçar com alguém que não pode se transformar? Por que você iria me querer lá?

— Achamos que deveria ir. Vai ser bom para você. Sei que você ainda não se transformou, mas sua loba vai conseguir sentir e entender a caçada — explica, dando um passo mais perto. — Por favor, venha numa caçada conosco.

Sempre quis ir em uma caçada, para falar a verdade. Muitos dos meus colegas de sala iam nelas com seus pais e amavam se vangloriar disso na minha antiga escola. A adrenalina de caçar é natural para um lobisomem,

transformado ou não. É eletrizante. É tudo pela caçada. Lobos almejam perseguir e matar, é natural para nós.

Concordo com um pequeno sorriso.

— Sim, adoraria fazer isso.

— Bom — responde, mas não solta meu pulso. Seu polegar acaricia meu braço em círculos e fecho os olhos com o prazer estranho que seu toque evoca em mim.

— É-é seguro para eu deixar a casa? Com o alfa Ravensword no meu encalço? — sussurro, as palavras parecendo altas demais para o pequeno lugar.

Seu dedo toca meu queixo e abro os olhos quando inclina minha cabeça para trás, nosso olhar colidindo.

— Deixa ele vir quando estamos ao seu lado. Vou destruir um exército de lobos para te proteger.

Meu coração bate mais rápido do que nunca enquanto ele me deixa ir e sai da sala, me deixando para ponderar se falava sério sobre o que acabou de dizer.

Uma voz na minha cabeça me diz que sim. Ela me diz que também faria qualquer coisa para mantê-lo vivo e isso é mais perigoso do que posso admitir.

~*~

Pelas próximas horas, ajudo Ragnar a carregar o carro com barracas, caixas de petiscos e água, e tudo o que precisamos para acampar pela noite. Pego uma peça de roupa e algumas coisas do banheiro que preciso, como minha escova de dentes, e coloco em uma mochila pequena antes de encontrar eles no carro.

Ragnar e Henderson estão perto do carro, conversando baixo, quando entro na garagem bagunçada. Ficam calados de repente quando entro e olham para mim, como se não fosse totalmente óbvio que estavam falando de mim.

— Pronta, Mai? — Ragnar pergunta, andando até mim e pegando a mochila. Ele coloca no porta-malas enquanto Henderson cruza os braços, evitando meu olhar.

— Pronta — respondo com um pequeno sorriso, apesar de me sentir muito desconfortável.

— Bom — ele responde retribuindo o sorriso, e abre a porta da frente do carro, do banco do passageiro, para mim.

— Desde quando não me sento na frente? — Henderson ironiza.

— Desde que as mulheres sempre vêm primeiro — Ragnar replica, trocando um sorriso arteiro com Henderson.

— Touché — Henderson diz, com uma risadinha. Preciso de alguns segundos para entender a piada de duplo sentido que perdi, e minhas bochechas ficam vermelhas. Entro no banco do passageiro, e alguns minutos depois, Trey, Phim e Henderson entram o banco de trás. Ragnar fecha o porta-malas do veículo e entra alguns momentos depois.

— Faz muito tempo desde a última vez que cacei — Phim diz e se inclina para frente, dando tapinhas em meu ombro. — Você está animada, Mai?

— Sim — digo e ela se afasta, olhando para Henderson por cima do Trey, que está com fones de ouvido e olhos fechados ao soltar um longo bocejo.

— Você parece tenso hoje, Alfa Henderson — Phim observa.

— Foi um dia estranho — ele responde seco. Eu me sinto um pouco mal por bisbilhotar nas coisas deles, mas quero descobrir mais sobre eles. Não posso me livrar dessa sensação que tenho deles. Como se algo não

estivesse certo.

Sem dúvida tem a ver com os segredos que ainda não descobri, como de onde vieram, quais segredos estão tentando desesperadamente esconder de mim. Dirigimos pela matilha em silêncio, e estou quase pegando no sono depois de uma hora após sairmos da cidade e entrarmos na floresta densa.

Enfim saímos da estrada e entramos direto na floresta por um caminho rústico de terra antes de parar do nada perto de uma clareira. Saímos e Phim me dá uma lanterna para que possa ver aonde estamos indo. Essa é clara e forte e funciona muito melhor do que qualquer lanterna que vi na minha antiga matilha, me deixando curiosa sobre como conseguiram isso. Tantas coisas na matilha parecem tão novas, é como se os humanos as tivessem enviado há pouco tempo, mas isso é impossível. Humanos não cruzam a fronteira há anos, e não temos mais muito contato com eles. Mas não digo nada para não correr o risco de irritá-los. Enquanto Ragnar e Henderson erguem as barracas, Trey, Phim e eu vamos em busca de gravetos para fazer uma pequena fogueira. Quando voltamos, acendemos o fogo — bom, Phim acende como uma especialista — e nos sentamos ao seu redor, observando os alfas. Não demora muito para eles montarem as duas barracas cinza e acenderem lanternas dentro delas.

— Desculpe, mas eu ronco e você vai dormir em uma barraca comigo essa noite. Aposto que os alfas não mencionaram isso — Phim dá uma risadinha. Balanço a cabeça, fazendo-a rir.

— Então os alfas e Trey vão ficar na outra? — pergunto.

— Sim, tem três espaços com separação — ela explica. — A nossa só tem dois.

— Tudo bem — respondo. Nunca acampei de verdade no meio da floresta sozinha, a não ser que você conte quando eu tinha doze anos e fui encontrada na floresta, mas eu não conto. Mas isso deve ser interessante.

— Estou feliz que você não é uma daquelas afeminadas que nunca querem acampar — ela diz. — É legal ter uma garota aqui ao invés de apenas homens.

— Estou feliz de estar aqui — falo para ela.

— Vamos nos dividir em times — Ragnar anuncia, batendo as mãos. — Vou ficar com Mai e vocês podem ficar juntos.

— Isso não é justo. Todos sabemos que você é o melhor caçador — Phim diz, fazendo biquinho. — Não tem jeito de encontrarmos a presa antes que você.

Henderson apenas sorri.

— Ele não vai ser o melhor dessa vez.

Ragnar apenas sorri de volta.

— Pode vir, irmão. — Adoro suas provocações e sorrio para mim mesma enquanto Ragnar inclina a cabeça para o lado. Pego minha lanterna, e ele a tira da minha mão.

— Não, não dessa vez. Vou me transformar e precisamos ficar no escuro. A luz da lua vai nos guiar — ele diz gentilmente, colocando a lanterna no chão.

— Não posso ver no escuro como você — eu o lembro.

Ele se aproxima e minha respiração falha quando estica o braço e coloca uma mecha de cabelo fujona atrás da minha orelha.

— Você é uma loba, Mai. Deixe sua loba te guiar.

— Tudo bem — sussurro, enquanto ele dá um passo para trás e começa a abrir os botões da camisa.

Desvio o olhar, escutando o farfalhar de roupas e depois sentindo o cheiro característico de que se transformaram quando tudo cheira a mágica por um segundo. Olho para trás, chocada e admirada com os lobos de pelo preto, que são lindos. Todos eles são preto puro, mas os lobos de Henderson e

Ragnar se destacam comparados com os do Trey e Phim já que são mesmo magníficos. Eles são literalmente o dobro do tamanho.

O lobo do Henderson olha para mim, olhos vermelho-vivos brilhando no escuro e parecendo brasas dançando no ritmo de uma chama. Seus olhos de lobo encaram os meus antes de rosnar uma vez e correr pela floresta, erguendo terra com suas patas gigantes. Trey solta um longo uivo antes de sair correndo na direção que Henderson foi seguido por Phim, e deixando nada além de uma pilha de roupas no chão. Rapidamente dobro as roupas de todo mundo para quando voltarem e coloco-as na barraca antes de pegar um casaco da minha mochila e colocar. O casaco é preto com botões prateados e feito de lã grossa de ovelha, me mantendo aquecida. Vou ter que agradecer a Phim por comprá-lo para mim. Minha loba me mantém aquecida, mas está muito frio na floresta. O lobo do Ragnar está me esperando quando saio da barraca.

Vejo muito de Ragnar no seu lobo, até mesmo o jeito que o lobo fica altivo nas quatro patas grita Ragnar.

Fico quietinha enquanto o lobo de Ragnar se aproxima. Cada passo no chão tritura a neve, as folhas quebradas e o ocasional graveto entre nós.

Seu nariz de lobo roça gentilmente contra o meu, sua respiração quente soprando a minha pele. Levanto-me, olhando nos olhos de um lobo alfa. Que nunca me deveria me deixar chegar tão perto dele. O lobo deveria estar me forçando a ficar de joelhos nesse momento, em submissão, como faria com qualquer lobo que o encarasse.

Esses lobos alfas não fazem sentido. Quebram todas as regras conhecidas pelos lobisomens. Quebram as regras como se não fossem nada.

E deveria estar muito assustada, mas, não estou. Por fim, ele se afasta, circula a minha volta antes de andar para dentro da floresta lento o bastante para que consiga acompanhar correndo. Preciso de mais do que alguns

segundos para me acostumar com a floresta depois que a luz do acampamento fica para trás, e respiro todos os cheiros que posso sentir. Posso sentir tudo, desde as folhas úmidas espalhadas no chão até a neve gelada que está presa nas árvores a nossa volta, e um cheiro que vem com a floresta, como cheiros almiscarados, as próprias árvores. Minhas orelhas contraem, ouvindo os sons distantes de outros animais que perambulam pela floresta, como coelhos e esquilos. Nada grande para caçar que possa sentir.

Meus olhos demoram para se ajustarem, mas vejo melhor do que jamais vi na minha vida inteira. Ragnar fica por perto ao meu lado, ocasionalmente cheirando o solo antes de mudar rápido de direção pelo que parecem horas e horas. Minhas pernas cansam depois de um tempo, mas não pauso ou diminuo o ritmo enquanto curto a caçada. É sereno na floresta, mesmo enquanto caçamos, e passo a maior parte do tempo pensando nos alfas, mais do que deveria. Fico perto do lado do Ragnar, confiando plenamente nele, e então ele para de repente. Ele se abaixa, e faço o mesmo ao seu lado, olhando pela clareira a nossa frente. Bem o meio da clareira, tem um cervo enorme. O cervo cinza é imenso, com uma galhada descomunal que se alonga para o céu.

Ele é muito maior do que o lobo alfa do meu lado, e cada um daqueles grandes chifres pode nos matar com facilidade. Não acho que isso vá parar o lobo ao meu lado, afinal, não é apenas um lobo. Ele é um alfa, um ser mágico com tanto poder que não posso compreender. Um poder que vem de um deus proibido que é claramente mais poderoso do que qualquer coisa que vi antes. De repente, ele se move mais rápido que uma bala pelas árvores, me deixando muito para trás sem chance de alcançar. Ele está do outro lado da clareira e acertando as patas traseiras do cervo que tenta fugir. Um rosnado do Ragnar ecoa pela floresta enquanto ele corre atrás do cervo, cercando-o em algumas árvores em segundos e pulando no seu lombo. Corro para a

clareira bem quando o lobo do Ragnar afunda seus dentes enormes no pescoço do cervo que solta um gemido longo que me faz estremecer, a adrenalina passando por mim como nada que senti antes. O cervo cai sob o lobo, e Ragnar solta, dando alguns passos para trás antes de se transformar para sua forma humana. Eu me aproximo para ver Ragnar agachado, nada além de um homem nu no meio da floresta, com sangue nos lábios e pingando do queixo.

Ele limpa o rosto e olha para mim antes de ir até o cervo. Ele se abaixa e coloca a mão na testa do cervo.

— Os deuses te agradecem pelo seu sacrifício e te recebem na vida após a morte. Que você caminhe em paz.

Suas palavras profundas me fazem tremer, sentindo como se os deuses estivessem nos observando por um segundo. Tento não olhar muito para seu corpo nu enquanto se levanta e olha para mim. Ele parece tudo menos humano nesse momento, e sinto como se fosse poder puro. Poder puro, possessivo e autoritário. Acho difícil desviar o olhar.

— Algum dia vamos falar sobre o que não está dito entre nós? — ele pergunta. Assumi que minha atração por ele fosse unilateral. Ele poderia ter qualquer uma... por que iria querer uma parceira rejeitada?

— Não sei do que você está falando — respondo, me perguntando se está se referindo a outra coisa. Ele não pode estar dizendo o que eu acho, o que sinto.

— Qualquer lobo pode sentir o cheiro de atração — ele diz o que já sei. Posso ignorar minha reação a eles, mas meu corpo está na cara que está me traindo.

— Estar atraída por alguém não significa que seria uma boa ideia — falo baixinho, esfregando o braço. — Você é um alfa... conhece as regras.

Tudo nele é firme quando levanta e eu encaro. Ele de repente se

transforma de volta no seu lobo, deixando nossa conversa com um final bem estranho. É apenas quando escuto o barulho por perto e viro bem na hora de ver o lobo do Henderson sair da floresta, seguido por Trey e Phim. O lobo do Henderson solta um longo rosnado que Ragnar responde. Olho para ver Ragnar com a pata no cervo morto, reivindicando seu prêmio.

Phim me faz pular quando fala, e viro para vê-la nua ao meu lado por um segundo antes de virar. Nunca vou me acostumar com como a maioria dos lobos não liga muito que os vejam nus.

— Os alfas vão carregar o cervo de volta. Que tal nós três andarmos de volta para o acampamento? — ela sugere. Henderson anda até Ragnar e eles rosnam um para o outro.

— Claro — digo para Phim, enquanto Trey vem para meu lado, seu lobo roçando contra minha perna.

Passo os dedos gentilmente nos pelos do Trey, por um segundo, sentindo como é macio. Quando olho para trás, os alfas ainda estão me observando e ao invés de me sentir caçada, o que sinto é um olhar protetor.

Eventualmente consigo desviar o olhar e continuar pela floresta até o acampamento, com Trey e Phim por perto, sabendo que os lobos alfa estão no meu encalço.

~*~

— Estou surpresa que você saiba como fazer isso — digo para Henderson, sentada no tronco ao seu lado em volta do fogo. — Cozinhar o cervo, quero dizer.

Henderson e Ragnar esquartejaram o cervo com destreza, cortando a carne e cozinhando com um monte de coisas que trouxeram conosco.

— Aprendemos com nossos pais — Henderson diz, curto, mas então a

sombra de um sorriso aparece em seus lábios. — Minha mãe era a caçadora, e Ragnar foi o único que herdou essa habilidade dos seus ensinamentos. Meu pai preferia cozinhar, e aprendi com ele.

— Eu nunca perguntei, mas vocês quatro são irmãos de sangue? — pergunto. — Só você parece...

— Diferente. Não somos irmãos de sangue, mas fomos criados juntos desde bebês — ele me explica. — Você pode me perguntar qualquer coisa, Mai, mas posso não conseguir responder tudo.

— Então onde exatamente vocês foram criados? — questiono.

— Tenho a sensação que você vai continuar me perguntando isso até um de nós se distrair e responder — ele responde.

Dou um sorriso.

— Você tem a sensação certa.

Ele ri e balança a cabeça.

— Não vamos te contar. Não contamos para ninguém de onde viemos, e é melhor assim.

— Vou descobrir. Sou muito curiosa — respondo.

Ele me olha direto no olho.

— Aposto que sim. Mas que tal você me contar algo sobre você. Tipo, talvez o que você gostava de fazer antes de vir para cá, no seu tempo livre.

— Desenhar — começo, esfregando minhas mãos geladas. — Nunca tive muito, mas sempre havia papel e lápis por perto. Costumava carregar para onde fosse e desenhar partes da floresta. Tinha uma cascata perto do orfanato que amava desenhar com as diferentes luzes do dia e noite. Minha favorita foi ao pôr do sol um dia quando o céu estava quase roxo e lançava raios cor-de-rosa na água.

— Engraçado, você não é a única que gosta de desenhar — ele

replicou.

— Você gosta de pintar? — pergunto e seus olhos semicerram.

— Só um pouco, e sim, eu escrevi o livro. Você pode logo perguntar o que está pensando.

— Era uma ótima pintura das criaturas anjo — respondo, mas não vou pedir mais nada porque vi que o irritei na minha jornada por encontrar todas as respostas. — Posso ver que é um assunto tenso para você.

— Vou dormir — replica, antes de se afastar, me deixando sozinha perto do fogo já que Trey e Phim foram dormir há mais de uma hora e Ragnar estava pegando mais madeira para o fogo.

Ragnar volta para o acampamento um pouco depois enquanto olho para o fogo.

— Sozinha? — pergunta, e concordo. Ele suspira, soltando a madeira perto do fogo e acrescentando algumas toras que encontrou antes de ir para sua barraca. Fico surpresa quando volta com dois copos baixos e me dá um ao se sentar ao meu lado. Dou um gole, sentindo um gosto de uma bebida rica e frutada que nunca senti antes, e queima minha garganta quando engulo, mas de alguma maneira me faz sentir mais quente.

— O que você fez para irritar ele dessa vez? — Ragnar pergunta, sugerindo que sempre irrito Henderson.

— Irrito ele muitas vezes?

— Você o está irritando simplesmente porque ele não pode ser tudo o que quer quando está com você.

— E o que ele quer ser quando está comigo? — pergunto.

— Acho que nós dois sabemos a resposta para isso. Você não é tão inocente quanto parece — ele contrapõe.

— Henderson deveria esquecer de mim. Não sou uma fêmea alfa e não quero ficar no caminho de quem apareça para cada um de vocês —

respondo, mesmo que doa dizer isso em voz alta. Tenho pensado nisso por tanto tempo, e precisa ser dito.

— O que te faz pensar que você não é uma fêmea alfa?

— Está bem claro que não sou — respondo.

Ele balança a cabeça e olha para baixo.

— Ser uma fêmea alfa é ser escolhida por um alfa e nada mais. Nada menos.

— Alfas são escolhidos pelos deuses, sejam fêmeas ou machos — respondo. — Os deuses não me deram sua bênção.

— Você está viva, não está? — ele retruca e dá um longo gole na bebida. — Chamo estar vivo de ser favorecido pelos deuses.

— Gosto de ser apenas amiga de todos vocês. Vai fazer as coisas mais fáceis quando precisar ir embora.

— Nada de você ir embora vai ser fácil — ele contesta, virando seu olhar para mim.

— Eles dizem que você tem que deixar as coisas que te pertencem irem. Se são suas, elas vão voltar.

— Quem disse que sou seu?

Ele se aproxima e dá um único beijo na minha bochecha, fazendo meu coração acelerar e tudo no mundo desaparece e é como se apenas nós existíssemos.

— Boa noite, Mai.

CAPÍTULO 19

Acordo na água. Água profunda e fria me cerca enquanto olho para o mar aberto na minha frente. O mar me empurra com cada movimento, machucando meu corpo dolorido enquanto luto contra seu poder. Procuro em todo lugar por alguma luz, uma direção para nadar quando entro em pânico, respirando mais água, me engasgando nela. Mas não tem lugar nenhum. Não tem nada além de oceano até onde consigo ver. As ondas continuam a me empurrar com força no mar como se quisessem me destroçar, e poderiam fazer isso mesmo. Nada além de água fria me cerca. Não posso focar em nada além do meu coração batendo no peito. Parte de mim se pergunta se estou sonhando. Parte de mim se pergunta se isso não é algum tipo de memória. Meu cabelo loiro me estrangula na água enquanto sou levada mais e mais longe, e minhas mãos não pegam nada além de água do mar ao me debater. De repente o mar fica calmo e estou flutuando, olhando para uma sombra. Tem outra pessoa ali, alguém um pouco além do meu campo de visão. Tento nadar para a sombra, mas cada braçada que dou, a sombra se afasta mais e mais.

Como se estivesse correndo atrás de uma memória e não chegando em lugar nenhum. Bem quando estou prestes a chegar mais perto da sombra, vendo a silhueta de um homem, tudo desaparece e o mundo fica completamente turvo.

Acordo com friagem na cama, coberta de suor, meu cabelo úmido grudado nas bochechas enquanto meu corpo treme da cabeça aos pés. O

sonho pareceu tão real... real o bastante para ser uma memória de antes dos meus doze anos até onde eu sabia. Respirando fundo, tenho que me acalmar enquanto olho para as árvores acima, me lembrando de onde estou, segura no meu quarto.

Sonhos como esse se tornaram recorrentes nas últimas semanas, e não sei o porquê. Não sei o que os causou, e nunca sei por que estou no mar ou como cheguei ali.

Sempre me sinto tão perdida e assustada. Se não são sonhos sobre o mar ou perseguindo sombras por uma floresta que nunca vi antes, são pesadelos com Eleline. Nos meus pesadelos, ela ganha o desafio e morro. É como se ela estivesse me assombrando agora. Tirei a vida dela, e honestamente não a culpo nesse momento por assombrar meus sonhos e invadir minha consciência. Levanto da cama com pernas trêmulas e pego roupas limpas antes de ir para o banheiro tomar um banho rápido. Deixo o cabelo solto e molhado, escutando o som dos pingos de água no piso de madeira ao trocar de roupa. Por fim coloco um longo cardigã vermelho, que gosto de usar pela casa.

Nas últimas semanas, o inverno se tornou primavera, e tudo está um pouco melhor agora que não é tão frio do lado de fora. Não tive novos ataques da minha antiga matilha, e parte de mim quer pensar que ele esqueceu de mim e seguiu em frente. Mas não sou tão boba. Sei que não esqueceu. E isso me faz ficar preocupada com o que está planejando. Sempre vou me preocupar. Pânico e ansiedade podem ser as causas principais de não estar dormindo. A casa está barulhenta, e sigo o barulho até a cozinha.

Pauso quando vejo Valentine abrindo todos os armários um de cada vez, batendo todas as portas quando não encontra o que quer. Ele está sem camisa e procuro nas suas costas as suas marcas da lua, não as encontrando e me perguntando onde estão. Fico parada ali, observando-o em silêncio, vendo

a raiva e frustração saindo de cada movimento. Aprendi que Valentine é o quieto. Eu o vejo todos os dias, e não faço a mínima ideia dele. Não sei nada sobre ele, nada real e nada vindo dele. Eu sei que seu passado o faz procurar a bebida e é apenas isso.

Ah, além do seu amor por charadas e estrelas ninjas com as quais treina quando está bêbado. Limpo a garganta e ele pausa. Bate na porta do armário que estava aberta e vira para mim. O alfa parece selvagem nesse momento, cabelo bagunçado e para todo lado. Sua barba gigante esconde a maior parte do seu rosto, e me pergunto por um segundo qual sua verdadeira aparência. Ele tem um corpo incrível e olhos expressivos, mas parte de mim está se coçando para se esgueirar até o seu quarto e raspar toda a sua barba.

Vejo algum tipo de homem, algo familiar em seus olhos, e isso sempre me acalma quando outras pessoas fugiriam de um homem como esse.

— Você deveria estar dormindo, lobinha — ele diz, sua voz com um aviso enlaçado no tom gentil. Tenho certeza que é assim que o cordeiro é atraído para o covil do lobo.

Erguendo um ombro, entro na cozinha, sentindo seus olhos me seguindo. Sei bem onde os outros alfas escondem a bebida que gostam e não querem que Valentine beba. Atravesso a cozinha e abro o armário sob a pia e puxo a grande caixa cheia de garrafas de uísque. Tem uma coisa boa de estar presa nessa casa o tempo todo, vi e conheci todos os cantinhos dela. Puxo duas garrafas e entrego uma para ele.

— Nunca fiquei bêbada, mas estou propensa a isso hoje porque dormir não vai acontecer — falo para ele, tocando nossas garrafas juntas.

Ele parece embasbacado por um longo tempo. Olha para mim e de repente um grande sorriso ilumina seu rosto.

— Tudo bem, então. Isso é algo que com certeza posso te ensinar.

— Que bom — digo com um sorriso.

— Com certeza não sou um lutador como o Silas, e nem de longe sou gentil como Ragnar ou esperto como Henderson — ele diz, pausando para passar a língua pelo lábio inferior, e observo o movimento com olhos famintos. — Mas ficar bêbado e ser uma má influência, isso é sim minha arena.

Sigo ele para fora da cozinha, pelo hall de entrada até a sala de estar onde desmorona no sofá, esticando as pernas sobre ele. Dobro minhas pernas sob mim antes de abrir a garrafa. O cheiro forte é revoltante quando abro a tampa, mas tem um fundo doce e almiscarado que posso aguentar. Valentine já está bebendo a sua garrafa, e dou um gole da minha, tossindo algumas vezes enquanto o líquido forte desce pela minha garganta.

Valentine dá risada.

— Pega leve, lobinha.

— Tecnicamente, não sou uma loba ainda. Ainda estou presa.

— Silas é um babaca. Desculpe por isso — ele responde com um sorriso. Continuo dando golinhos até o calor embriagante do álcool tomar conta. Sentindo-me muito corajosa com o álcool no meu organismo, olho para Valentine Fall. A bagunça misteriosa do homem a quem me sinto atraída sem uma explicação plausível.

— Você dorme algum dia? — pergunto.

Ele não responde por um tempo, dando um gole muito mais longo como se precisasse.

— Não — ele responde. — Eu não faço muito além de beber o bastante para subjugar o meu sangue de lobo, que queima a embriaguez e então desmaio. E então estou de volta para procurar mais bebida para bloquear as memórias... Sono não vem fácil.

— O que aconteceu com você? — solto de uma vez.

Seus olhos verde floresta me encontram.

— Há quanto tempo você queria me perguntar isso?

— Desde que nos conhecemos.

Ele balança a cabeça e a apoia no sofá, e não tenho ideia se vai me contar ou não.

— Você pode me dizer enquanto bebo isso e é bem provável que vá esquecer tudo o que disser amanhã, então seria como falar para uma parede — digo, antes de dar mais um longo gole para provar meu ponto.

Ele balança a cabeça.

— É doloroso como você me lembra de alguém. Faz mais difícil ter você aqui.

— Quem eu te lembro? — pergunto.

— Apenas alguém que perdi — responde por dentes cerrados.

— É esse o motivo pelo qual você bebe? É essa a coisa terrível que aconteceu?

— Não — ele sussurra. — Bom, é um dos motivos, mas não o pior. Um dos motivos é que olhar para você é como olhar para um fantasma que nunca posso realmente ter.

— Não acho que você deveria possuir fantasmas. Acho que eles que te possuem — respondo, tentando fazer graça na tensão que permeia o ambiente. Ele inclina a cabeça para o lado, seus olhos encarando os meus.

A tensão parece crescer, me deixando nervosa demais até para piscar.

— Essa mulher, eu teria lutado contra o mundo para possuir. Meus irmãos falariam o mesmo — responde. Por um segundo, quase tenho ciúmes dessa mulher. Ela tem os corações deles, isso é claro, e ainda nem a conheci. É por isso que eles olham estranho para mim de vez em quando. Deve ser por isso que eles estão me treinando e tratando tão bem. Lembro eles de alguém que perderam. Nem conheço essa pessoa que é óbvio que não está mais aqui.

Ele dá um longo gole outra vez, e passo meu braço à minha volta.

— Me conte sobre ela.

— Acho que não pode fazer mal. — Ele solta um longo suspiro. — Ela era esperta, curiosa e tão linda que era quase como se os deuses a tivessem feito a sua imagem. Por algum motivo insano, gostava de passar tempo comigo e com meus irmãos. Quando estávamos lutando contra tudo, ela estava lá. Sempre esteve lá por nós.

Valentine olha para mim, então concordo e dou mais um gole antes dele continuar.

— No começo era mais como um relacionamento familiar quando éramos mais novos, mas aí crescemos e passei a pensar nela como mais do que a garota que tratávamos como matilha. Se tornou mais. Nós queríamos mais. E acho que ela também queria. Nenhum de nós chegou a falar isso um para o outro, mas a atração e o sentimento profundo estavam apenas crescendo.

Ele explica isso para mim com uma risada suave. Não ouso interrompê-lo, tirá-lo das memórias que ele tem.

— E bem que um de nós poderia ter sido corajoso e afinal dito que ela era isso para nós...

O fato que ele deixa a frase incompleta diz tudo.

— Sinto muito. O que aconteceu com ela?

— Algo do que nós estamos fugindo aqui — responde, sem me contar nada de verdade. Ele olha para mim por um segundo a mais.

— Realmente pareço com ela? — pergunto.

Ele concorda, mas ele não responde com nenhuma palavra. O jeito que olha para mim me faz pensar que estou perdendo alguma parte de uma história que não entendo.

— Conte para mim, lobinha, quais são seus planos para o futuro? O que você vai fazer quando se mudar dessa casa?

— Você é o único que acha mesmo que vou mudar — respondo.

— Não vai? — ele pergunta com um sorriso provocante.

— Sim, vou. Quero uma vida. Quero uma vida onde não sou uma criança órfã ou parceira rejeitada e apenas quero ser eu — conto para ele a verdade de como me sinto. — Pela primeira vez, não quero me destacar. Quero ser normal.

— Normal, huh?

Concordo antes de dar um longo gole.

— Posso perguntar o que aconteceu que te fez desse jeito? Se não foi perder essa garota, o que foi?

— Meus irmãos vão me matar por falar com você sobre nosso passado — Ele dá uma risada triste enquanto me pergunto por que eles parecem determinados a manter seus segredos. — Parte de mim quer fazer isso só para que Silas me espanque e eu possa desmaiar por algumas horas. Muito mais rápido que essa merda. — Ele ergue a garrafa e faço uma careta para ele. Parte de mim se preocupa com ele, parte de mim sabe que ele é louco o bastante para fazer exatamente isso. — Certo. Foi difícil nos tornarmos alfas dessa matilha, difícil porque tínhamos uma matilha antes e não conseguimos salvar nenhum deles.

— Toda sua matilha morreu? — sussurro. Nesse momento, preciso de um segundo para entendê-los muito mais do que semanas de estar com eles. Entendo eles em um nível muito mais profundo do que jamais antes. Alfas perdendo toda sua matilha. Não posso nem imaginar. Não posso imaginar como ficam aqui e são tão felizes ou como sequer construíram outra matilha que se tornou o que são. Por fim, acabamos olhando um para o outro por um longo tempo enquanto ele me deixa processar e não responde minha pergunta retórica.

— Decerto, alguns sobreviveram o que quer que tenha acontecido?

— Todos se foram, todos eles, Mai. Não tinha nada que pudéssemos ter feito para impedir.

— Que idade vocês tinham? — pergunto.

— Treze anos — ele responde.

— Então você não poderia esperar parar isso e salvar sua matilha. Vocês eram crianças — falo para ele, esticando o braço e colocando a mão no seu braço. Ele congela sob meu toque, apesar de parecer estar queimando. Seu olhar colide com o meu com uma emoção que posso sentir com um olhar.

— Treze anos ou não, era meu dever. Deveria ter protegido toda nossa matilha.

— Ninguém poderia te culpar por não poder fazer isso com treze anos. Você sabe que garotos de treze anos não podem comandar uma matilha, menos ainda salvar todo mundo do que aconteceu — falo, gentil.

— Você não entende. Nascemos para salvá-los — responde, e franzo a testa, tentando entender isso.

— O que diabos isso quer dizer? — pergunto enquanto ele desloca minha mão do seu braço e se levanta, mas estou cansada de ser deixada no meio da conversa com meias respostas. Coloco minha garrafa no chão e bloqueio seu caminho quando tenta sair.

— Não — declaro, firme. — Não sei por qual razão você acha que não tem problema simplesmente se afastar de tudo, beber para esquecer como se não tivesse uma matilha que precisa de você agora para protegê-los, mas estou aqui para dizer que não é legal. Eu só te fiz uma pergunta e você deveria ter respondido. Se você tem certeza que quer sentir pena de si mesmo onde não tem amigos e nem vida, então tudo bem. Mas vai responder minha pergunta, não seja rude. Estou cansada de ser ignorada por todo mundo como se fosse uma maldita criança.

Valentine dá um passo mais perto de mim, enchendo meu espaço ao pairar sobre mim.

— Sabe, é muito perigoso desafiar um alfa como você está fazendo agora.

— Não sou como os outros. Você não vai me machucar. — Ele estica o braço e envolve minha nuca com a mão, me puxando para ele até nossos corpos estarem alinhados e eu sentir todo ele. Ele me segura por um segundo, respirando fundo e sentindo o cheiro horrível daquele uísque.

— Me diga, por que acha que deveria deixar você se safar depois de me desafiar?

— Porque sou como você — respondo. — Estou quebrada. — Meus olhos descem para seus lábios e voltam para seus olhos, me forçando a focar em qualquer coisa além do desejo de me aproximar e pressionar nossos lábios juntos. Descobrir o gosto dele.

— Ser rejeitada não te faz quebrada — ele contraria com um leve rosnado, mas não me sinto nem um pouco ameaçada.

— Quem disse que era porque sou rejeitada que me faz quebrada?

Ele olha para mim como se conseguisse forçar a verdade do meu passado para fora.

— O que eles fizeram com você, lobinha?

— Você não gostaria de saber? — replico.

— Na verdade, sim, gostaria — ele responde. — Quero saber tudo sobre minha lobinha, para que eu possa destruir qualquer ameaça.

Ele olha para mim por um longo tempo enquanto não respondo, mas sinto como se não pudesse respirar. Jurar me proteger é uma coisa, jurar destruir os monstros do meu passado é totalmente diferente. Estico o braço e pego a garrafa da sua mão e a trago gentilmente para mim.

— Enquanto você continuar bebendo isso, você não tem futuro ou

confiança de mim — falo com finalidade. — Suas desculpas para se destruir são apenas isso, desculpas. Confie em mim, se eu consigo levantar todos os dias apesar do meu passado, você também consegue. Podemos fazer isso juntos.

Sua mão se afasta devagar da minha nuca, passando os longos dedos pelo meu cabelo, e ele pausa. Valentine se aproxima, e inala o cheiro do meu cabelo, respirando meu cheiro e fazendo minhas pernas trêmulas com desejo velado que sei que pode sentir. Ele pode estar perdido. Pode ser tão diferente de qualquer outra pessoa que conheci antes, mas meu corpo reage a ele mesmo assim.

A atração entre nós é inegável. Então seus lábios encontram os meus. Apenas um roçar dos seus lábios, quase como se não tivesse acontecido, mas eu sinto. Um burburinho passa pelo meu corpo e me inclino para frente.

Ele cambaleia para trás depois de alguns segundos, não um cambalear bêbado, quase como se não pudesse acreditar no que acabou de fazer. Encaro por mais tempo que deveria enquanto ele sai da sala.

— Vejo como você está quebrada — ele diz, sem olhar para mim. — E pessoas como nós, não podem apenas seguir em frente.

— Sim, nós podemos. Podemos porque fomos testados, e sobrevivemos — digo para suas costas e ele pausa em sua tentativa de sair. — Não vou desistir de você, mesmo que você desista de si mesmo. Vou te mostrar como seguir em frente. Vou te ajudar.

— Ninguém, nem você, pode me ajudar — ele retruca, e me deixa sozinha na sala vazia, uma garrafa de uísque na mão. Ergo a garrafa e olho para ela por um longo momento antes de arremessá-la para o outro lado da sala, vendo-a se despedaçar contra a parede. Vou me livrar de todo o álcool nessa casa porque estou determinada a consertar Valentine antes que meu passado me alcance.

CAPÍTULO 20

— Você está lenta hoje. — Silas estala a língua, semicerrando os olhos para mim. — Lenta demais. Você estaria morta dez vezes se seu antigo alfa estivesse aqui.

Golpeio com raiva e Silas pula para fora do caminho. Seu cabelo loiro está penteado para trás e é uma distração quando passa a mão por ele.

— Pare de mencionar ele para me irritar.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Te deixar brava me agrada.

— Logo quando pensei que estávamos virando amigos — falo sarcástica.

— Inimigos primeiro — ele responde com um sorriso. — Amizade é uma grande melhoria, e você não chegou lá... ainda.

— Ainda? — pergunto, ao bloquear sua espada com a minha e afastá-la antes de rodopiar para longe do caminho e virar a espada pelas costas para bloquear outro golpe.

Sua risada ecoa pelas paredes.

— Correção: nunca.

Por algum motivo maluco, dou um sorriso e volto a golpear Silas com a espada. Ele se move com naturalidade, usando seus passos rápidos para desviar para o lado e dar um chute, me acertando com força no estômago. Saio voando pela sala sem conseguir parar, mas caio de costas graças ao treinamento do Silas sobre como cair sem quebrar nenhum osso. Arfo por ar ao me virar. Não sinto tanta dor como poderia sentir se tivesse caído de maneira errada.

No segundo que levanto, Silas está atrás de mim e sua mão envolve minha garganta, seu corpo todo pressionado contra minhas costas e seus lábios centímetros da ponta da minha orelha esquerda. Estremeço.

— O que te deixou tão cansada e distraída hoje, Mai? — ele pergunta, suas palavras profundas e sedutoras, sua respiração quente soprando pela lateral do meu pescoço. Um rosnado sai do seu peito, vibrando pelas minhas costas, e não sinto nada além de Silas, como se estivesse atacando minha própria alma.

Respiro fundo antes de responder, esperando que minha voz não revele como estou me sentindo. Deixando Silas saber que estou atraída por ele só daria outra coisa para usar contra mim. Parte de mim se pergunta se está usando essa atração nesse momento.

Ou se só quer ficar tão perto de mim como quero ficar dele.

— Fiquei acordada com Valentine ontem à noite — respondo.

— A noite toda? — ele pergunta, curto. Ele respira fundo, afundando o nariz no meu pescoço.

— Isso importa? — questiono. Ele ri, passando o braço pela minha cintura, sua mão aberta contra minha barriga chapada nua. O top curto que estou usando significa que Silas tem total acesso a minha barriga, e seus dedos sobem, roçando minhas costelas uma por uma. Meu coração está acelerado no peito, me fazendo focar demais em nada além dele. Poderia ter uma guerra acontecendo fora dessa sala e nenhum de nós perceberia, eu acho. Eu não perceberia. Com certeza. Não nesse momento. Não nos seus braços. Não sei o porquê ele está me segurando assim. Algumas vezes nos aproximamos, mas nunca deste jeito.

— Valentine não se aproxima de ninguém. Ele não faz amizades — Silas acaba respondendo, sem mover sua mão na minha pele, seu polegar fazendo pequenos círculos.

— Não — respondo sem fôlego. — Você é amigo dele, ele é seu irmão, então está claro que faz.

— Família é diferente.

— Valentine me contou que pareço com alguém que vocês conheciam. Alguém que vocês tinham paixonites quando crianças.

Quase suspiro quando ele me vira tão rápido, suas mãos envolvendo minhas costas, forçando nossos quadris juntos. Ele anda até minhas costas atingirem a parede, e coloca um joelho entre minhas pernas, me fazendo respirar fundo.

Ele estica o polegar e acaricia meu lábio inferior devagar enquanto nos encaramos. Quem diria que ser empurrada contra a parede por um alfa possessivo seria sedutor fora dos livros de romance que li?

— O que mais ele tem sussurrado para você? — Silas exige, ríspido.

— Eu pareço com ela? — pergunto no lugar, respondendo sua pergunta com outra, algo que eles me ensinaram a fazer porque é só o que fazem. Ele rosna, reconhecendo que estou usando seus próprios truques contra ele.

E eu não paro.

— Temos o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo corpo? O que é?

— Tudo — ele fala seco. — Absolutamente tudo, tirando que você não é ela.

— Está claro que não.

— Você está diferente. Quebrada — ele grunhe. — E eu quero partir cada lobo que te machucou.

Culpo meu coração acelerado, minhas emoções convolutas, bagunçadas e complicadas, quando faço algo estúpido, impulsivo e perigoso. Algo que acho que estava planejando há um bom tempo, mas não assim, não

com sentimentos... não real.

Sabia que seria a única maneira de conseguir o que queria.

Eu o beijo.

Beijo Silas Fall, alfa da matilha Fall Mountain.

Ele pausa, meus lábios pressionados contra os dele, e espero que me afaste. Mas quando não afasta, quando ele aprofunda o beijo, me puxando com força contra seu corpo, abro minha boca e me derreto em seus braços como se fôssemos amantes há muito separados. Não foi isso que planejei. Seus lábios têm gosto de perfeição com toque mentolado. Seu sabor é tudo o que sempre quis, e nossos corpos se encaixam juntos como se fôssemos feitos um para o outro enquanto ele me puxa mais perto com seus braços fortes.

Sinto como se estivesse no oceano e ele é a tempestade forte que vai acabar com tudo na minha vida. Seus lábios devoram os meus, duros e exigentes.

Se ele me pedisse qualquer coisa, sem dúvida alguma, eu daria nesse momento. Demoro mais do que alguns segundos para sair do momento e lembrar o que preciso fazer, o motivo pelo qual o beijei.

A razão pela qual cutuquei o vespeiro. Seus lábios descem pela minha mandíbula e prazer passa pelo meu corpo quando pressionam contra meu pescoço. Forço minha mão trêmula a erguer a espada e a passo na coxa de Silas. Ele pausa contra meu pescoço, percebendo exatamente o que acabei de fazer e porque o beijei.

— Nunca esperei isso de você — murmura contra meu pescoço, e não me movo.

— Você nunca teria me dado chance de ganhar. Quero a habilidade de me transformar — digo sem fôlego.

Ele ergue a cabeça e seus olhos cheios de fúria encontram os meus.

— Não gosto de ser enganado.

— Te enganar era o único jeito que iria ganhar — respondo, erguendo a cabeça, sem voltar atrás mesmo que ele pareça tão furioso que deveria estar assustada. — Tirei sangue. O que significa que ganhei, e você tem que me dar permissão para transformar.

Ele se afasta de mim, um longo rosnado que ecoa pela sala escapando dos seus lábios.

— Você não sabe o que está pedindo!

— Estou pedindo para você manter sua palavra, o que você prometeu que faria!

— Eu nunca disse que não faria — contraria, sem olhar para mim. — Você está brincando com o diabo, Mai, e deveria temer o resultado de conseguir o que quer.

— Estou aprendendo com vocês todos pelos últimos três meses. Os alfas que deveriam ser cruéis e perigosos, mas não para mim. Por quê? O que faz vocês diferentes comigo? — questiono. — Porque você diz que é o diabo, mas tudo o que vi e senti foram anjos.

O que quer que eu tenha dito faz ele virar rápido e se aproximar de mim de maneira tempestuosa. Dessa vez, dou alguns passos para trás, com medo de verdade da raiva queimando em seus olhos.

— Lá fora, agora! — Ragnar grita do outro lado da casa, interrompendo apenas com o tom de voz, garantindo que saibamos que algo está errado.

— Vamos continuar essa conversa uma outra hora — Silas diz, sombrio. — Agora fique aqui, porra.

Ele corre para a porta e fico com a espada apertada na mão ao correr atrás dele, sem dar ouvidos a suas regras. Não sou nem de perto rápida como ele, então ele sai da casa muito antes que eu. Se eles estão em perigo, agora posso lutar e ajudá-los. Não sou completamente inútil, e recuso ficar para trás

enquanto eles correm direto para um possível perigo, perigo causado pelo meu passado. Trouxe um milhão de problemas para eles, e não deram as costas para mim.

Só por isso, apesar de como me sinto por eles, não vou fugir e me esconder. Tomei a decisão há muito tempo que não serei covarde e me esconderei nas sombras. Corro da sala de treinamento, pela casa e até o hall de entrada, assumindo que eles podem estar do lado de fora. Saindo direto pelas portas da frente, vejo Valentine, Ragnar e Silas parados em volta de alguma coisa perto dos portões. Henderson vem para meu lado enquanto corro até eles, olho para ele para ver seus olhos semicerrados, ficando vermelhos lentamente.

— Você deveria voltar — Silas comanda, dando um passo na minha frente.

— Alguém está em perigo? — pergunto, enquanto Henderson para ao lado do Ragnar.

— Deixe-a passar — Ragnar exige. Silas cerra os dentes, mas dá um passo para o lado. Meu coração bate forte no peito enquanto vejo o que eles estão olhando.

Bem na frente dos portões estão cinco lobos mortos. Cada um tem longos cortes no pescoço, sangue escorrendo pela pelagem, e é muito claro que estão mortos Os lobos estão dispostos em uma fila com algum tipo de carta presa em cada um de seus peitos, parecendo idêntica. Silas se move primeiro enquanto vômito sobe pela minha garganta, e tenho que desviar o olhar.

Fico tonta quando escuto ele pegar um dos bilhetes e voltar para nós. Os alfas passam o bilhete entre eles, cada um parecendo mais irritado e furioso que o próximo antes de Valentine apenas segurar.

Estico a mão na frente dele. Preciso ler.

— Mai...

— Me deixe ler, Val — exijo. Ele suspira e coloca a carta na minha mão.

Traga minha parceira rejeitada de volta, ou meu lobo vai matar todas as mulheres da sua matilha. Uma por uma.

O bilhete cai das minhas mãos e meu sangue parece que fica gelado como pedra. Minhas mãos estão tremendo quando percebo que todos devem ser lobos fêmeas. Cinco mulheres mortas em um mundo onde quase nenhuma nasce em comparação com homens, não importa de que matilha são. Agora têm cinco a menos no mundo e o sangue delas está nas minhas mãos. Elas morreram porque estou viva.

— Você não precisa ter medo dele, Mai. Ele não vai chegar até você aqui, e o que isso diz? Não muda nada — Ragnar diz, gentil, mas escuto na sua voz. A raiva pura. Mas eu estar aqui? Minha própria existência vai começar uma guerra... e muitos vão morrer porque não morri naquele maldito mar.

Viro rápida, voltando os olhos para ele. Isso muda tudo.

A espada cai das minhas mãos enquanto corro deles, corro das suas palavras, e como acho que eles vão tentar me dizer que isso não é minha culpa. Não sei para onde estou correndo. Nem olho para trás ao continuar correndo. Não vou muito longe antes de mãos grandes passarem por baixo de mim e me erguerem. Sou jogada por cima de um ombro largo com um grunhido masculino.

— Me solte! — grito, batendo as mãos nas costas de Valentine.

— Não — responde, casual, ao começar a me carregar para a casa. Grito, berro e esperneio, bato as mãos e pernas para tentar escapar enquanto

lágrimas quentes escorrem pelas minhas bochechas. Luto enquanto ele anda devagar, mas não me solta. Ele só me carrega pela casa, sobe as escadas até um dos quartos que nunca entrei, abaixando para passar pela porta.

Valentine me derruba em algo macio e me sento, vendo que estou em um sofá de tecido verde nos pés de uma cama luxuosa de madeira. Valentine se senta ao meu lado, bloqueando o caminho da porta enquanto limpo algumas lágrimas.

— Bem-vinda ao meu quarto. Já aviso, você é a primeira garota que trago aqui em um tempo longo para caralho — Valentine diz, se inclinando para trás e esticando os braços. — Desculpa pela bagunça.

Honestamente, o quarto dele é mais limpo do que eu esperava ao passar os olhos por ele. Tem pilhas de roupas dobradas com cuidado em uma cômoda, e tem um canto cheio do que parece ser armas de madeira. Os lençóis de seda azul-escuros estão arrumados, e apesar de ter umas vinte garrafas vazias no chão perto da mesa de cabeceira, ainda não é o que esperava do seu quarto.

— Gostei — digo, dando de ombros. — Mas preciso fazer as malas e ir embora. Ninguém mais pode morrer por minha culpa.

Valentine olha para mim, seus olhos cheios de uma sabedoria que não entendo, e não me movo.

— Não é sua culpa.

— Preciso voltar e deixar ele me matar como deveria ter feito desde o começo. Aí ninguém mais vai morrer. Não posso deixar que morram por mim. Não é culpa delas que estou aqui — sussurro, sentindo mais lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas. — É a sua matilha que estou arruinando. Nenhuma das vidas delas vale menos que a minha.

— Sua vida vale mais para nós — ele me diz, suave. — Você é nossa matilha, e vamos te proteger. Nos deixe fazer essa escolha.

— A matilha vai me odiar se não for embora.

— Não, não vai. Ninguém tem nenhum amor pela matilha Ravensword aqui, e ninguém quer que o alfa consiga o que quer. Vamos vingar as mulheres. Tenha certeza disso — ele promete. — Ir embora só fará ele vencer. Não desista da sua vida para deixá-lo vencer, Mai.

Engulo e acabo concordando.

Ele se aproxima, erguendo meu queixo com o dedo.

— Você disse a noite passada que não iria desistir de mim. Decidi que não vou desistir de você. Confie em mim. Confie nos seus alfas.

— Quando você ficou tão sábio, ou você sempre foi assim? — replico.

Ele sorri, afastando a mão.

— Não... só sei como aceitar o que precisa ser feito para o bem maior. Matei muitos lobos sob o comando do antigo alfa para assumir essa matilha com meus irmãos. Nós sabemos que morte é algo próximo a nossas almas na posição que a vida nos deu.

— Desculpe por ter surtado — admito, suspirando.

— Contanto que entenda que não é sua culpa e não tentar fugir, está perdoada por chutar meu peito — ele rebate, e meus lábios contraem.

— Não bebi nada desde ontem à noite — Valentine afirma. — E não vou. Parei... e isso é culpa sua. Você me fez perceber a noite passada que sou um babaca e preciso criar colhões. A bebida não vai consertar meu passado e me fazer esquecer. Só me faz perder cada momento que posso ter.

— Estou orgulhosa de você — sussurro, sentindo lágrimas queimarem meus olhos.

— Ter você aqui muda as coisas — ele admite. — E pela primeira vez essa manhã, não senti vontade de pegar a garrafa.

— Talvez possamos encontrar outras maneiras de nos curar — sugiro

com gentileza.

— Gostaria disso — responde, suave.

Ele deixa eu me inclinar e descansar a cabeça em seu ombro, apenas precisando de um pouco de conforto que nunca parece que tive de ninguém antes. Não nos movemos por um longo tempo, mesmo depois de ele passar o braço em volta dos meus ombros.

— A propósito, você não é um babaca.

Ele ri.

— Eu sou, Mai, mas nunca com você. Nunca mais.

CAPÍTULO 21

— Nunca consigo acertar as linhas das árvores — digo, olhando para meu desenho. Henderson olha por cima do meu ombro, seu braço roçando contra o meu e me fazendo estremecer. Não de uma forma ruim. O funeral para as cinco lobas está acontecendo agora, e Henderson sugeriu me levar para longe da matilha hoje, para a floresta, no caso de o funeral ser outra chance para alguém me atacar. Cinco betas vagam pela floresta perto de nós, e Margarida está estacionada por perto, no caso de precisarmos escapar. Cinco dias atrás, horas depois das cinco lobas terem sido encontradas mortas, movemos todas as mulheres e crianças para a montanha por proteção, fazendo dela uma fortaleza. Apenas machos membros da matilha podem entrar e sair da montanha por enquanto, até os alfas descobrirem quem os traiu na matilha. Alguém deve ter traído Não tem outra maneira das lobas terem sido mortas e deslocadas tão perto da casa sem um beta ver.

O pensamento me faz estremecer. Desde aquele dia, um dos alfas dorme do lado de fora do meu quarto toda a noite e me segue pela casa. Apesar do Silas estar perto de mim, ele não discute minha permissão para me transformar ou diz uma palavra durante o treinamento. Ao passo que eu não consigo tirar aquele beijo da cabeça. Nem por um segundo. Sinto seu gosto toda vez que fecho os olhos.

O ombro de Henderson roça contra o meu enquanto ele olha para meu bloco de desenho. Ele estica a mão para o bloco e o passo. Observo ele consertar o desenho da minha árvore do lado, fazendo-a muito mais larga do que eu faria. Quando termina e me devolve o bloco, percebo que a fez absolutamente perfeita.

Realista. Nunca tive chance.

— Onde você aprendeu a desenhar assim? — questiono com uma risada. — Você sabe, nunca vi você desenhar nada ruim no tempo inteiro que estamos fazendo isso.

Eu me inclino para trás, minhas costas contra uma das duas árvores. Henderson me contou sobre esse lugar na floresta onde tem duas árvores unidas, conhecido como um lugar onde o amor começa. Não sei por que ele gosta de me trazer aqui... ou tento não pensar muito sobre nós vindo aqui para desenhar. Olho para o tronco retorcido, como retorce até o topo. Como dois amantes tão envolvidos um com o outro que não podem ver o mundo ao seu redor.

A visão da floresta daqui é linda. Nada além de floresta fechada, e estamos em uma pequena colina, então realmente é perfeito para desenhar.

— Só sou bom em desenhos. Você aprende com o tempo — ele diz. — Estou surpreso que você não gosta de nenhum tipo de música. Sempre escuto você cantando músicas que nunca ouvi antes no chuveiro.

— Nunca toquei nada antes — explico. — O orfanato não tinha coisas caras assim. Tínhamos alguns na escola, mas é claro que não tinha permissão de usá-los.

Ele balança a cabeça.

— Todo jovem lobo deveria ter um instrumento. Lobos têm uma conexão profunda com o som. Ouvimos em níveis muito mais profundos do que qualquer outra criatura.

— Ainda estou pensando em como você ouviu meu cantarolar terrível — digo com outra risada.

— Não é tão ruim — ele se engasga, e dou gargalhadas.

— Você é um mentiroso total. É horrível — digo, rindo tanto que lágrimas escorrem dos meus olhos.

— Temos alguns instrumentos guardados — Henderson finalmente diz, depois que paramos de rir. — Posso procurar por eles. Qual você gostaria de tentar?

— Talvez um violino — digo, pensando no violino na escola. — Não sei, parece um instrumento tão gracioso.

Seus olhos piscam vermelhos por um segundo, me confundindo, e então ele fica de pé em um pulo, parando na minha frente.

— O que é? — sussurro, levantando e deixando o bloco cair no chão.

Henderson não responde por um longo segundo, e então relaxa, se empertigando e olhando para mim por cima do ombro.

— Apenas Ragnar. Ele deve se sentir deixado de lado.

Dou risada, olhando pela floresta quando vejo o lobo do Ragnar correndo rápido na nossa direção. Ele para e se transforma na hora.

Desvio o olhar de toda aquela pele dourada.

— Temos um problema e precisamos ir para o farol — Ragnar diz, e escuto ele se aproximar.

— Mais um rejeitado? — Henderson pergunta.

— Não, mas um lobo ferido de Ravensword. Ele acordou e chamou pela Mai — Ragnar nos fala.

— Então eu vou — digo, colocando as mãos nos quadris, mas sem olhar diretamente para um Ragnar muito nu. Cada parte minha quer dar uma espiada.

— Poderia ser perigoso. O alfa de Ravensword pode ter mandado ele aqui para te matar — Henderson me corta. — Então não, você não vai.

— Vou, com ou sem você. Você deve saber a esse ponto que sou teimosa o bastante para encontrar meu próprio caminho até o farol — retruco, encarando-o.

— Tudo bem — Henderson suspira.

Ragnar se transforma outra vez enquanto Henderson e eu vamos até Margarida, entramos e saímos rápido pela floresta. Lobos beta se juntam a Ragnar, correndo não muito atrás da Margarida com ele, e olho para eles. Como um deles poderia trair os alfas e me querer morta?

Dirigimos rápido pela floresta enquanto me pergunto quem está aqui de Ravensword, quem poderia ter dito meu nome. Não posso pensar em ninguém. Os alfas podem estar certos. O alfa de Ravensword pode ter mandado essa pessoa para me matar. Ou poderia ser um lobo rejeitado. Possivelmente.

Depois de um bom tempo, dirigimos pela praia, direto para o farol para onde fui primeiro e conheci os alfas. O lugar onde eles me salvaram e me juraram para o deus proibido. A curandeira Saffron está esperando para fora da porta, os braços cruzados sobre o casaco branco quando nos aproximamos. Ela olha direto para mim com um sorriso caloroso.

— Olá, querida. Como você está? — ela pergunta. Ao chegar mais perto, me envolve com os braços antes que possa responder. — É muito bom ver você parecendo bem melhor.

— Sinto muito voltar sob circunstâncias desagradáveis — digo, terminando o abraço.

— Eu também — responde, antes de abaixar a cabeça para Henderson. Escuto Ragnar se transformar por perto e possivelmente se vestindo.

— Quem é? — Henderson pergunta.

— Eu não sei. Ele ainda não acordou de novo — Saffron responde. — Mas quando acordou, chamou pela Mairin. Ele parecia desesperado.

Franzo a testa e dou um passo na direção da porta. Henderson passa o um braço pela minha cintura e me puxa para longe da porta.

— Pode não ser seguro. Eu entro primeiro — avisa, passando na

minha frente, deslizando a mão lentamente da minha cintura.

Ragnar sobe os degraus, em jeans e nada mais Engulo em seco com a visão de todos aqueles músculos.

— Você nos pediu para vir. Deixamos, mas você deixa a gente entrar primeiro.

Saffron interrompe.

— Sinto muito. Não tive a intenção de interromper, alfas. Mas a verdade é, esse homem está fraco demais e machucado demais para fazer muito. Na verdade, acho que está além do ponto de ser salvo.

— Mas você me salvou da beira da morte? — pergunto para Henderson. — Como esse homem é diferente? Por que o deus proibido não ajudaria?

— Acho que ele foi envenenado com beladona — ela responde com cuidado.

Olho para os alfas e os encontro com os olhos virados para baixo, franzo o nariz, me perguntando o que diabos é beladona.

Diachos, quem é essa pessoa? Passo pelo Henderson com um empurrão antes que possa me parar e escuto um rosnado baixo nas minhas costas ao entrar na sala. Pauso, meu coração afundando no peito quando vejo Daniel deitado no sofá onde um dia me deitei. A pele dele está tão pálida, um olho está tão inchado que fechou, e ele está pavoroso.

Ainda é bom vê-lo, mas não assim.

Deus, não assim. Corro para o outro lado da sala e pego sua mão com a minha, sentindo como ele está frio e úmido ao toque.

— Daniel, estou aqui — sussurro, minha voz cortando. Limpo a garganta e viro para Saffron e os alfas quando preenchem o espaço. — O que é beladona?

— Quem é esse homem para você? — Henderson exige ao invés de

responder, seus olhos focados onde estou segurando a mão de Daniel.

— Um velho amigo. Não um amante — digo, para ele superar as coisas idiotas possessivas que consigo sentir saindo dele e do seu lobo em dobro.

Ragnar dá um passo à frente.

— Beladona é a única coisa no mundo todo para qual não existe cura. Eles fazem de uma erva crescida de lobos mortos. Não é natural e os deuses não podem ajudar. Sinto muito.

— Não — sussurro, um soluço saindo dos meus lábios.

— Te mata rapidamente, em alguns dias. Já vi isso uma vez, e acredito que ele estava no mar há algum tempo antes de acabar na praia. Ele tem vários ferimentos, e seu batimento cardíaco está tão lento — Saffron me diz com carinho, vindo para meu lado e colocando uma mão no meu ombro enquanto soluço em silêncio. — Podemos apenas amenizar sua dor. Nada mais.

Lágrimas escorrem do meu rosto, caindo no chão polido sob meus pés.

— Então amenize sua dor para que ele possa ir para casa — falo para ela e me levanto em pés instáveis, virando para meus alfas. — Vocês me ajudariam a levá-lo para sua casa?

— Nossa casa é sua e seu amigo é bem-vindo — Henderson responde, acenando com a cabeça. — Sinto muito, Mai.

— Eu também... ele é um bom homem — replico. — Uma das únicas três pessoas na minha antiga matilha que me defendia e tratava como uma pessoa de verdade... e não posso salvá-lo.

Ragnar e Henderson vem para meu lado, sem palavras dando o apoio que preciso para o que vai acontecer em seguida. Alfa Sylvester vai pagar por tudo o que fez.

Vou me tornar seu maior arrependimento.

CAPÍTULO 22

“Mai!” alguém grita, alguém que conheço bem. Dou uma risadinha e escondo atrás de uma parede, pressionando as costas na pedra fria. Tiro o cabelo loiro dos olhos e os fecho, alongando meus sentidos. Ele está se aproximando.

Logo antes de me alcançar, pulo e ele me pega, rodopiando até estarmos tontos e rindo ao cairmos na grama.

“Vocês sempre serão meus melhores amigo. Vocês quatro. Não importa para onde a gente fuja, iremos nos encontrar.”

Acordo com um pulo e descubro que ainda estou sentada na cadeira com minhas costas curvadas sobre a cama onde Daniel está dormindo no meio. Ergo minha cabeça dos braços, lutando para lembrar o que estava sonhando. Lembro vagamente de um garoto com cabelo loiro antes de o sonho escorregar da mente como a maioria deles faz. Exceto por uma única frase que se repete na minha cabeça várias e várias vezes como um disco arranhado:

"Não importa para onde a gente fuja, iremos nos encontrar."

Balanço a cabeça, limpo a garganta e me inclino para colocar a mão na testa de Daniel, esperando que alguma coisa tenha mudado.

Mas claro que nada mudou. Ele ainda está frio como pedra ao toque e inconsciente.

Esfregando meus olhos cansados, me levanto da cadeira acolchoada. Ando pelo quarto, sem direção em mente além de alongar as pernas e escuto a porta ranger atrás de mim. Olho para encontrar Trey espiando.

— Seu amigo acordou? — pergunta.

Balanço a cabeça e descanso os braços perto do perto, olhando para Daniel.

— Ainda não.

— Posso entrar? — questiona.

— Claro — falo gentilmente. — Quando Daniel acordar, quero te apresentar a ele. Contar sobre o garoto legal que pode correr mais rápido do que qualquer um que já vi e come frutas demais.

Ele dá um largo sorriso ao entrar no quarto e me dá um copo de suco de laranja.

— Trouxe seu suco de laranja favorito. Pensei que você fosse gostar depois de acordar.

Aceito a bebida com um olhar suave e passo o braço pelos seus ombros. Ele descansa contra mim.

— Obrigada, amigo.

— Sinto muito que você está triste — responde com uma voz baixa. — Não quero você chateada.

— É muito gentil da sua parte se preocupar tanto comigo — respondo, levando-o até a porta. — Mas estar triste faz parte da vida tanto quanto ser feliz. Você não pode ter um sem o outro.

— Queria que você pudesse — retruca, enquanto dou um longo gole no suco. Ele dá um tchauzinho antes de sair do quarto, apesar de suspeitar que não vá longe. Depois de terminar o suco, percebo que estava com mais sede do que pensava, e coloco o copo vazio na cômoda.

Devagar, olho pela porta, encontrando Henderson sentado com Ragnar no sofá do lado de fora, o que eles arrastaram para cima para se sentar ou dormir nele. Eles estão conversando baixo, e viram a cabeça na minha direção.

— Alguma mudança? — Henderson pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não.

— Alguma coisa que possamos ajudar? — Ragnar pergunta, se inclinando e segurando minha mão na dele. Aperto sua mão.

— Você acha que tem alguma forma de fazermos ele acordar? Só preciso falar com ele.

Eles trocam um olhar.

— Nós sabemos o que Saffron disse. Sabemos que ele pode não acordar mais.

— Não posso aceitar que ele pode morrer antes que consiga falar com ele. Nunca saber o porquê ele está aqui, e o que aconteceu de volta na matilha Ravensword — digo, puxando minha mão da de Ragnar. Sei que não é culpa dele, mas tudo parece estar contra mim agora. — Nunca vou poder me despedir se ele não acordar. Essa é a segunda vez.

Meu coração dói com o pensamento, e esfrego a mão contra o peito como se pudesse impedir a dor de tomar conta do meu coração.

— Uma perda nunca é fácil, mas você não está sozinha — Henderson responde. — Fique com ele nas suas última horas, Mai.

Meus pés parecem pesados com cada passo que dou de volta para Daniel, desejando que ele estivesse melhor, desejando um milagre que nunca vai acontecer.

Olho para meu melhor amigo, outra criança órfã como eu. Um milhão de emoções passam por mim. Cresci com esse homem. Todas as partes minhas lembram a última vez que o vi, enquanto ele encontrava sua parceira na cerimônia de acasalamento, e como parecia chocado, como se fosse ontem.

Ainda lembro dos seus gritos e rosnados enquanto tentava chegar até

mim quando descobriu com quem eu havia sido unida na cerimônia. Só não tenho ideia do que aconteceu depois. Tudo o que sei é que ele me apoiou, me defendeu, e eu não posso salvá-lo como ele tentou me salvar. Seguro a mão dele outra vez.

— Daniel, pode me ouvir? — pergunto, balançando seu ombro com a outra mão. Odeio como ele parece fraco. Odeio que não tem muito que possa fazer sobre isso.

Seus olhos piscam por um momento e me levanto num pulo, inclinando sobre ele enquanto abre os olhos devagar, seus grandes olhos me encarando. Choque e alegria me fazem sorrir e tiro algumas mechas de seu cabelo escuro da sua testa e olhos.

— É você mesmo, Irin? — ele pergunta, atordoado.

— Sim — digo, um turbilhão de emoções saindo na minha voz. Felicidade que ele está acordado, tristeza que não muda o resultado. — Sou eu. Você está bem, Daniel. Você está seguro. Prometo que estou segura.

Ele me dá um sorriso fraco enquanto o ajudo a se reclinar com a ajuda de travesseiros.

— Você precisa de alguma coisa? Uma bebida?

Ele balança a cabeça suavemente.

— Não, é apenas bom ver você — ele diz. — Parece que faz muito mais tempo do que passou.

Pauso, sem saber o que dizer. Preciso dizer para ele que está morrendo. Mas como você conta isso para alguém?

— Aposto que você está se perguntando o que aconteceu — ele completa por mim quando não respondo, e fico toda sem palavras. Esperei ele acordar por tanto tempo e não tenho ideia do que dizer.

Ele está tão pálido, tão fraco quando aperta forte minha mão.

— Depois do que aconteceu com você na cerimônia, o alfa me

trancou na casa dele com minha parceira que gritou o tempo inteiro. O alfa logo a matou quando tentou escapar, e isso foi minha culpa. Ao invés de ficar feliz com a união, eu apenas vi vermelho e tentei te salvar. Não foi certo ele tê-la matado — ele admite.

— Sinto muito — sussurro.

— Como você está viva? — questiona. — Todo mundo acha que o alfa te matou.

— Você poderia dizer que o mar me salvou quando ele me jogou nele. Seu lobo não deixou ele me matar — explico.

Ele concorda.

— Você sempre foi especial.

— Não, não sou. Apenas tive sorte — respondo. — Como você chegou aqui? — pergunto.

— Mike me ajudou a escapar da casa do alfa — ele conta. — Lobo velho corajoso que ele é.

Isso é dizer pouco.

— Não sei o que aconteceu com ele depois que fugi — ele avisa, e engulo em seco. Duvido que ele esteja vivo. — Mas Mike veio para a casa para ver o alfa, para exigir que ele devolvesse Jesper para o orfanato.

Meu coração bate forte no meu peito.

— Por que o alfa estaria com Jesper?

— As coisas mudaram, e ele acolheu Jesper como pupilo... sem dúvida para garantir que pudessem usá-lo contra você se voltasse.

— O que mais mudou? — pergunto.

— A matilha está em confinamento, e ninguém sai das suas casas. Ele está construindo um exército, Irin. — Ele segura minha mão com mais força. — E você também precisa de um. Não deixe aquele bastardo te tocar outra vez.

— Não vou — falo, firme. — Ele vai pagar por tudo, Daniel. Prometo.

— Quando estava escapando da casa, ele me acertou com uma flecha que tirei da perna e estava coberta com uma coisa azul. Não sei o que era, mas podia sentir o veneno entrando nos meus ossos, no meu lobo — ele começa, me olhando nos olhos. — Posso sentir o que está fazendo.

— Eu...

— Sempre pude te ler como um livro, Irin — interrompe. — Vejo a morte vindo em seus olhos. Você é tão fácil de ler.

— Não posso te perder.

— Você pode, Irin, porque você sobreviveu até aqui. Me conte tudo — ele pede.

Então dou um resumo de tudo de importante que aconteceu desde que cheguei até agora.

— Ele não vai parar — ele diz suavemente. — E você precisa salvar Jesper. Ele é muito novo, muito inocente para ver quem o alfa realmente é. Jesper não entende quais as consequências de ser um pupilo do alfa. Não vai ser nada bom para ele.

— Não vou deixar Jesper com ele. Vou encontrar um jeito — respondo.

Ele se move um pouco, seu rosto se contorcendo de dor.

— Morrer não é tão fácil quanto pensei que seria.

— Não quero que você morra — sussurro por um soluço que termina comigo irrompendo em lágrimas.

— Irin, olhe para mim — Daniel exige, e ergo os olhos. — Você é minha melhor amiga. Minha melhor amiga. Sou apaixonado por você desde que éramos crianças. Eu nunca tive coragem o bastante para te contar.

— Daniel — sussurro em choque.

Ele me dá um sorriso.

— Eu sabia sem dúvida que seus sentimentos por mim não eram os mesmos, e não tem problema. Não tem problema, Irin. Fico feliz com os momentos que tive com você.

Afasto sua admissão de sentimentos para o fundo da cabeça, sabendo que nunca senti o mesmo e qualquer coisa que diga sobre isso agora, ele não precisa ouvir.

— Obrigada por sempre me defender, mesmo quando isso acabava com você espancado. Agora quase entendo o porquê.

— Te salvei porque era a coisa certa a fazer — ele diz. — Mesmo que doesse... era o certo. Meus sentimentos apenas significam que estava mais perto para fazer a coisa certa.

— Queria poder te salvar — quase grito.

— Não fique triste — ele diz gentilmente. — Apenas fique comigo. Vamos simplesmente ser nós até o final e não solte.

E é o que faço. Fico com ele, segurando sua mão na minha.

Fico com ele enquanto pega no sono, fico com ele quando sua respiração fica mais lenta, e escuto seu coração desacelerar cada vez mais. Fico com ele quando fica parado como a morte, e sinto toda a sua alma deixar seu corpo.

E ele se foi. Morto.

Solto sua mão na cama e me inclino sobre ele, usando os dedos para fechar seus olhos.

— Boa noite, Daniel.

Raiva como nunca senti antes me encobre enquanto ando entorpecida e grito. Eu grito, segurando a luminária da mesa de cabeceira e atirando pelo quarto. Pego tudo que posso tocar, atiro e grito em frustração e dor. Rosnados, quase parecendo com uivos, saem dos meus lábios enquanto

irrompo em lágrimas e esmurro a parede. Acerto a parede, várias e várias vezes, soltando tudo.

— Pare, você está sangrando! — Escuto alguém gritando, mas estou muito perdida a raiva, perdida demais nas emoções passando por mim. Minha mente não pode focar em nada, e posso sentir como se não pudesse respirar sem pensar demais. Preciso de ar. Minha alma precisa sair dessa casa. Correndo do quarto, vou direto para fora da casa e para a floresta atrás. Minhas pernas me propelem a correr e correr, sem saber aonde estou indo até colidir com uma árvore e cair de joelhos. Choro em soluços enormes que balançam meu corpo todo, meus gritos ecoando pelas árvores.

Escuto quando eles me cercam. Quatro lobos alfas enormes aqui para me confortar. Para me proteger. Para me lembrar que nunca estou sozinha.

— Não importa onde a gente corra, iremos nos encontrar — sussurro e cada um deles uiva para o céu. Posso ter perdido meu melhor amigo, mas não estou sozinha. Vamos vingá-lo.

~*~

Funerais nunca foram algo que frequentei na minha antiga matilha, principalmente por não conhecer ninguém bem o bastante para perder. Não era próxima de ninguém para ir a um funeral composto de família e amigos, mas vi alguns funerais de longe. Também desenhei alguns. E não eram nada como os funerais da matilha Fall Mountain.

Esse funeral é sob o luar no meio da noite, feixes sólidos de luz da lua brilhando pelos espaços nas árvores sobre nós. Daniel está deitado em uma plataforma de madeira com dúzias de pedras da noite brilhando em pilhas ao seu redor, todas as que encontrei na praia hoje.

Daniel não merece apenas uma pedra da noite. Ele sempre mereceu

dezenas. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto fico parada na frente da plataforma com meus alfas ao meu lado. Trey e Phim estão próximos, apesar de nenhum deles além de mim conhecer Daniel, sinto o remorso deles pela sua morte.

Eles confiam em mim o bastante para acreditar quando digo que ele era um bom homem. Um bom lobo.

Respirando fundo, sinto o cheiro da floresta úmida e dos alfas atrás de mim. Sinto o vento gélido soprando meus cabelos pelos ombros, mas foco no Daniel. Preciso dizer algo a seu respeito.

Limpo a garganta.

— Daniel Ravensword era um bom homem, e veio de bons lobos que todos morreram, deixando-o no orfanato onde nos conhecemos. No primeiro dia que nos conhecemos, ele deu um murro em um lobo que me chutou por diversão, e assim se tornou meu protetor. Um protetor que eu precisava. Ele era um lobo poderoso, e morreu de uma forma que nenhum lobo poderoso deveria morrer — digo, minha voz ecoando pelas árvores.

— Eu teria morrido dez vezes se não fosse por Daniel, e desejo que todos que me tornei próxima aqui pudessem ter conhecido ele, mas sei que tenho sorte de ter as memórias de Daniel que vou prezar — sussurro. Eu não digo o nome de Jesper em voz alta, mas eu penso, penso nele e como vai ficar chateado quando descobrir que Daniel está morto.

Ragnar dá um passo à frente.

— Graças a Daniel, nos preparamos para o ataque de Ravensword e uma guerra que vai custar muitas vidas. Daniel salvou muitos, e espero que ele esteja nos ouvindo enquanto o agradeço. Obrigado por salvar nossa Mai, e por nos avisar.

— Obrigado, Daniel — Henderson concorda. Silas e Valentine repetem a frase. O poder nas suas vozes me faz estremecer.

— Queria ter salvado ele dessa luta, mas não pude. Daniel, sentirei muito sua falta e nunca esquecerei — digo, terminando com um soluço.

Phim me surpreende ao parar do meu outro lado.

— Que o deus proibido mantenha a alma de Daniel acalentada e o receba na vida após morte.

— Obrigada — falo para ela. Ela acena com a cabeça. Sabendo que é a hora, pego a grande tocha de fogo do chão e vou até ele. Fico parada em silêncio por um longo tempo antes de soltar a tocha, sentindo meu coração ir junto. A plataforma se incendeia rápido, e dou um passo para trás, deixando-nos todos em silêncio por um longo tempo enquanto assistimos. Ragnar gentilmente coloca a mão nas minhas costas depois de um tempo.

— Partiu, mas não será esquecido. Nossos lobos correrão juntos na vida pós- morte um dia.

Olho para o fogo, me sentindo vazia e partida por dentro.

— Quantas pessoas que me importo tem que morrer antes que eu seja livre?

Ninguém me responde porque a resposta é algo que nenhum deles quer dizer.

A morte sempre vai me perseguir. É o que acontece desde que a deusa da lua cometeu um erro.

CAPÍTULO 23

— Houve outro ataque? — pergunto quando Trey corre para o sótão, com olhos arregalados e quase parecendo um pouco assustado.

— Não te encontrei no seu quarto. Você sumiu! — ele diz, sorrindo. — E não, não teve outro ataque.

— Você me preocupou por um segundo — respondo com um sorriso suave, voltando a dobrar a camisa na minha frente, querendo ficar sozinha. Não saí do meu quarto desde que Daniel morreu, e ainda o vejo ali na minha cama. Sinto como se eu for embora, então ele realmente iria. Mesmo que saiba no fundo do meu coração e alma que ele se foi.

Essa manhã, duas semanas depois da sua morte, me resignei a deixar o quarto por mais do que uma ida rápida ao banheiro ou a cozinha. Não me choquei ao encontrar o sótão uma bagunça de roupas como a primeira vez que subi aqui. É trabalho fácil e não me deixa pensar muito.

— Desculpe, mas acho que o mundo está acabando, porque Valentine quer que você corte o cabelo dele.

Tusso com uma risada surpresa. A primeira vez que rio há algum tempo.

— O quê? — pergunto, ponderando se estou ouvindo coisas. O homem com cabelo desgrenhado e longo quer um corte? Pensei que o inferno fosse congelar antes que ele deixasse me aproximar com uma tesoura.

— Sim. — Trey coça a cabeça. — Valentine pediu que viesse te chamar para cortar o cabelo dele.

— Ele quer que eu corte o cabelo dele? — questiono outra vez para garantir que ouvi certo.

Ele concorda mais uma vez com um grande sorriso.

— Eu nunca o vi de cabelo cortado. Ele nunca cortou desde que o conheço. E isso é tipo, você sabe, muitos anos.

— Me pergunto como ele é por baixo do cabelo — dou uma risadinha. Olho pelo sótão, sabendo que as roupas não vão a lugar nenhum. — Bom, acho que posso ir cortar o cabelo dele. Fiz isso algumas vezes antes.

— Vou pegar a tesoura! — Trey grita, dando soquinhos no ar e correndo para a porta. Ele grita de volta ao passar por ela. — Valentine está no quarto dele!

Eu sei que isso deve ser uma tática para me tirar do quarto, para me animar, mas ainda dou um sorriso. Por pura curiosidade, desço as escadas e vou para o quarto de Valentine. Bato duas vezes antes de ele falar para entrar.

Coloco a mão na maçaneta, entro no quarto e congelo quando o vejo nu sentado no chão na frente da cama. Ele não está usando nada além de uma toalha em volta da sua cintura estreita, suas coxas grossas separadas.

Engulo em seco.

Ele olha para mim, seu cabelo pingando água e sua barba sumiu. No lugar da barba desgrenhada que esconde seu rosto não tem nada além de pele macia, mostrando como ele é totalmente lindo. Tudo das suas maçãs do rosto altas para sua mandíbula definida e lábios carnudos o fazem ser absolutamente deslumbrante. Tão deslumbrante que não tenho palavras.

Ele vira a cabeça para o lado e respira fundo e seus olhos inflamam com o cheiro que sente. Sei que está sentindo exatamente como me sinto sobre ele.

Limpo a garganta, esperando que ele não chame atenção a isso.

— Não sou boa com cortes, mas posso tentar. O rosto barbado combina com você.

Ele sorri, e é um sorriso diabólico.

— Gostaria disso. Venha e sente atrás de mim — ele instrui. Minhas pernas bambeiam ao andar até a cama e se sentar atrás dele enquanto ele se inclina para frente. Valentine pega meus tornozelos com as mãos, abre minhas pernas e se inclina para trás. O movimento dominador e possessivo faz tremores passarem por mim. Quando se acomoda, seus ombros largos pressionando contra a parte de dentro das minhas coxas, tão perto do meu núcleo.

E é tudo o que posso pensar quando minha boca seca.

Valentine inclina a cabeça para trás, seus olhos encontrando os meus. Posso sentir a tensão crescendo no ar enquanto nos olhamos, até Trey entrar correndo no quarto, banindo meus pensamentos e me dando a tesoura. Trey se senta no sofá enquanto divido o cabelo ensopado e macio de Val com o pente que encontro na cama. Valentine quase parece afundar no meu toque e tento não reagir ao quanto gosto de tocá-lo. Passar minhas mãos pelo seu cabelo, roçando minhas coxas nos seus ombros. Eu nunca estive perto assim dele.

Não sabia que um corte de cabelo poderia ser tão sensual. Mas meu deus, é.

Continuo a trabalhar no seu cabelo, e ele fica imóvel o tempo todo. Trey me observa, de certo se perguntando se vou fazer uma grande bagunça no cabelo do Valentine, também curioso sobre sua aparência quando eu terminar.

Acho que estou esculpindo o cabelo de um deus — em teoria ele parece um deus – e revelar mais dele não é nada além de perigoso.

— Você pode cortar meu cabelo da próxima vez? — Trey pergunta, quando estou quase terminando com o cabelo do Val.

— Quem disse que vou dividi-la, garoto? — Valentine comenta, uma onda de possessão vibrando na sua voz.

Tenho que piscar algumas vezes para me fazer focar em terminar seu cabelo enquanto Trey ri e corre para a porta.

— Vou contar para eles! — Trey anuncia, quando está fora do alcance de Valentine.

— Volte aqui, garoto! — Valentine grita, me fazendo rir. — Dedo duro — reclama, quando está claro que ele não vai voltar. Coloco minha mão no seu ombro por um segundo, e ele faz um barulho baixo no peito, quase me fazendo cortar o cabelo de um jeito muito estranho.

— Como você está? — Valentine pergunta. — Ouvi dizer que conversar sobre isso ajuda.

— Não posso ficar triste para sempre — respondo.

— Para o que vale, ele parecia um bom homem pelas suas histórias. Ele não iria querer que você ficasse triste — replica.

— Eu sei disso, mas algumas vezes é mais fácil se esconder na cama e fingir que o mundo lá fora não está acontecendo.

— Eu sei como é, mas confie em mim, acontece mesmo assim, e só piora quanto mais tempo você passa naquela cama. Às vezes é melhor se levantar, tomar um banho e seguir em frente com o dia — ele afirma. Olho pelo quarto pela primeira vez desde que entrei, percebendo que não tem nenhuma garrafa a visita e está ainda mais limpo do que antes. Na verdade, Valentine não cheira mais a uísque... não, ele cheira a floresta, terroso e úmido.

Viciante.

— Desde quando você se tornou tão sábio em autoajuda? — questiono.

— Desde que estou aprendendo a ser melhor para alguém importante — responde, fazendo meu coração palpitar.

— Pronto — digo, limpando mechas de cabelo dos seus ombros

largos. Ele levanta, segurando firme a toalha, mas ainda me fazendo ficar cara a cara com sua cintura fina e abdômen. Tento não contar as linhas no seu abdômen plano e definido. Todas as oito delas. Não pensar em quanto quero beijar cada uma delas e ver para onde aquele V desaparece.

Esses alfas são muito atraentes. Eles atraem meu coração, alma e corpo só respirando.

— Puta merda, ele cortou mesmo! — Henderson bate palmas, entrando no quarto, seguido por Ragnar.

Ragnar apenas dá risada. Silas entra por último, seguido pelo Trey.

Todos parecem chocados.

— Bom ver seu rosto outra vez, irmão.

— Não me agradeça, agradeça a beleza ali. — Ele aponta para mim com o polegar.

— Podemos te agradecer com jantar e um filme? — Ragnar pergunta.

Olho para Silas, que me encara.

— Vou começar a cozinhar.

— Eu não disse sim! — grito para suas costas enquanto ele se afasta.

— Seus olhos disseram — ele grita de volta. Alfa arrogante.

— O que você acha? — Henderson pergunta gentilmente.

Levanto, limpando cabelo das minhas pernas.

— Jantar soa bem.

Está na hora de sair do meu quarto. Daniel nunca será esquecido, mas Valentine está certo... ele não iria querer que chorasse por ele para sempre. Preciso aproveitar a vida que tenho... com meus alfas pelo tempo que os tiver.

CAPÍTULO 24

— Não se mova — um homem avisa, sombrio, parado perto das minhas costas. O prato escorrega da minha mão para a pia, e quero me chutar por não ouvir ninguém entrar. Fico imóvel quando sinto algo afiado pressionado nas minhas costas e uma mão tira o cabelo do meu ombro. Olho pela cozinha vazia, desejando que tivesse acordado Ragnar antes de descer para tomar um copo de água no meio da noite. Eu não deveria estar sozinha.

E quem quer que seja não deveria ter entrado na casa sem ser sentido. Sua voz parece familiar, mas não consigo reconhecer.

— Quem é você? — pergunto com um suspiro quando ele pressiona uma mão no meio das minhas costas e me empurra para frente. Uma parte profunda minha sabe que esse lobo não é da nossa matilha, não tem o cheiro certo, e isso significa que apenas uma pessoa pode ter mandado ele aqui.

— Continue andando, Mairin — ele avisa quando tento parar. Olho para trás, franzindo a testa para um homem com uma capa dourada que esconde seu rosto.

Imagino Silas sussurrando na minha orelha, me dizendo para fazer alguma coisa, qualquer coisa. Para lutar. Não posso deixar quem seja me levar de volta para Ravensword. Não vou voltar lá. Rápida, me lanço para trás e dou um soco forte no rosto do homem, ouvindo algo quebrar. Dou um golpe com a perna, acertando o meio da sua barriga, e ele inclina para frente, puxando uma espada longa. Circulamos um ao outro enquanto ele puxa a capa e o reconheço na hora.

— Beta Valeriu? — sussurro em choque. O alfa deve estar ficando desesperado se está mandando um beta aqui. Ele sorri, mesmo com sangue

escorrendo pela bochecha.

— Diga para seus alfas para me deixar lutar com você sozinha, ou é uma covarde? — ele zomba. Ragnar pula do topo da escada, pousando atrás de Valeriu e fechando as mãos no pescoço dele.

— Mai é a loba mais corajosa que você jamais conhecerá, fodido — Ragnar grita, e com uma força incrível, pega Valeriu pelo pescoço enquanto ele luta para tirar as mãos do pescoço. Os olhos de Ragnar estão brilhando vermelhos, um vermelho assustador. Silas, Henderson e Valentine entram no recinto. Eles instantaneamente param na minha frente, me bloqueando do perigo.

Henderson olha para mim.

— Você está bem? Ele não te machucou?

— Não — respondo —, o treinamento do Silas entrou em ação bem na hora.

Silas olha para trás com um sorriso orgulhoso.

— Por isso, posso reconsiderar treinar novamente.

Valeriu atinge a parede da cozinha, fazendo-a tremer e gesso cair a nossa volta. Eu me esgueiro até Valentine, que passa o braço pela minha cintura, me segurando firme ao seu lado.

Valeriu se levanta com ajuda da parede, limpando sangue do queixo.

— O alfa deveria ter te matado pessoalmente quando roubou sua inocência todos aqueles anos atrás. Aquilo foi divertido de assistir. Você gritou e gritou. Bem como você irá fazer quando…

Ele nunca termina a frase quando Ragnar quebra seu pescoço e seu corpo despenca na parede.

Sinto como se não pudesse respirar quando todos eles viram para mim e me afasto de Valentine.

— O que diabos o alfa de Ravensword fez com você?

Olho para baixo.

— Quando tínhamos dezesseis anos, ele fingiu ser meu amigo e... bom, era um jogo. Ele se forçou em mim. Nunca pensei que fosse me recuperar daquele dia. A vergonha.

Ragnar anda até mim e segura meu rosto. Olho direto nos seus olhos.

— Você não tem nada para se envergonhar. Ele tem. E vou despedaçá-lo por isso. Juro para você.

— Você não acha que sou quebrada? — pergunto, minha voz falhando.

— Nenhum de nós acha — ele declara, suas palavras ecoadas pelos outros. Ele limpa as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas e meu coração bate forte no peito. Olho para Valentine, Silas e Henderson a nossa volta.

— Ele me disse que eu não era nada... Todos disseram — admito. — E acreditei. A matilha acreditou nele quando contou para eles que o seduzi e não gostei do que aconteceu. Que foi minha culpa.

— Não foi — Silas diz com firmeza.

— E nós vamos te dizer todos os dias o quanto você é linda e incrível e forte, até você acreditar — Ragnar fala, me soltando e dando um passo para trás, para que os quatro possam formar um semicírculo a minha volta. Nunca me senti mais segura ou mais desejada.

Menos quebrada.

— Aí que está... Vocês já estão fazendo isso — digo com um pequeno sorriso. — E agora sabem todos os meus segredos, e espero que vocês confiem em mim com alguns dos seus.

— Nós queremos te contar há um tempo — Henderson começa. Bem na hora que está prestes a dizer outra coisa, o mundo explode.

Grito ao voar, tijolos batendo no meu corpo até um pedaço grande me

atingir na cabeça e tudo ficar preto por um segundo. Abro os olhos, tossindo com a poeira a minha volta e enjoada com a dor. Minhas costelas gritam de dor quando me sento, encontrando o mundo rodando em uma névoa de poeira escura. Toco minha cabeça, vendo sangue cobrir os dedos enquanto minhas orelhas zunem. Tijolos continuam a cair a minha volta, e me sinto confusa. O que acabou de acontecer?

— Mai! — escuto Phim gritar. Viro na direção da sua voz, andando em passos instáveis sobre tijolos e pedras mesmo quando tudo continua a cair. Luz brilhante ilumina de repente pela poeira, e olho para cima para ver que o topo da montanha desapareceu, deixando luz intensa cobrir o que restou da casa.

Uma mão envolve meu pulso e viro para ver Phim, vendo-a falar, mas minhas orelhas zumbindo fazem ser impossível ouvir o que está dizendo enquanto me puxa com ela. Tropeço sobre pedras e na grama do lado de fora, e vejo que não estamos sozinhas quando minha audição retorna.

— Encontrei-a. Você poderia tê-la matado! — Phim grita para um homem. O homem é alto com cabelo branco comprido, olhos verdes brilhantes e um rosto lindo. Ele empurra Phim para fora do caminho e anda até mim, parando muito perto.

— Phim... o que está acontecendo? Quem é esse? — exijo, e viro para olhar para a casa. — Os alfas. Você tem que ajudar eles! Trey está lá dentro!

Duas mãos pousam nos meus ombros e grito quando o toque parece com gelo. Volto os olhos para o homem enquanto tento lutar para tirar suas mãos de mim, mas sou muito fraca ou ele é muito forte.

— Quem é você?

— A pergunta mais importante é quem é você, Mairin Fall? — ele replica com um sotaque que nunca ouvi antes. — Você é uma loba perdida? Uma amiga de infância dos quatro alfas mais importantes do mundo? Ou

você é a alma de uma deusa?

— O que você está falando? — questiono, sentindo ficar mais fraca. Ele está fazendo alguma coisa comigo. Mal posso erguer os braços agora para lutar contra ele, e minhas pernas parecem pesadas. Ainda consigo gritar. — Me diga!

Phim anda para o lado do homem e me olha no olho.

— Os alfas estavam mentindo para você. Você cresceu com eles porque vocês são ligados. Eles são as quatro partes da alma do Hades e você é a alma da Perséfone renascida em um híbrido metade anjo, metade lobo. Eles não são desse pequeno pedaço de mundo, e nem você. Eles sabem disso, e agora você também. O motivo de você ser tão próxima deles é que suas almas estão conectadas, e tem sido assim por milhares de anos.

Dou risada, balançando a cabeça.

— Você está maluca. Maluca! Isso não pode ser verdade. Eles teriam me contado! Eu saberia se fosse uma deusa e estivesse vivendo com Hades!

— Ela não está mentindo para você. Sei disso porque sou seu pai – o homem me segurando afirma, e olho de volta para ele enquanto asas de morcego douradas lentamente se esticam nas suas costas, aparecendo do nada. Dou um pulo, percebendo que o livro que li sobre anjos é real.

E Henderson o escreveu. Tantas outras pequenas coisas parecem se encaixar até a última o fazer. Valentine disse que eu parecia a mulher que eles perderam, mas ele mentiu.

Eu sou a mulher que eles perderam e mentiram para mim. Então esse homem está certo? Eles são mesmo Hades? O deus proibido? Foi assim que me salvaram?

— Vamos voltar para casa, Mairin. Você pertence a nós, não a eles — o homem afirmando ser meu pai fala enquanto minhas pernas cedem e caio nos seus braços sem uma alternativa. — Seraphim, pegue minha mão, filha.

— Filha? — pergunto entorpecida. Seraphim se aproxima, e pela primeira vez percebo que seus olhos têm a mesma cor dos meus quando começam a brilhar. — Não quero ir com você. M-me de-deixe...

— Olá, irmã.

NOTA DA AUTORA

Desculpe por deixar você aqui. Foi mal. *Cliffhangers* podem ser uma bela m... Alguns livros saem da minha alma e *Os Lobos* foi um deles. *Os Lobos* exigiu ser escrito durante lockdown, duas crianças, três cachorros e uma mudança de casa. Tenho que agradecer ao meu marido pela sua dedicação de impedir que as crianças entrassem no escritório a cada minuto. Passei tantas noites longas escrevendo a história de Mairin, e mal posso esperar para compartilhar mais dela com meus leitores. Lobisomens tem um local especial no meu coração e esse livro não é diferente. Me conte se você gostou desse livro com uma resenha rápida. Adoro lê-las.

Obrigada a todos que ajudaram, editaram, me serviram café ou inspiraram esse livro na minha cabeça.

Muito obrigada por ler minha história!!

Muito amor, G, xoxo.

SOBRE A AUTORA



G. Bailey é autora best-seller do USA Today e internacional de romance de fantasia e paranormal. Ela mora na Inglaterra com seus filhos atrevidos, seus lindos (e um pouco loucos) Golden Retrievers e seu namorado adolescente que se tornou marido. Ela adora xícaras de chá, maratonas de chocolate e Harry Potter, ela possui muitos cadernos e canetas aleatórias.

Para mais informações, siga a editora nas redes sociais:

Instagram

Site